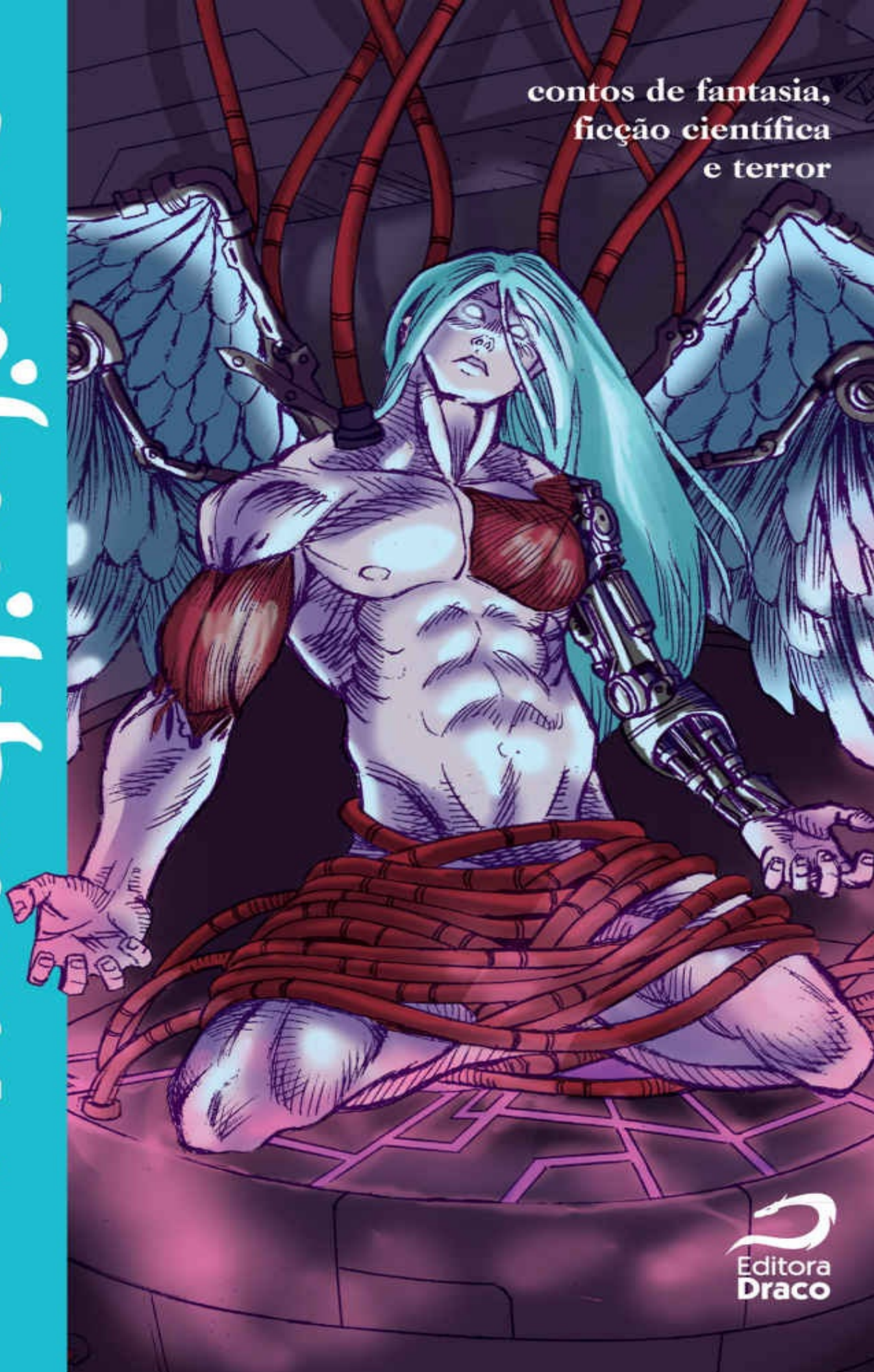


sois eixos

volume

6

contos de fantasia,
ficção científica
e terror




Editora
Draco



imaginários
contos de fantasia, ficção científica e terror

volume

6

Organizado por
Erick Santos Cardoso

1ª edição

Editora Draco

São Paulo
2015

Publisher: Erick Santos Cardoso
Edição: Cirilo S. Lemos
Produção editorial: Janaina Chervezan
Revisão: Clara Madrigano
Ilustração de capa: Marcelo Siqueira

Todos os direitos reservados à Editora Draco

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ana Lúcia Merege 4667/CRB7

Imaginários : contos de fantasia, ficção científica e terror : volume 6 / organizado por Erick Santos Cardoso. – 1. ed. – São Paulo : Editora Draco, 2015.

Vários autores.
ISBN 978-85-8243-143-6

I. Contos brasileiros I. Cardoso, Erick Santos II. Série.

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:
I. Contos : Literatura brasileira 869.93

1^a edição, 2015

Editora Draco
R. César Beccaria, 27 - casa 1
Jd. da Glória - São Paulo - SP
CEP 01547-060
editoradraco@gmail.com
www.editoradraco.com
www.facebook.com/editoradraco
Twitter e Instagram: @editoradraco

Sumário

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[A cruz de prata – Lúcio Manfredi](#)

[A Divisão de Aparecimentos – Nikelen Witter](#)

[A sala da prosa – Yvis Rissi Tomazini](#)

[Ainda há música – Clara Madrigano](#)

[Espiravale – Daniel Folador Rossi](#)

[Clair de lune – Laísa Couto](#)

[Parafilia sobrenatural – Fernando Salvaterra](#)

[O domador de tempestades – Roberta Spindler](#)

[Os Cavalos da Capadócia – André S. Silva](#)

[Gota a gota – Karen Alvares](#)

[Sobre os autores](#)

A cruz de prata **Lúcio Manfredi**

Meu irmão tinha sido transformado num rato branco e levado para o inferno. Em seu lugar, deixaram um macacão peludo, também branco, que de cara me fez pensar no Abominável Homem das Neves. Não morria de amores pelo meu irmão, mas nem por isso tinha achado a troca justa. Tudo que o bicharoco fazia era ficar parado, me encarando com aquele ar de pateta, e eu ainda tinha que fazer mil malabarismos pra esconder ele dos meus pais. Principalmente da minha mãe. Meu pai era tão distraído que provavelmente nem ia perceber, mas a minha mãe era capaz de dar à luz um cabrito montês. Depois de dois dias fazendo de tudo para não deixá-la descobrir, concluí que ia ser mais fácil descer aos infernos pra desfazer a troca do que passar o resto da vida tentando esconder aquela montanha de pelos brancos e grunhidos insignificantes.

– Pai, me empresta o crucifixo?

– Pra quê?

– Me empresta o crucifixo?

– Pra quê?

– Não posso dizer.

– Não posso emprestar.

Isso foi na cozinha de casa. A luz do Sol entrava pela janela com uma claridade que não tinha nada de infernal. Meu pai, como sempre, estava sentado na mesa, a cabeça enfiada numa bíblia do João Ferreira de Almeida do século XIX, uma das preciosidades que ele carregava pra cima e pra baixo, junto com um vidrinho de água-benta da gruta de Nossa Senhora de Lourdes e o crucifixo de prata abençoado pelo papa. Era esse crucifixo que eu tentava convencê-lo a me emprestar, porque eu é que não ia ser besta de ir pro inferno sem nenhum tipo de proteção. Claro, tinha o meu abominável guarda-costas, mas duvido que, em caso de emergência, ele fizesse outra coisa que não estorvar o caminho. Além do quê, eu não podia esquecer, a criatura tinha vindo dos íferos, vai saber com quem é que estava a lealdade dela afinal.

– É importante.

– Se é importante, diz o que é.

– É importante mas é secreto.

– Se é secreto, não tem importância.

Vi que desse mato, não saía coelho. Bem poderíamos ficar girando um à roda do outro pelo resto da eternidade, e eu acho que é o que teria acontecido, porque nem eu nem meu pai somos de dar o braço a torcer, se a minha mãe não tivesse entrado na cozinha pra preparar o almoço.

- Mãe, fala pro pai me emprestar o crucifixo?
- O quê que você quer com o crucifixo do teu pai?
- É que eu tenho que ir num lugar aí e preciso de proteção.
- Num lugar aí? Que lugar aí?
- Um lugar barra-pesada.
- Capão Redondo?
- Capão Redondo é pinto perto do lugar pra onde eu vou.
- Então fala onde é.
- Pra tua mãe você fala, né? Pra mim, é tudo secreto.
- Não posso falar.
- Não pode falar por quê?
- Se eu falar, você é capaz de dar à luz um cabrito montês.

Minha mãe parou de mexer o refogado e me encarou com a colher de pau na mão. Ela falava e pontuava com a colher, como se fosse um maestro regendo uma orquestra que nem estava lá.

– Não vai me dizer que transformaram o teu irmão num rato e levaram ele pro inferno?

E foi assim que eu consegui o crucifixo de prata do meu pai.

A entrada do inferno era um bueiro fedorento na esquina da minha casa. Olhando para aquele buraco pequeno e escuro, você jamais diria que eu e o abominável passamos por ali. Mas não se esqueça, não era um bueiro comum. Não era nem mesmo um bueiro, era só uma imitação, pra ninguém perceber que lá ficava a entrada para os domínios sulfúreos da existência.

Deixei o abominável ir na frente. Pelo menos pra mostrar o caminho ele servia, que isso não exigia inteligência nenhuma, só instinto e querência. Descemos por um corredor rochoso, iluminado por uma meia-luz alaranjada, ígnea, que vinha sabe lá Deus de onde. Não devia ser de nenhuma fonte respeitável porque, longe de dissipar as sombras, a luz só fazia com que elas ficassem mais espessas, dava a impressão de que era preciso afastar as sombras com a mão pra poder abrir caminho. Eu me via a mim mesmo de fora, como se estivesse me lendo numa história em quadrinhos. O abominável ia cada vez mais depressa, feliz por estar voltando pra casa, e eu quase não tinha pernas para acompanhá-lo. Meu fôlego ficava sempre alguns metros atrás de mim e, de vez em quando, eu precisava parar até que ele me alcançasse.

O diabo nos esperava num trono de papel machê. Seus chifres eram de plástico preto, assim como a capa sadomasoquista, e ele usava um macacão inteiriço, vermelhão, que lhe dava um ar de lutador de telecatch.

– Eu vim desfazer a troca – falei, sem nem cumprimentar.

O diabo cofiou o bigode pontudo.

– Não tá satisfeito com a mercadoria?

O abominável soltou um grunhido em chewbaquês.

– Você chama *isso aqui* de mercadoria?

O diabo cofiou o cavanhaque pontudo.

– Assim você me coloca numa situação difícil.

Encolhi os ombros.

– Não sei por quê. Você devolve meu irmão, eu devolvo o abominável. Cadê a dificuldade?

Ele levantou e, com cuidado para não tropeçar na capa, veio em nossa direção. Se o objetivo era ameaçar, não funcionou. Eu tinha o crucifixo de prata no meu bolso.

– Tá vendo aquela placa ali?

Apontou pra uma parede atrás da gente. Olhei. Era uma tabuleta branca, de plástico, dessas que os donos de botequim penduram pra anunciar que fiado, só amanhã. Esta dizia, em letras vermelhas com filigranas verdes que, uma vez concluído um negócio, não podia ser desfeito.

– Então, a gente faz um negócio novo – sugeri. – Troco o abominável por um rato branco que, por acaso, é meu irmão. Feito?

O diabo deu uma risada astuciosa.

– Gostei. Quando você fizer catorze anos, me procura, eu posso ter um emprego de vendedor pra ti.

Ainda faltava um ano e meio pra me preocupar com isso.

– E o negócio? Aceita?

– Não.

– Por quê?

– Porque a essência do comércio é comprar barato e vender caro.

– Como assim?

– Eu paguei um abominável pelo teu irmão, só que agora o valor de troca dele subiu e o do abominável desceu.

Ficamos olhando um pro outro um tempão, feito faroeste. Ele não piscava. Eu não piscava. O abominável grunhia grunhidos insignificantes. Não havia outro jeito. Eu ia ter que apelar.

Enfiei a mão no bolso e saquei a cruz de prata do meu pai.

Fizemos o caminho de volta em silêncio. Eu porque tinha muito com o que me preocupar, e o meu irmão porque ratos brancos são silenciosos. A transformação era irreversível, minha mãe ia ter que se acostumar com a idéia de que o filho mais velho agora era um rato. Mas não era ela que me preocupava. Pra quem já parira um cabrito montês, um rato branco não era problema. Até porque podia ser pior. Em vez de um rato, podia ser um saco de batatas. O que me preocupava era o meu pai. Ele não ia gostar nada de saber que eu troquei a cruz de prata por um rato branco.

Era uma cruz abençoada pelo papa.

A Divisão de Aparecimentos Nikelen Witter

– Vem, garoto. A chefe está esperando.

A veterana abriu a porta só até a metade, velando o corredor interno e fazendo com que Daniel se perguntasse mais uma vez onde diabos estava se metendo. Voluntário, cara. Você foi voluntário! O pensamento ia do tom de explicação ao de acusação, ao mesmo tempo em que se erguia dentro da cabeça dele se pondo aos gritos. Levantou devagar da cadeira constatando aliviado que conseguira fazer isso sem tremer. A pequena vitória esbarrou no olhar descrente e algo piedoso da veterana. Carne fresca, ela deve estar pensando. Ou, coitadinho. Piscou longamente para cobrir a vergonha. No vidro fosco, escrita em arco, era possível ler: DIVISÃO DE APARECIMENTOS, logo abaixo, numa letra menor (mas não tanto quanto deveria) em linha reta: SÓ ENTRE SE FOR CONVIDADO. Ou voluntário, lamentou-se Daniel ultrapassando a porta.

Entrara na polícia em 2078, antes de estourar a grande depressão econômica. Era um trabalho bom, concursado, e de escritório. Algo que ficava muito bem com seu gosto por computadores e outras máquinas antigas que não eram acopladas ao corpo. O ambiente *vintage* da DP era bom também. Nunca vira um bandido muito de perto, no máximo ajudara em reconhecimentos e coisas assim. Era o garoto do escritório e estava legal, na boa, sério! Ficava numa salinha num canto extremo do prédio, cercado de aparelhos ultrapassados, que podiam ser abertos com chaves mecânicas e não necessitavam de decodificação genética. Ele era indispensável na DP, mas como lidava apenas com coisas ultrapassadas, só era solicitado muito de vez em quando. Era um bom trabalho. Tranquilo. Com um salário suficiente para comprar gadgets e até ajudar em casa. O que mais se poderia querer tendo apenas 8 cursos técnicos? Daniel se orgulhava de que somente 3 destes lhe tinham sido implantados por chip. Não que isso deixasse a mãe dele – uma franca adepta de menos tempo gasto em educação e mais tempo investido em ganhar dinheiro – de alguma forma contente. Sendo franco, esse tipo de coisa não costuma ser suficiente para qualquer mãe e a do Daniel era típica de doer na ponta dos dentes. Em resumo, ela achava que não ia servir pra nada aquela obsessão dele por coisas velhas e por aqueles malditos joguinhos que precisavam que se usasse as mãos. Que seria muito melhor se eles economizassem um pouco e ele implantasse um chip universitário, aí sim os bons empregos viriam. Dona Marisa sonhava em ganhar na loteria para que pudessem comprar um chip de médico de implantes ou de advogado especialista em processar corporações. Ficou surpresa ao saber que Daniel passara no concurso para a polícia e quando, um ano depois, o mundo veio abaixo na crise dos doze dias (que todos sabiam que se estenderia por uns vinte ou trinta anos), ficou exultante por ele

não ter sido posto na rua, como um número absurdo de pessoas foi. No bairro deles, não havia casa em que não houvesse pelo menos um desempregado, às vezes, dois, em alguns casos, todos.

Quatro anos depois de ter sido chamado para ocupar a vaga na DP, ele ainda era o garoto do escritório e isso começou a lhe parecer meio sufocante. Não que quisesse ir para a ronda de rua, nada disso. O treinamento de campo que fora obrigado a fazer só lhe confirmava sua incapacidade de lidar assim, cara a cara, com a aquela coisa de, sabe, realidade real do jeito que realmente acontece. Aquilo era coisa de louco. Não era pra ele, com certeza. Sem falar que teria de entrar numa dieta. Nem pensar. No entanto, a vaga necessidade de mudança se aliou com uma curiosidade antiga, que tinha se implantado nele desde o primeiro dia em que caminhara pela DP. Afinal, o que era a tal DIVISÃO DE APARECIMENTOS?

A porta da sala ficava sempre fechada, quase não se via o pessoal entrar lá, mais raramente se via alguém sair. Os poucos que faziam isso eram muito fechados, não olhavam nos olhos de ninguém e, quando falavam, era para dar ordens de cima, que todo mundo acatava. O resto do povo que trabalhava na DP mantinha uma distância respeitosa. Uns 30% dos seus colegas daria um rim para saber exatamente o que acontecia lá dentro, os outros 70% tinham informações vagas e parciais suficientes para ter certeza de que não queriam chegar nem perto daquela porta, quanto mais ser convidados a entrar lá dentro. Daniel nunca tinha deixado de perguntar. Afinal, a DIVISÃO DE DESAPARECIMENTOS está com a porta escancarada, é bem normal, as coisas funcionam, é meio triste, claro, mas o que se há de fazer? A APARECIMENTOS deveria ser algo mais legal, não é? Por que não é? Aliás, por que existe? Não é a DESAPARECIMENTOS que procura gente que some? Se eles acham o sumido, o caso passa para a outra divisão? Eu não consigo entender a lógica?

O pessoal dava evasivas e lhe enfiava um café com bolinho pela boca para que ele ficasse quieto. O mais próximo que chegou de uma resposta foi com o Sargento Maia. Cara quieto, irritadiço, que pareceu ponderar entre lhe responder ou deixá-lo inconsciente.

- A APARECIMENTOS não investiga o que desapareceu, só o que aparece.
- Como assim?
- Vai achar o que fazer, garoto!

Por que raios ele cismou de descobrir o que a APARECIMENTOS fazia, era o que ainda se perguntava enquanto ouvia a veterana fechar a porta atrás deles e fazer um sinal para que a seguisse pelo corredor estreito e branco. Ali não havia aquelas manchas de mofo no teto, comuns no resto da DP. Nem aquelas pontas caídas que aparecem com o tempo nos forros feitos de caixas de leite recicladas. Tudo era muito imaculado, lembrava hospital, os de ricos, claro, e de antes da quebradeira dos

bancos, com toda a certeza. Havia portas por todo o corredor. Todas brancas e fechadas, sem nenhum tipo de identificação ou vidro. Daniel forçou a audição como quem força os olhos para tentar escutar algo além das portas, mas não conseguiu nada. O lugar recendia a papel queimado. Vagamente, Daniel registrou que o corredor parecia longo demais para caber dentro do prédio da DP. Parecia avançar para além dele, por sobre a rua que passava na parte de trás. Preferiu parar de supor ou acabaria correndo dali e pagando um mico tão grande na DP que teria de se demitir e mudar de cidade.

A sala da chefe ficava no final do longuíssimo corredor. A porta era mais normal, com vidro fosco e o nome da delegada responsável escrito em preto sobre a designação do cargo. A veterana, Sargento Souza, adiantou-se e abriu a porta.

– Entra. Ó, o garoto, doutora.

– Certo, certo, obrigada, Janete. Entra aí, Daniel.

A delegada lhe estendeu a mão e ele registrou o primeiro nome dela escrito na plaquinha preta de letras brancas à sua frente: Elizabete Goya. Sentou desajeitado e sorriu. A chefe não devolveu. Era uma mulher pequena, cabelos cinzentos, curtos e revoltos, óculos de aro vermelho, exalando praticidade como se fosse um tipo de perfume.

– Então, você quer trabalhar conosco.

O tom do *quer* desconfortou Daniel.

– É.

– Mhum. – Ela escorou as costas na cadeira. – Há quanto tempo está na polícia?

– Quatro anos.

– Serviço?

– Atividade de escritório.

– Disseram-me que você é um gênio de computadores. Um geek à moda antiga, dos que não fazem mais.

O elogio deixou Daniel confiante o suficiente para arriscar um tipo de modéstia, a chefe não deixou.

– Se negar que isso é verdade, eu te mando de volta pra DP. Preciso de alguém assim na minha equipe e não de qualquer técnico mais ou menos que não sabe diferenciar um cabo USB de um HDMI, fui clara? Então – ela colocou o corpo pra frente – é o cara que eu preciso ou não?

– Sou, sim senhora.

– Ótimo! – Ela encostou o dedo num dos lados do teclado digital sobre a mesa. – Janete, pode me trazer os arquivos? Os que separei para mostrar ao Daniel. Obrigada.

Ela não disse nada enquanto os dois esperavam, o que não foi muito. A sargento entrou com o que pareceu a Daniel ser uma caixa de papéis. Só numa DP para ainda

se ver uma coisa dessas, mesmo assim era raro e significava material antigo, muito antigo. Os poucos segundos que levaram para Sousa largar o material sobre a mesa da chefe e sair de novo, deram a Daniel espaço suficiente para questionar novamente o que fazia ali e por que tinha respondido com tanta certeza à pergunta da delegada.

A chefe levantou da cadeira, abriu a caixa e tirou dela uma pasta parda, com um volume razoável de papel amontoado ali. Havia uma data escrita sobre a pasta numa caneta de tinta verde. Ela deixou cair o volume sobre a mesa e voltou a sentar, jogando-se para trás na cadeira.

– Cerca de 150 anos atrás, um homem foi atropelado em Nova York. Os carros eram recentes, mas já haviam tomado as ruas e já se fazia uso de semáforos. Conhece um pouco de História, certo? Ótimo. Então, você pode figurar a cidade – o tom rápido da delegada não deixava dúvidas de que ela já havia contado aquela história algumas vezes. – Bom, o homem atravessou a rua no momento em que o sinal abriu para os carros. Foi socorrido, levado ao hospital, mas morreu. Tinha uns 30 anos, usava terno e a única identificação que levava com ele era o cartão de sócio de um clube masculino. Ali havia um nome: James Aron Held e um endereço onde o cartão deveria ser entregue se fosse perdido. A polícia já cuidava do caso, estava com o atropelador em mãos, agora tinha de encontrar a família do falecido. Acontece que o endereço não deu em nada, na rua marcada não havia nenhuma casa ou prédio com aquele número.

A chefe fez uma pausa e abriu a pasta, começando a procurar um papel específico. Daniel não conseguiu segurar a pergunta:

– A polícia foi ao clube?

– Obviamente. Só que ninguém conhecia o homem, nem por nome, nem pela foto tirada do morto.

– Os arquivos do cl...

– Sim, eles acharam o nome nos arquivos e também um outro endereço – a chefe colocou o cartão e a foto do morto na frente dele. – Na casa vivia uma viúva já idosa, de nome Held. Antes de dar a notícia sobre a morte do rapaz, os policiais perguntaram sobre o filho, pois julgavam que esta seria a relação entre os dois. Só que ela não tinha filhos homens, apenas uma moça, que vivia em Connecticut. Então, eles falaram do atropelamento e mostraram a foto do morto para ela.

– E aí?

– A mulher não identificou o cadáver. Mas disse que o nome era o do sogro dela, o marido, já falecido se chamava John Aron Held. Só que o tal sogro estava desaparecido havia 47 anos. – Daniel arregalou os olhos. – Ela tinha uma foto do tal homem e entregou aos policiais. – Goya colocou a foto, agora de um homem vivo, ao lado da foto do cadáver. Não precisava ser gênio. – Alguma teoria sobre o que aconteceu?

– Eu, hã? Isso é algum tipo de brincadeira? Tipo história de fantasmas e coisas esquisitas, por que...

– Acha que se criaria uma divisão da polícia, que se espalharia por cada DP do mundo por conta de algum tipo de historinha de fantasmas, garoto?

– Não. Não, eu...

– O homem atropelado, muito provavelmente, jamais vira um carro em sua frente. Estava andando por uma rua calma, desviando de algum tipo de carruagem, indo jogar em seu clube. Nunca mais voltou para casa porque, no instante seguinte, seus passos o tinham colocado sobre um cruzamento movimentado no momento em que o semáforo o mandava não andar. Ele não viu ou sequer compreendeu o automóvel que o atingiu.

Daniel piscou várias vezes. A chefe foi colocando em sua frente cópias dos arquivos que provavam cada uma de suas palavras. Havia nelas um carimbo da DP de Nova York, escrito, claro, em inglês. Daniel brigava com duas lógicas dentro da cabeça.

– Isso... isso parece se tratar de uma fenda espaço-temporal, certo? Mas a ciência diz...

– A existência das fendas já foi provada. É com isso que trabalhamos aqui.

– Mas, mas, não é possível. Eu... eles dizem que não é possível localizá-las, ou verificar de fato se existem. Dizem que se pudéssemos conhecê-las realmente, ou pelo menos os *buracos de minhoca*, se poderia otimizar as viagens espaciais. Mas é tudo teoria.

– Garoto é melhor você começar a distinguir entre o que dizem para o vulgo saber e a verdade.

– Eles estão mentindo?

A chefe fez um gesto impaciente.

– Por quê?

– As fendas são muito mais perigosas do que se imaginava no início. Transportar gente de um lado para o outro, sem controle, sem barreira, é só a mais inofensiva das suas ações e já nos dá um bocado de trabalho.

– Como assim?

– A polícia mundial começou a se dar conta do aparecimento de gente que não devia estar lá. Isso cresceu na medida em que aumentávamos o número de máquinas capazes de concentrar informação. Por algum motivo, elas criam um tipo de campo eletromagnético que passou a favorecer a abertura final dos canais por onde as pessoas sumiam. Foi preciso organizar uma divisão inteira e espalhada pelas DPs do mundo para dar conta dessa gente.

– O que – Daniel tremeu ao perguntar – o que a divisão faz com eles?

– Quando nos chegam inteiros? É garoto, eles nem sempre chegam inteiros desse

lado. Já vi coisas de deixar açougueiro nauseado. Bem, quando eles chegam inteiros, se é possível, recondicionamos a cabeça deles, criamos uma memória nova, algumas famílias de descendentes os adotam quando eles têm condições de levar uma vida independente ou quase. Alguns, no entanto, entram nas fendas numa fase da história tão estreita em termos de visão de mundo que só a tentativa de reconfigurar o cérebro pode fritá-lo. Temos casas de internação específicas para eles, algumas funcionam melhor, outras pior. O governo detesta gastar dinheiro com isso, mas as alternativas... Olha, há muita discussão política sobre isso tudo e, em alguns países, já se está determinando a execução dos “transladados” (é como os chamamos). Para não dar despesas ao contribuinte, sabe? Eles já estariam mortos mesmo. Aqui, ainda sustentamos os coitados, afinal, não têm culpa, mas, é preciso que, assim que apareçam, sumam. Pelo bem de todo mundo.

– Eu... eu não entendi.

Daniel até achava que entendia, mas a cabeça não estava funcionando direito depois de todas aquelas informações. Havia um zunido em algum canto que parecia impedi-lo de pensar.

– Não seja lento, garoto. Já imaginou se essa informação chegasse no povão? Se as pessoas comesçassem a temer que cada passo seu poderia levá-los para outro tempo e lugar, sem o menor controle ou coisa pior? Porque é exatamente isso o que acontece.

– O que é pior?

– Fendas de choque com a anti-matéria. A matéria, digo, a gente, desintegra. O cheiro é terrível. De qualquer forma, quando descobrimos isso, foi possível usar o contato com a anti-matéria para fechar algumas fendas perigosas.

– Fechar? Como?

– A maioria das fendas é aleatória, abre e fecha por si. Porém, há aquelas que ficam abertas vomitando coisas por horas, dias, até décadas. Precisamos encerrar essas até conseguir fechá-las. Já construímos prédios inteiros em volta de uma fenda para controlá-la. Quando conseguimos acessar a anti-matéria, pudemos fechar algumas dessas fendas como quem cauteriza um machucado. Os efeitos colaterais não são dos melhores, mas são mais aceitáveis do que a alternativa.

– Que tipo de efeito colateral?

– O tsunami no Rio Grande do Norte em 2170.

– Que tipo de alternativa?

– Receber uma divisão inteira do exército nazista em um bairro negro pobre da África do Sul.

Daniel não conseguiu reprimir a careta de desconforto e demorou a sentir-se profissional de novo.

– Então, Daniel?

Não havia necessidade de completar a pergunta ou dizer o que estava implicado caso sua resposta fosse sim ou não.

– Qual vai ser a minha sala?

A delegada pareceu satisfeita, mas não impressionada.

– A Souza te levará até lá. Leve a caixa, quero que a estude bem para saber exatamente com o que está lidando.

O rapaz abraçou a caixa e a ergueu da mesa, caminhando para a saída.

– Daniel – ele se voltou – eu não preciso dizer qual deve ser seu comportamento fora daqui, preciso?

– Não, senhora.

– Ótimo! Ainda assim, ficará algum tempo o chip localizador do seu pescoço ativado por voz, qualquer combinação de palavras que leve a esta divisão e iremos atrás de você, compreendido? Muito bem, agora pode ir. Ah, não entre nunca na sala 44.

– Por quê?

– Porque eu estou dizendo para não entrar.

Foram dezoito semanas, nas quais o universo no qual Daniel acreditava se destruiu e reconstruiu vezes sem conta. A cada dia, ele compreendia mais a maneira de ser dos colegas da DA, como a chamavam internamente. Não havia como ser sociável, rir das piadas – era como se cada uma remetesse a algum episódio que ele lera nos arquivos e que não queria lembrar – ou mesmo andar em linha reta. Acredite, a linha reta É o menor caminho entre dois pontos e no meio deles, pode muito bem haver um fenda espaço-temporal. Os bêbados é que estão certos, eles têm três vezes mais chances de desviar de um portal dimensional do que alguém sóbrio. O irônico é que se você entrasse por um deles, iria desejar ter bebido algumas, ou todas. Talvez fosse por isso que os portais preferiam as linhas retas e quase sempre rejeitavam os bêbados, numa tentativa de causar o maior dano possível. Daniel jogou os braços para o alto e depois escondeu o rosto nas mãos, massageando os olhos com cansaço. Ótimo, cara, agora você está pensando nestas aberturas como se tivesse algum tipo de vontade inteligente. E ainda tinha a diabólica sala 44, na qual, obviamente, não parara de pensar desde que fora induzido a pensar nela 24h por dia. Ao menos, era assim que ele lia o aviso da chefe. Não. Por que não? Porque não. Isso lá era resposta de gente adulta para gente adulta?

Daniel não tinha muitos amigos antes de entrar na DA, não fez nenhum depois que entrou e perdeu alguns logo nos primeiros meses. A mãe ficou eufórica na semana em que ele começou, suspirou muito na segunda, ficou definitivamente preocupada na terceira. A partir daí passou a se queixar regularmente para as vizinhas de que ele, agora, trabalhava demais, mas, ao menos estava empregado, graças a Deus.

O problema é que os amigos passaram a não importar mais, nem mesmo a falta deles. A DA e suas histórias devoraram Daniel por inteiro e ele já pouco pensava em outra coisa. Como pensar? Imagine um homem tropeçar na Itália, em 1727, e cair no chão do México em plena revolução zapatista. Ou a mulher que foi cumprimentar o irmão no jardim da própria casa em 1910 e se viu no meio de uma praia carioca nos anos 2000. Era assustador pensar que todos estavam calmos, perfeitamente seguros, caminhando em suas amadas linhas retas quando, pimba, já estavam em outro lugar sem jamais poderem retornar às suas próprias vidas. No início, ele decidiu que odiava os governos que optavam por eliminar os transladados. Injeção letal era o meio escolhido por 8 entre 10 países, mas havia os que preferiam envenenamento por comida. Contudo, com o tempo, conhecendo as histórias dos que estavam em hospitais como loucos, encostados em famílias que não os amavam nem queriam, abandonados em apartamentos de subúrbio de onde nunca saíam por medo do mundo que não lhes pertencia, Daniel passou a pensar diferente. Perguntava-se, afinal, se não era muito mais humano dar um fim ao corpo, já que era isso o que havia acontecido com suas vidas. Morrer devia ser melhor, muito melhor do que aquilo. Isso, claro, em se tratando dos que chegavam inteiros. Daniel lera apenas alguns dos processos desses casos e fora o bastante.

Nas últimas semanas, passara estudando as tais fendas que não se fechavam. As que podiam ficar, como definira a chefe, de semanas a anos regurgitando todo o tipo de objeto e, algumas vezes, gente. Descobrira que em certa região, próxima ao polo norte, haviam sido encontradas carcaças de aviões e navios, além de corpos congelados, os quais batiam de forma dolorosamente exata com coisas e pessoas sugados pelo maior ralo espaço temporal do planeta: o triângulo das Bermudas. Embora este fosse um setor de desaparecimentos e nunca o contrário, suas óbvias características especiais o colocaram sob o monitoramento da DIVISÃO DE APARECIMENTOS da CIA já nos anos 1930 (praticamente quando a divisão foi criada). Daniel estava completamente fascinado por estes buracos de minhoca contínuos e as coisas que foram feitas para mantê-los sob controle. Algo, porém, o perturbava. Desde que se descobrira como usar a anti-matéria para cicatrizá-los, porque isso não fora feito com todos? Por que alguns eram mantidos abertos? Porque se moldava mil coisas a sua volta para mantê-los, ao invés de simplesmente fechá-los?

A dedicação de Daniel tinha lhe rendido mais do que conhecimentos. Ele tinha se esforçado para provar que era muito bom na investigação de máquinas antigas e que sabia o que estava fazendo. Com três meses de trabalho na DA, ele já era chamado a opinar sobre quase tudo o que aparecia e porque aparecia. Já fora chamado para diligências investigativas pela própria delegada e sentia-se exponencialmente mais seguro em suas opiniões e em poder emití-las. Com todas as dúvidas e partes

díficeis e incômodas, Daniel estava certo de que encontrara o melhor de todos os trabalhos. Se tinha alguma suspeita de que conquistara a confiança da chefe e dos colegas da DA, esta se dissipou numa quarta-feira, antes do feriadão. Daniel encontrou um artefato sobre sua mesa assim que chegou do almoço. Voltou até a sala da Souza antes mesmo de olhar com mais calma o objeto.

– Janete – disse colocando a cabeça para dentro da porta – o que é aquilo sobre a minha mesa?

– A chefe quer que você descubra. Relatório antes do feriadão – ela devia estar jogando paciência, pois olhava sem piscar a tela à sua frente.

Daniel abriu os braços inconformado.

– Inacreditável. Podem pelo menos me informar de onde veio a aquilo?

– Sei não – disse Janete do mesmo jeito monótono. – O pessoal achou que tinha cara de tecnologia antiga e que você poderia dar uma olhada antes dos arqueólogos abrirem o treco na segunda-feira. A chefe não os acha confiáveis em qualquer coisa que possua algo assemelhado a um transistor. Eles realmente não lidam bem com isso.

Daniel murmurou um ok contrafeito e começou a dar adeus aos seus planos de passar o feriadão comendo e jogando o Playstation 224 que ele comprara com seu novo salário.

O objeto em sua sala era do tamanho de uma máquina jurássica de escrever e até se parecia com uma, mas obviamente tinha um funcionamento que implicava em alguma fonte de energia. Uma série de teclas com caracteres estranhos parecia reagir à proximidade do tato ou do calor do mão. Daniel apostava no tato, pois sua mão formigava enquanto as teclas adquiriam um brilho suave, como se finíssimos filetes de gás neon escapassem por ali. Testou e mexeu na máquina com todos os instrumentos que tinha, dos mais sofisticados até uma valiosíssima chave de fenda (que ele sabia ser o único a possuir num raio de 100 ou 150 km). Nada pareceu fazer efeito. Nada abriu ou fez com que a máquina revelasse qualquer coisa. Depois de muito fuçar, percebeu que alguns caracteres pareciam brilhar sem lógica, em sequencias aleatórias e não repetitivas. De início prestou imensa atenção esperando alguma ação nova, como a máquina permaneceu igual, ele desistiu e começou a teorizar se ela não estava simplesmente reagindo a uma fonte de calor, no caso, ele próprio. Quando o relógio bateu 18h, ele achou que teria de tomar uma decisão. Se fosse realmente adulto, faria um breve relatório descritivo da máquina e de suas tentativas de abri-la, relataria seu fracasso e encerraria o caso. Na segunda, os arqueólogos iriam passar o dia intrigados com ela e, na terça, os engenheiros a viriam abrir a marretada e eles finalmente saberiam o que havia dentro. Pronto. Tudo resolvido. A alternativa? Ah, a alternativa era lembrar que ele era um geek de velha cepa e que não desistia unicamente porque nas primeiras 122 tentativas o código

tinha dado error 45...

Não. Espera.

Algo inteligente. Um código. Um...

Ele ficou quieto, bem quieto. Aproximou a mão direita dos caracteres e lá veio uma sequência. Ele simplesmente a imitou, tocando nos caracteres. A máquina deu um zunido, seguido de um clic. Não modificou nada na aparência, mas lhe trouxe outra sequência, Daniel repetiu segurando o entusiasmo. A máquina pareceu morrer e não fez nada. Droga! Ele aproximou a mão e a primeira sequência repetiu, e ele também, zunido e clic. Então a segunda sequência. Seria tolice repeti-la tal e qual. Havia algo ali. Por pura intuição Daniel tocou a sequência usando os caracteres à direita daqueles que a máquina brilhara. Zunido e clic. Daniel mal podia acreditar quando a terceira sequência veio e ela pareceu satisfeita em ir tão longe. Ao invés de repetir o procedimento anterior, Daniel arriscou e tocou os caracteres à esquerda. Desta vez o zunido foi mais prolongado e quando o clic veio a máquina abriu como uma espécie de flor exótica. Aquilo não era nenhuma tecnologia que Daniel conhecesse, disso ele tinha certeza. Apesar do designe que lembrava algo antigo, aquilo ali não era uma relíquia. Se viera de algum lugar era do futuro. Dentro da máquina, enrolado, estava um fio branco muito fino e de um brilho pálido, como uma fibra ótica maleabilíssima, e devia ter alguns quilômetros dela lá dentro.

Ele estava tão ansioso que esqueceu até de bater à porta antes de entrar.

– Chefa, desculpa, mas de onde veio a máquina?

– Boa tarde, Daniel. Ou melhor, boa noite – a chefe estava digitando e o olhou sem erguer a cabeça.

Daniel respondeu angustiado ao cumprimento.

– Por favor, chefe, de onde veio aquela máquina?

Elizabete se embalou na cadeira, olhando-o com um interesse satisfeito.

– Conseguiu algo?

– Bem mais do que imaginava que poderia. A senhora sabe de onde veio a máquina, não é?

– Eu sabia que você não me decepcionaria, Daniel. Conte-me o que conseguiu?

Ele respirou fundo. Precisava que ela confirmasse suas suspeitas antes de responder qualquer coisa.

– Ok, conte-me primeiro o que há na sala 44?

A mulher mudou imediatamente de postura.

– Daniel, eu...

– Foi de lá que a máquina veio, não foi? A sala tem a entrada de um buraco de minhoca, não é? Dos que não fecham nunca, certo? Por isso que o prédio se alonga para o que parece ser além da rua, porque a parte em que estamos trabalhando está numa ponte entre dimensões. É por isso que ninguém acessa a sala 44. Estou mais

do certo, não é mesmo? Agora, apenas confirme e me diga se a máquina veio de lá, por favor.

Primeiro, Daniel achou que a mulher pularia no seu pescoço e ele ficou temendo cada palavra que tinha dito, então, o rosto dela suavizou.

– Está certíssimo. A máquina apareceu esta manhã na sala 44.

O rapaz relaxou, sentando na cadeira em frente a chefe.

– O prédio está mesmo em torno dessa fenda, não é?

– O prédio? Se liga garoto? Você estudou na escola o que eram esta cidade e esta região, a parte mais atrasada do sul do país. Isto aqui, por uns duzentos anos jamais ultrapassou 10 mil habitantes, então, numa década, se tornou uma metrópole. Não construímos um prédio em torno da fenda, Daniel, construímos esta cidade inteira.

– Por quê? Há algo importante ou diferente aqui? Digo, por que nunca cicatrizaram essa fenda dimensional? Por que a deixaram aberta, vomitando coisas e, sei lá, pessoas?

– Nenhuma pessoa veio por esta fenda. Apenas coisas e alguns animais selvagens, mas conhecidos, modernos, eu diria.

– Não respondeu minha pergunta – insistiu com uma careta.

– Os grandões se reuniram e decidiram que todas as fendas espaço-temporais encontradas deveriam ser fechadas, exceto uma. Apenas uma seria deixada aberta.

– Por que esta, especificamente?

– Porque este é um lugar improvável, ignorado e desnecessário para o mundo.

– Qual o motivo de deixar apenas uma aberta?

– Precaução. Do mesmo tipo que nos faz manter a varíola viva em laboratório ou armazenar corpos de vítimas da espanhola no gelo, ou procurar, desesperadamente, material genético das primeiras pestes negras.

Houve um silêncio. Então, Elizabete mudou a postura e se escorou como um tigre sobre a mesa.

– Sua vez, Daniel.

Ele se mexeu desconfortável na cadeira.

– Preciso ir até a 44.

– Por que eu faria isso?

– Por que eu acho – ele parecia subitamente assustado com a ideia – eu acho que a máquina é um convite. Um jeito de a gente entrar no buraco de minhoca e voltar para contar o que há lá dentro.

Elizabete desmontou como um boneco de pano.

– Tem certeza, garoto? De onde tirou isso?

– Não, não tenho certeza, chefe. Olha, é apenas uma aposta, mas tenho a impressão de que se não apostarmos, a vantagem estará com o outro jogador.

– Que outro jogador, Daniel? – a voz dela esganiçou uma oitava.

– O que quer que esteja do outro lado, chefe. Acredite. O que tem do outro lado, se não controla todas as fendas, controla a maioria delas, é inteligente, muito inteligente, e quer alguma coisa. Podemos sentar e esperar que consiga, ou investigar e ter alguma vantagem.

– Acha mesmo que estamos em desvantagem, Daniel? – ela continuou no ritmo agudo. – Qual é? A nossa tecnologia...

– É reagente, chefe. Nós reagimos ao que quer que esteja lá. Sendo assim, estamos atrás, sempre atrás. Por isso, acho que seria inteligente tentarmos saber algo sobre o que há lá, antes que o outro jogador saiba mais de nós do que gostaríamos que soubesse.

Elizabete tinha um ar menos eficiente e mais cansado quando lhe pediu que a aguardasse em sua própria sala, pois ela precisava fazer umas ligações. Foi encontrá-lo duas horas depois. Pediu que ele lhe mostrasse a máquina e o que encontrara. Depois, o levou até a 44. A sala era decepcionante. Um cubo cinzento de tamanho ordinário. Daniel acharia que tinha sido enganado se acaso não estivesse ventando (e forte) dentro de uma sala sem janelas. Mais que isso, o vento tinha um cheiro verde, lembrava mato, floresta, coisas assim. Eles ficaram na porta.

– O chão parece sumir quando pisamos nele, ela explicou. – Acha que consegue descobrir como usar a máquina para entrarmos pelo buraco de minhoca?

– Acho que sim. Pode levar um tempo...

– Até domingo.

– Domingo?

– É o prazo que nos deram.

– Por quê? – questionou com uma careta indignada.

– Ah, Daniel, nem me pergunte sobre isso – disse desalentada –, apenas faça o que puder. Vou mudar seu plantão para ninguém perguntar de você aparecer aqui no feriadão. Ficaremos somente nos dois na DA. Vá para casa, jante, não fale nada do que descobriu, pegue umas roupas e venha trabalhar o quanto aguentar. Se precisar, consigo algumas drogas para mantê-lo acordado, ok, mas precisamos disso resolvido até domingo.

– Certo, mas o que, o que pretendem nos dando esse prazo tão curto?

Ela o encarou com uma sinceridade dura.

– Querem que se vá até lá, volte e conte tudo.

– Mas, como assim? Espere, como vamos saber se é seguro? Eu não tenho como descobrir tudo e ainda...

– Eles estão com medo, Daniel. É o que movimenta noventa por cento das ordens que recebemos. Nessa, acho que o medo está em quase cem por cento. A ordem é que eu desça. Desculpe por minha confiança em você e meus relatórios sobre sua competência o terem colocado também na linha de frente. Você vai operacionalizar a

coisa toda e me ajudar.

– Mas...

– Ordens dadas, Daniel.

Ela puxou a porta, voltou a trancá-la e o deixou sozinho, tartamudeando no corredor.

Seria exaustivo enumerar o que se fez em cada hora de trabalho daquele feriadão. Daniel tinha certeza de que, não importava o quanto vivesse, nenhuma outra sequência de dias ficaria gravada com tanta força em sua memória. Mais que as ordens, ou qualquer droga que tomasse para ficar acordado, movia-o a mais alucinada curiosidade. Algo muito maior do que ele sentira antes de candidatar-se ao cargo da DA. Continuamente desafiado pela máquina, houve momentos em que ele acreditou que não teria competência para quebrar seus códigos e fazê-la funcionar como devia. Então, às 9:45 da manhã do domingo ele entrou na sala da chefe.

Elizabete Goya não estava sentada trabalhando como de costume. Estava em pé, fumando – o que era proibido por lei há uns 80 anos, mas e daí? – e raspando o esmalte das unhas com os dentes. Ela dava pequenos passos pela sala, como se quisesse contar cada risco que havia no chão de linóleo cor de areia.

– Conseguiu o traje, chefe? – Daniel se traiu no tom pesaroso e cheio de carinho que dirigiu a sua superiora. A mulher que o encarou estava novamente exalando praticidade.

– Claro. Como está a sua parte?

– Pronta.

– Você conseguiu? Incrível, Daniel. Estou cada vez mais satisfeita de tê-lo trazido para trabalhar conosco.

O rapaz sorriu sem jeito.

– Quando a senhora...?

– Eu não tenho nenhum outro compromisso – ela apagou o cigarro num cinzeiro exaustor disfarçado num vaso florido sobre a mesa. – E você?

– Quer dizer: agora?

Elizabete deu de ombros e saiu pela porta de seu escritório com Daniel em seus calcanhares.

– O que é preciso para a máquina funcionar?

– Da Angra 8.

– O que? – ela estacionou no corredor.

– Ou simplesmente, levar a máquina até a 44. Os transistores da máquina estão ali para amplificar a energia da sala. Ou seja, a própria sala vai nos permitir entrar no buraco de minhoca.

Elizabete voltou a andar.

– Isso quer dizer que há uma fonte de energia grande do outro lado, certo? Diga-

me que não é algo equivalente a Angra 8.

– Nãaaa, certamente é maior.

Na hora seguinte, Daniel ajudou sua chefe a preparar-se. Conversaram pouco, atendo-se apenas ao estritamente necessário. As possibilidades da coisa toda dar errado foram tratadas burocraticamente por Elizabete e Daniel ouviu com atenção. Nenhum dos dois achou necessário falar sobre o medo que sentiam com tudo aquilo. Falar deixaria tudo óbvio demais para que pudessem manter a serenidade. Elizabete tinha mais experiência naqueles estranhos trabalhos de campo, mas desconversou quando Daniel perguntou se ela já tinha feito algo daquela magnitude.

– Ainda acho – disse ele enquanto entregava o capacete que lhe protegeria a cabeça e daria o oxigênio – que precisávamos de mais gente aqui. Só nós dois parece tão...

– Daniel, envolver mais pessoas nisso tudo não nos garantirá sucesso. No entanto, haverá mais gente para saber, para falar, para perguntar. Encare como uma medida de segurança, ok?

– E de medo? – arriscou ele.

– Certamente. De muito medo.

Pouco tempo depois, Elizabete entrava pelo buraco de minhoca protegida com um traje de astronauta e utilizando duplos respiradores, Daniel auxiliou. O fio que estava dentro da máquina foi ligado ao traje e, em nenhum momento, pareceu próximo de esgotar, mesmo muito tempo depois de a chefe ter sumido pelo chão da sala. Daniel ficou atento às anomalias temporais. A viagem dela poderia durar segundos ou horas. Ele não pretendia preocupar-se demasiadamente com isso. Tinham fixado um horário limite para içá-la de lá, um horário estreitamente conectado com a capacidade dos respiradores. A máquina zunia suavemente em um canto na porta da 44. Daniel sentou ao lado dela e esperou alterando serenidade e pavor. Ficou o tempo todo colocando de lado o tamanho de tudo aquilo comparado a si mesmo, e isso pouco ajudava seu estado de nervosismo.

Não comeu, não dormiu, não deixou de olhar um ponto fixo no centro da sala, o tempo tinha apenas o marcador do relógio para fazer sentido. Ele já tinha acendido as luzes do corredor quando percebeu que a tensão no fio mudava, bem como o tipo de zunido que a máquina emitia. Minutos depois, Elizabete reaparecia. Daniel ajudou-a a sair do buraco, mas ela teve forças somente para se arrastar para fora da sala e sentar escorada à parede, foi preciso que o rapaz lhe tirasse o capacete.

– Minha nossa! Olhe o seu estado, chefe! O que houve? O que encontrou? O que aconteceu? Seu rosto...

– Daniel... schsssss. Pre-ciso de um hospi-tal.

– Claro, claro.

– Espere. Feche tudo. Depois. Vamos.

Ele pensou em contestar, mas isso só lhes tiraria tempo. A chefe estava desfigurada de exaustão: o rosto coberto de suor, os olhos injetados, a voz quebrada e envelhecida. Daniel guardou tudo na velocidade que suas mãos trêmulas permitiram e deu os telefonemas necessários para que ela pudesse ser atendida no hospital regional sem excesso de perguntas. Levou-a no carro particular dela e fez a ficha assinando como se fosse seu filho, único jeito de permanecer como acompanhante. Dormiu no sofá do quarto individual e acordou em cada uma das medicações. A enfermeira lhe ofereceu um ansiolítico suave, mas ele dispensou.

Quando abriu os olhos na manhã de segunda-feira, encontrou a chefe ainda deitada, seu rosto voltado para a janela. Parecia muito frágil, mas não era nada físico. Ela percebeu seus movimentos.

– Tem material para fazermos o relatório?

– Eu pensei...

– Eu também. Por isso quero fazer o relatório logo e quero fazê-lo com você antes de conversar com qualquer outra pessoa.

O rapaz sentou ao pé da cama dela.

– O que havia lá, chefe?

A mulher respirou mais fundo por umas duas ou três vezes.

– Um continente.

– O quê?

– Um continente inteiro. Terras, plantas, animais, pessoas, cidades inteiras. Tragados há milênios e presos num sub-universo. Você tinha razão sobre a tecnologia deles. Não sei se posso dizer que é superior a nossa, mas é impressionante. Eles conseguiram níveis de desenvolvimento extraordinários, mas têm a exata consciência da prisão em que se encontram e, creio que, tudo ou quase tudo que temos monitorado são suas tentativas de retornar ao seu universo de origem: o nosso. A máquina veio como uma sonda. Eles queriam que alguém daqui fosse lá, queriam saber mais de nós. E souberam. Por mim.

– São hostis?

– Não. Não especificamente. São, bem, nós, sabe? O sub-universo é uma anomalia, eles disseram, e eles precisam escapar de lá, pois o tempo está se esgotando. – Elizabete fechou os olhos e a boca com firmeza. Depois, voltou a falar sem olhar nos olhos de Daniel. – Minha viagem os ajudou a mapear uma trajetória de retorno. Eles tentaram isso por séculos pescando pessoas aleatoriamente, mas a máquina e minha presença forneceram os dados.

– O que quer dizer?

– O que acha, Daniel? Eles, o continente inteiro, está voltando.

– Mas isso é marav...

– É um cataclismo! Voltarão aqui. Por aqui. Imagine um continente inteiro

emergindo a partir da sala 44 e se estendendo sobre nós. O que imagina que irá acontecer?

Daniel murchou. Depois ficou atônito.

– Então... então, er... a gente só tem uma saída, certo? – Ela o mirou como quem espera uma solução mágica. – Temos de cicatrizar a fenda.

– Temos?

– Chefa, o que...?

– Estaremos condenando-os à morte, Daniel. Milhares e milhares de pessoas. Exatamente como nós. Apagando do universo suas histórias, seus afetos, seus conhecimentos. Sabia que eles conseguiram se desenvolver sem eliminar as florestas? As cidades... elas são tão extraordinárias que nem sei se conseguiria descrever.

– Mas se eles vierem, milhões morrerão aqui.

– É. Mas quem somos nós para decidir que os milhões daqui merecem viver mais do que os milhões de lá?

Daniel tinha vontade de sair correndo dali. Por que ela tinha que pensar nessas coisas e ainda por cima falar para ele? Por que tinha de ser ele a convencê-la do que quer que fosse? Os dois se perderem em pensamentos e o tempo que ficou andando em compasso ao redor deles.

A voz de Daniel saiu muito baixa quando finalmente veio à tona.

– Chefa, a gente só cumpre nossa obrigação – disse querendo ter soado com um pouco mais de certeza. – Se houvesse alternativa...

Elizabete manteve os olhos na janela. Ficou assim por tanto tempo, que Daniel escorregou a mão próximo ao braço dela, para ver se a chefe reagia.

– Sempre temos, Daniel. Nós podemos, simplesmente, mentir e, sei lá, deixar que outras forças façam essa escolha.

Ela o encarou e, por um logo instante, Daniel desejou saber mais das coisas, dessas realmente importantes, das que ajudam nas decisões. Então, meio que reagindo no automático, resolveu pegar o material que lhes permitiria fazer o relatório. Sabia que a decisão dos grandões seria cicatrizar a sala 44, sem sequer titubearem, e essa certeza colocou uma mão de ferro a esmagar o seu estômago e seu tamanho. Ficou repetindo para si mesmo que tinham de fazer a coisa certa, até voltar a sentar na cama do hospital e encarar Elizabete. Afinal, qual era mesmo o certo?

– Pronto, chefe?

Ela movimentou a cabeça lentamente antes de falar.

– Claro. Estamos sempre prontos para ser deuses, não é mesmo?

A sala da prosa Yvis Rissi Tomazini

Julian Carrara não era de beber até apagar. Na verdade já fazia um ano desde a última vez. Foi quando teve a tal conversa com seu pai. E de certa forma aquele papo nada descontraído tinha relação com o que lhe acontecia agora. Se não fosse o único filho de um mega empresário, ninguém perderia seu tempo o sequestrando durante um porre. A questão é: Quanto vale uma prole rebelde, mentirosa e improdutiva?

– Eu nasci escritor, pai! – Babava com a voz embargada. – Não entende? Nasci assim!

As pessoas, sentadas nas suntuosas mesas ao redor, assistiam de camarote. Achavam-se protegidas pela iluminação indireta.

– E o que fez com o dinheiro destinado a faculdade?

– Investi comprando lugares em antologias de contos e os traduzindo para um dia levar a feira de Frankfurt, viajei para fazer pesquisas *in loco...* e livros técnicos são caros...

– Quando pretendia me contar?

O magnata gesticulava para o garçom, com suas famosas mãos carregadas de cicatrizes. Julian desistira de descobrir a origem das mesmas.

– Assim que conseguisse uma publicação importante.

– E não pode escrever em paralelo ao estudo e ao trabalho?

Julian, manipulado pelo álcool, discursou piegasmente. Disse que qualquer ato de coragem não voltado ao lucro, nunca era digno de recompensas, ou respeito. Seu pai apenas o encarou. E silenciosamente insinuou que era fácil um sibarita como ele falar essas coisas, pois ganhava tudo de mãos beijadas. Passado um minuto de quietude o empresário enfim deu sua benção. E mesmo aí Julian pôde sentir o peso da maldição que vinha junto.

– Pegue um tempo para ponderar. E neste ínterim, escreva. Mas se for para escrever, que seja um *best-seller*.

Obrigado pela pressão, papai!

Bom, na pior das hipóteses o matariam, e, caso contrário, isso tudo iria para a orelha de seu livro. De certo renderia uma boa história. Serviria também para ser mais valorizado pela família. Se não fosse na alegria, que fosse no drama. O velho Carrara nunca lera um parágrafo sequer de seu filho. Nunca! A única narrativa que gostava era aquela em que o Vovô Carrara migrara da Conchinchina para fazer dinheiro no Brasil.

– Não sou um vagabundo. – Disse Julian jogando alguns sais aromáticos e ligando a hidromassagem da banheira.

Não podia reclamar do cativeiro. Era uma sala de temperatura agradabilíssima. Possuía um ar-condicionado central o qual era controlado remotamente pelo próprio sequestrado. A mobília recendia a carvalho e os produtos de limpeza a eucalipto. Com exceção dos três degraus e do piso do banheiro sem porta, que eram de mármore, toda a sala era encarpetada. Uma larga janela tomava quase toda a parede norte. A vista dava para um penhasco que descia até uma praia cinzenta. Já na parede leste, uma robusta estante continha títulos de assuntos mil. Uma boa biblioteca de assuntos técnicos. E como seu guardião havia uma pequenina estatueta, um peso para papel na verdade. Era a figura de um cavaleiro estocando a lança em uma fera. Tratava-se de Belphegor, o demônio da preguiça e o cavaleiro vestia o brasão dos Carraras. O decorador pelo visto fizera a lição de casa. No alto, próximo aos livros, um relógio digital trabalhava quieto. Adornando ainda esta parede, que era a sua favorita, uma máquina de café expresso, apta também a fazer cappuccino. Na parede sul havia a entrada, a portinhola por onde recebia a requintada comida e sua cama sadicamente macia. O canto oeste era uma passagem ao luxuoso toalete.

Julian Carrara colocou o cotovelo na água para checar a temperatura, e esta estava perfeita.

– De volta ao caldeirão da bruxa...

Como se não bastasse diminuir a luz, deitou-se com uma máscara de dormir. No banheiro havia uma pequenina janela, mas nada que incomodasse.

Contudo, não adianta o corpo repousar no Céu, se a mente trabalha no Inferno.

– Pai, não se escolhe escrever um bestseller. Coisas assim acontecem!

– Seu avô tinha tudo em mente, por isso concluiu seu intento. Ele nunca perdeu o foco.

– Estou tentando não perder, se é que não percebeu!

– Mesmo? – O empresário já pagava a conta e levantava-se da mesa. – Então, me diga: Quantos romances já escreveu enquanto estive me enganando?

– Bem... Inteiros?!

– Claro que inteiros! Um trabalho pela metade vale menos que nada. Se seu avô tivesse parado no meio do caminho teria se afogado no atlântico.

– Bem, eu tenho alguns trabalhos parados, mas estou decidido a me focar em um especial.

– O texto é bom? – Ambos já se dirigiam a saída.

– Pai! Não existe um meio mais educado de descobrir isso?

– Melhor que entrevistando o próprio autor?

- Que tal lendo?
- Desculpe, mas não sei apreciar obras incompletas.

Acomodado na banheira, Julian se perguntava se conseguiria passar um dia sequer sem lembrar dessa conversa. Pensar no semblante frio e pedante de seu velho o irritava. Chegava a ficar com febre de raiva. Nisso, percebeu que de fato estava quente demais. O corpo, já amolecido pela massagem da água, preferiu aproveitar para afundar mais ainda naquele torpor voluntário.

- Que o mundo exploda e, junto dele, se danem todos os demagogos e moralistas.

Acontece que a água estava pelando. Sua pele começou a arder como se fosse partir em mil pedaços! Súbito, juntou energia, e gritando, pulou para fora. Caiu no chão, vestido apenas com a viseira de pano sobre a testa. Viu que a banheira borbulhava mais pelo calor, que pelo movimento automático. O volume todo estava em ebulição! O vapor começou a condensar no teto e a pingar como uma chuva de verão. O nível da água descia a olhos nus, e Carrara se perguntava o que seria dele, se não tivesse levantado a tempo.

De toalha, desceu os degraus até a sala, e na frente da porta, gritou:

- Alô! Estamos com um probleminha na banheira! Se eu colocar um macarrão instantâneo, ele fica pronto em menos de três minutos! Alô?

Terminado seu escarcéu, escutou um suave sibilo digital. Olhou para trás e viu que vinha do centro da sala. Onde havia um lugar que até então explorara pouco.

Exatamente no meio do ambiente, havia uma escrivaninha larga e sobre ela um monitor de 23 polegadas. O teclado era o mais confortável que já vira e a cadeira dispensava comentários. Possuía até um apoio para os pés, como aquelas comuns em salão de beleza. Tinham de deixá-la com ele no final. O monitor era vigorosamente anexado à tampa da mesa e envolto em uma espécie de proteção plástica, assim como o teclado. Julian achou que eles conheciam sua fama de relaxado e fizeram isso com medo de encontrar comida em meio às teclas. A fiação sumia no piso. O HD devia ficar em um outro lugar, fora de seu alcance.

Leu uma mensagem na robusta tela. As letras eram vermelhas e o fundo preto.

TRÊS DIAS, E NADA.

PRAZO DE REFLEXÃO EXPIRADO.

INICIANDO PROTOCOLO DE INCENTIVO.

Mais que depressa tentou digitar uma contestação referente ao caso da banheira escaldante. Mas a caixa de diálogo fechou-se sozinha e em seu lugar surgiu um editor de texto em branco.

No primeiro dia achou que o computador estava ali apenas para a comunicação, ou matar o tempo já que não dispunha de uma TV.

Mas pelo visto escrever ali era uma obrigação.

– Protocolo de incentivo?! Só pode ser piada.

A fumaça da água evaporada saía do banheiro e umedecia todo o cômodo. O vidro da janela já estava completamente embaçado. Julian passou a mão na superfície gelada a limpando e vislumbrou que já era noite. Uma bem estrelada por sinal. Apoiado no batente assistiu uma bela chuva de meteoritos. Tentou contá-los, mas eram inúmeros e fugazes.

Eram belos também.

Naturalmente, sentou-se no computador e resolveu escrever um conto a respeito. A curta narrativa de apenas três páginas veio praticamente pronta em sua cabeça. O engraçado foi que, assim que recostou na cadeira se espreguiçando, o texto desapareceu na sua frente.

– Ei! – Gritou. – Me matem, revirem minhas tripas! Mas me deixem levar meu texto quando eu sair daqui! – E mais baixo, disse. – Se eu sair daqui.

Julian não tentara fugir ao menos uma vez. Era trabalho dos sequestradores pedir a recompensa, e era trabalho de seu velho pagá-la. Ele não podia fazer nada. Rumou até sua cama, onde se jogaria, quando escutou um novo apito no computador.

TEXTO INVÁLIDO DELETADO.

EXPERIMENTE UMA NARRATIVA MAIOR.

– O que?! Deletaram meu... Isto é inadmissível!

Genuinamente desolado voltou a grande vista do penhasco. O que eles queriam? O que isso tinha a ver com a recompensa pelo sequestro? Teriam deixado de vigília um sádico dado a literatura esta noite? Eles haviam garantido, através de mensagens, que procurar por câmeras era inútil, pois não havia nenhuma para monitorá-lo.

Depois do incidente no toalete, e desta afronta contra seu último conto, olhou aquela paisagem pela primeira vez ignorando sua beleza. Queria compreender onde estava. E ao fazer isto, qual não foi sua surpresa ao ver uma pequena caravela bastante iluminada? Ela balançava com a maré e singrava junto do horizonte. Esfregou os olhos.

– Eu vou é dormir “a respeito disso”. E espero acordar em um mundo de... – Aumentou o volume da voz. – Melhor paladar literário! Eu, hein...

Assim que tombou, apagou. Dormiu profundamente. Sempre que despertava resolvia a situação virando para o outro lado. Dormiu até espremer qualquer resquício de sono. Porém, percebeu que ainda estava escuro lá fora. Teria dormido um dia inteiro? Não segundo o relógio da parede. Este dizia que ele apenas apagara durante duas horas.

– Impossível.

Mais lúcido, após uma injeção de cafeína, escreveu outra história no computador.

Esta com o intuito de provocar. O nome era: O Caso da Banheira Escaldante. Escreveu rindo consigo mesmo, enquanto mordiscava um sanduíche. Ao terminar ficou esperando alguma mensagem surgir na tela. E de fato surgiu.

NARRATIVA CONCLUIDA?

S / N

Julian confirmou e outra frase apareceu.

FAVOR SEMPRE UTILIZAR A PALAVRA “FIM” NO TÉRMINO DE UM TEXTO.

– Mas é claro, filho da...

TEXTO INVÁLIDO DELETADO.

EXPERIMENTE UMA NARRATIVA MAIOR.

Tamanha arrogância foi a gota d'água. Carrara socou a tela com toda sua força. Acontece que a proteção transparente era um tanto resistente e só serviu para ferir sua mão. Resmungando, foi até o armário do banheiro procurar por algum bandeide. Na volta viu que o interior da banheira estava completamente seco. Sentia ondas de calor emanar dali, e para checar deu um cuspe. Quando sua saliva encostou naquela louça, evaporou de um modo barulhento, como quando pinga água no ferro de passar roupa.

– Qual o sentido disso? – Pegou o controle e resfriou o ar da sala.

Sentado em frente ao computador esperava que uma nova mensagem aparecesse. Talvez uma elucidativa. Pensou em vestir uma roupa, mas estas estavam em uma gaveta embaixo da cama e a atmosfera o deixara pesado demais. Ficar de pé era um martírio indescritível. Já que não tinha câmeras, ficaria de toalha mesmo. Ficou um bocado de tempo ali aguardando, mas o computador não exibia nada além de um editor de texto vazio. Entediado olhou para o relógio e se sobressaltou. Tinham passado apenas cinco minutos desde que acordara.

– Nem vem...

Ficaria ali encarando o algarismo dos minutos, não fosse um brilho dourado que invadiu pela janela. Girou a cadeira e se deparou com a maior lua cheia que já viu na vida. A luminosidade era tamanha que podia ver um caminho percorrendo a imensidão do mar e incandescendo as ondas até a praia lá embaixo. Sentiu-se fertilizado por Brígida, a deusa celta da inspiração, mas se conteve. Enlouqueceria se visse mais um conto seu ser destruído. Muito remorso para uma noite só. Mesmo que esta fosse sobrenaturalmente maior que todas as outras.

Paranóico, teve a idéia de pedir um cigarro. Não demorou muito para que lhe largassem um maço importado na portinhola. Julian não fumava. Acendeu um e o

manteve ereto preso entre dois livros que colhera na estante. Quando este apagou, acendeu outro e colocou no mesmíssimo lugar. O detalhe era que enquanto fazia isso não tirava a atenção do relógio. Porém, frustrado, constatou que queimaram em tempo idêntico. Algum erro tinha no horário, mas ainda não entendia qual. Olhou para fora e pensou que não ficaria nada surpreso se avistasse uma bicicleta cruzando o luar.

Se não conseguiria escrever, e tampouco desfrutar da jacuzzi, teria de se contentar com o consolo de seu travesseiro - este já começava a compreender o formato de sua cabeça. Mal soltou o peso na cama e o computador apitou.

EXPERIMENTE UMA NARRATIVA MAIOR.

– Deixa só eu sair daqui! Vou te apresentar um negócio bem maior... – Ignorou a solicitação e retornou ao templo do sono.

Feito isto a luz da sala tornou-se vermelha, e o computador zuniu como um louco. Levantou num átimo, e leu:

SE NÃO É POR BEM, SERÁ POR MAL.

PROTOCOLO DE INCENTIVO ENTRANDO EM NÍVEL II

Julian Carrara quase teve um treco quando viu que o edredom de sua cama levantava sozinho. Sob a iluminação escarlate aquilo era absolutamente aterrador. Estacado, assistiu espetos metálicos rompendo o tecido por toda a extensão do leito. Vinham do estrado, venciam o colchão e rasgavam os grossos tecidos armafanhados.

Agora não tinha mais aonde deitar. Instintivamente correu até a janela e a chutou, mas pelo visto era reforçada. Foi, então, até a janelinha do banheiro e o que mais lhe surpreendeu não foi a ausência de uma majestosa lua. O que fez seu juízo titubear, foi o fato de lá ser dia enquanto na sala era noite. Recuou boquiaberto até um ângulo que pudesse visualizar as duas simultaneamente. Sim, isto estava mesmo acontecendo! Suas pernas fraquejaram e ele tombou sobre o carpete encharcado. Mas, para seu azar, não desmaiou. Teria sido bem mais fácil. Cerrou os olhos esperando desfalecer, e quem sabe acordar mijado em sua própria casa. Entretanto, ao invés disso, sentiu um comichão na bochecha que estava em contato com o chão. Na verdade a sensação corria pelo corpo todo. Teve a impressão de escutar um zunido elétrico. E de fato estava certo. O chão o eletrocutou. Por sorte foi leve e rápido. Quando percebeu já estava sentado. Tomou um outro pouco mais forte na bunda e logo estava de pé. Em um movimento só, alcançou os degraus de mármore onde se encontrou a salvo.

– Alô! Não quero ser muito exigente, mas tenho mais uma queixa!

Escutava nitidamente a corrente elétrica passear por todo o carpete molhado. Se voltasse para lá seria frito. E no próprio lavabo se não fosse cauteloso seria assado.

– Socorro!

Procurou algum objeto pesado para quebrar o vidro da janelinha do alto, mas não encontrou nada. Apoiado na pia conseguiu se esticar para ver lá fora. Contudo, no momento em que se deparou com um estacionamento, a louça da pia cedeu a seu peso e ele foi ao chão. Quando caiu fez um corte na perna e queimou o ombro na jacuzzi superaquecida.

– Aaahh!!

Deitou-se encolhido e resolveu esperar pelo fim. Achava que não tinha mais forças para lutar. De olhos fechados, escutou o barulho de algo sendo quebrado lentamente. Era metal raspando no cimento. Alguma coisa, então, espetou seu pé. Mais atento, percebeu que a situação havia piorado um pouquinho. Espetos, como aqueles de sua cama, irrompiam de dentro de duas paredes do toalete. Os azulejos explodiam um a um. O acesso a janela já era impossível, e se demorasse muito para escapar dali, o acesso para a sala também seria. Aquilo tudo avançava rumo ao centro do recinto, como uma ferramenta de tortura medieval.

Já de pé, em frente a passagem para a sala, notou que esta ainda estava eletrificada. A luz também ainda estava vermelha, garantido uma angustia a mais. O único ponto que estaria seguro, na atual conjectura, seria na cadeira. Se a alcançasse, poderia depois ir sobre a mesa. Acontece que Julian não tinha espaço suficiente para pegar impulso e saltar até o assento de rodinhas. As estacas já estavam a menos de um metro, quanto teve uma idéia. Não poderia laçar a cadeira com a toalha, mas a toalha ainda tinha uma serventia nesta história. Estava molhada, portanto não seria um bom isolante. Mas percebendo isto, a jogou dentro da banheira seca e pelando.

Os espinhos se fechavam já pressionando a borda de louça.

Com cuidado colheu o tecido esturricado, o dobrou para engrossar a proteção e o arremessou no caminho entre ele e a cadeira.

A banheira estourou sob tal aperto!

Respirou fundo e se jogou no ar! Quase não tinha mais espaço quando saltou, pisou sobre a toalha e pousou sobre a cadeira! Com seu peso, ela deslizou até a escrivaninha. E, antes de tombar no chão, Julian pulou para ao lado do monitor. Nele estava escrito:

PROTOCOLO DE INCENTIVO ATUANDO EM NÍVEL II. EXPERIMENTE UMA NARRATIVA MAIOR.

– Não pouparam despesas, hein... – Arfava dolorosamente.

Que tipo de maníaco gastaria tanto dinheiro com uma insanidade dessas? Construir um ambiente daquele já pensando em um modo de destruí-lo?! Não fazia sentido algum. Nem se fosse um escritor famoso e o sequestrador ambicionasse

forçá-lo a escrever algo valioso para vender. Por todos os cálculos que fizesse não conseguia encontrar um suposto lucro. Alguém com um capital desses teria milhões de possibilidades mais tradicionais de investimento.

Quem está por trás disso?

Quem quer tanto que eu escreva algo maior?

Agora além da iluminação macabra, a sala era golpeada por violentos flashes vindo da janela. Uma inesperada tempestade obliterou a Lua por completo.

Chovia a cântaros fora do bar e seu pai contatou o chofer pelo celular.

– Por que o senhor odeia tanto o fato de eu escrever?

– Não odeio. Só quero que aprecie a oportunidade ímpar que seu avô nos proporcionou. Aproveite as coisas enquanto as têm, pois se não o fizer as perderá. E terá de cumprir suas obrigações igualmente. A diferença é que de modo mais sofrido.

– Tenho ciência de minhas obrigações, e depois de eu terminar meu primeiro livro, prometo começar a trabalhar e voltar aos estudos! Só não faço isso agora, pois meu horário mais criativo é a noite!

– Por quê?

– Porque é quando a magia inebria o mundo. E todos a perdem por estarem dormindo!

Estirado sobre a escrivaninha, Carrara se assustou com alguns barulhos vindo das paredes. Não queria descobrir o que os mecanismos estavam tramando desta vez. Portanto, se ajeitou como pôde e começou a digitar qualquer droga que lhe viesse a cabeça. Escreveu uma singela poesia que guardava desde o tempo do colégio. Porém, o computador era exigente.

LIRISMO NÃO É COMPATIVEL COM O SISTEMA.

FAVOR LIMITAR SEU TRABALHO A PROSA.

Arrebatado, começou a digitar um de seus inúmeros livros inacabados. Claro que não lembraria palavra por palavra, mas ao menos lembrava do enredo. Seu ombro queimado doía por suportar o peso do corpo naquela posição, mesmo assim concluiu três capítulos antes de dormir. Sonhou que caia no onírico abismo da janela e despertou tombando no chão.

O carpete já estava seco e a luz do dia finalmente banhava a sala. Os espinhos haviam retornado para seu ninho deixando a cama em farrapos e o banheiro em cacos. Pelado, foi até a máquina, onde encheu uma xícara de café. Ali era dia. Mas, e no banheiro? Foi até lá e viu que haviam tapado a janelinha por fora. Se era uma oportunidade, estava perdida. Quando voltou, percebeu que o Sol já alcançava o zênite. Abismado, acendeu mais um cigarro e o prendeu de pé, analisando os

minutos.

– Sabia!

O bastonete desta vez demorara mais que o triplo que levara para queimar durante a noite. Isto segundo o relógio. E esse estava quebrado! Ou melhor, alterado! Isso explica aquela madrugada infinita! Pensando nisso olhou embasbacado para a janela. Na biblioteca colheu a compacta e pontiaguda estatueta. Juntou forças e a arremessou contra o enorme vidro. Quando toda aquela paisagem paradisíaca piscou como uma TV que sai do ar, Julian percebeu o engodo. Não passava de uma tela de altíssima definição. Jurou que fazendo isto a sala voltaria a ser maligna, mas nada aconteceu. Na verdade só agora percebia que havia mais um recadinho no monitor.

QUALIDADE DO TEXTO INSUFICIENTE. TEXTO INVÁLIDO DELETADO.

Julian, então, se prostrou no chão e começou a soluçar. Chorava ridiculamente aos pés da mesa. Ouviu, então, outro apito e deitado, leu:

PROTOCOLO DE INCENTIVO ATUANDO EM NÍVEL II.

A iluminação era rubra novamente, o pesadelo retornara. O chão começou a vibrar avisando sobre um novo golpe elétrico. Desta vez sentou na cadeira e iniciou imediatamente seu trabalho. A sala foi piedosa e cessou aquele terror. Carrara martelou o teclado até o anoitecer digital. E desde então só parou para comer, ou para ir a fossa que sobrou da privada. Digitava durante a curta presença do Sol e durante a longa presença das estrelas. Coisas malucas aconteciam lá fora, mas ele nem sequer olhava mais. Seu descanso resumia a cochilos. Permanecia quase o tempo todo em estado de vigília.

Isso, apenas até o texto já estar consideravelmente longo. Certo dia Julian percebeu que escrevia uma versão romanceada da aventura de um jovem imigrante italiano. Que não era ninguém menos que seu avô. Assombrado por si mesmo se revoltou e tentou apagar o trabalho. Acontece que o computador aparentemente estava gostando e não permitia a ação. O único caminho era continuar. Ou isso, ou Julian acender sua própria luz vermelha e destruir toda a sala. Estava possesso. Desonrado! Com uma força inexplicável trincou o vidro ao jogar a pesadíssima cadeira na janela. Faíscas voaram para todos os lados e imediatamente o cômodo revidou. Assumiu aquela postura pedante de estado de emergência. A surpresinha desta vez é que começara a jorrar água do sistema anti-fogo e de todo encanamento do banheiro.

PROTOCOLO DE INCENTIVO ATUANDO EM NÍVEL III.

– Que se dane! Não vejo a hora de descansar para sempre!

Era obvio agora que se o quisessem morto, assim o teriam. Bastaria acionar aquela corrente elétrica, e “bingo”. Mas era evidente também que antes almejavam um texto completo. Os degraus pareciam uma cascata devido a correnteza que jorrava de lá. Em poucos minutos a água alcançava sua cintura.

– Eu não vou mover mais um dedo!!

Manteve a dignidade apenas até as ondas baterem em seu peito.

– Não me venha com essa, Julian! – Esbravejou seu pai enquanto esperava o carro. - Sempre terá uma desculpa! Quando criança você fingia ir à nataçao para ficar lendo gibi na banca de jornal! Quando adolescente bolava aula do colégio, para ficar na biblioteca! Eu deveria fazer com você como meu pai fez comigo. Ele não era de falar muito. Mas um dia teve um dedo de prosa comigo que me fez o homem que eu sou!

Carrara começou a sofrer de espasmos involuntários em meio aquele turbilhão selvagem. Ficou de pé na mesa, mas não conseguia administrar as cordas vocais para formular uma suplicação coerente. Sem saída, tomou ar e mergulhou. Submerso, segurava firmemente na madeira com as pernas enquanto digitava com as mãos. O incrível era que toda aquela adrenalina contribuía para sua inventividade. Escreveu o melhor clímax de sua vida. Subia a superfície, respirava e voltava se debatendo e finalizando a última página. Nada como trabalhar sob um prazo. Fazendo assim terminou seu livro. Acontece que o terrorismo prosseguia. Todo aquele mar ainda brilhava em vermelho.

Mergulhou de novo.

NARRATIVA CONCLUÍDA?

S / N

Após confirmar, leu:

FAVOR SEMPRE UTILIZAR A PALAVRA “FIM” NO TÉRMINO DE UM TEXTO.

Vai se f...

**PARABÉNS! TEXTO APTO PARA ETAPA DE PUBLICAÇÃO.
PROTOCOLO DE INCENTIVO DESATIVADO.**

A inundaçao cedeu e ele ficou estirado como um peixe morto. A porta finalmente se abriu, mas antes de ver um rosto, Julian desmaiou. Indeterminado tempo depois, acordou jogado em uma calçada com um CD-ROM na mão. Nele havia uma etiqueta com o nome do romance, A Sala da Prosa.

Quem teria apreciado tanto essa narrativa?

Tão... enfadonha, elitista e falsa moralista...

Tudo que queria naquele dia era se ver longe do progenitor, acontece que a chuva era torrencial. O chofer enviesou sobre a calçada do restaurante e os adversários adentraram no veículo.

– Venha, Julian, te dou uma carona.

Julian Carrara queria ser menos preguiçoso naquela ocasião. Se o fosse, iria embora andando.

– Qual o gênero que optou escrever? – O empresário tirava o sobretudo molhado.

– Não tenho um.

– Não me conta nada sobre você. Como, então, pode cobrar minha compreensão?

Julian viu as famosas cicatrizes do pai que cobriam as duas mãos como chagas, e aproveitou o ensejo.

– O senhor nem ao menos me responde o que aconteceu com as suas mãos! Estamos quites.

– Certas coisas, meu filho, não devem ser faladas, mas sim, mostradas. O que a carne grava, a alma jamais esquece. Já dizia seu avô, um homem que jamais será esquecido.

Ainda há música **Clara Madrigano**

Eu conseguia vê-la através da vitrine. Ela estava com meu violino apoiado na curva de seu pescoço, encaixado entre o queixo e um dos ombros. Ensaiaava movimentos com leveza, não chegando a tocar nada, parecendo executar uma música que soava apenas na própria cabeça.

Do outro lado da loja, Ben a espiava, uma expressão um pouco hesitante no rosto, como se soubesse que não devia ter deixado-a tomar o violino e que, agora que ela já o fizera, não houvesse como remediar a situação.

Desde que eu o conhecia, desde aquela primeira vez em que entrara em sua loja, perto da Grassmarket, Ben era o mesmo: os cabelos escuros que recuavam do topo, formando as entradas profundas; os óculos de aros pretos, o ar perpetuamente melancólico, uma sombra que não era mensurável e nem solucionável, como se ele a carregasse desde o nascimento. Eu queria acusá-lo de deixar uma estranha mexer no que me pertencia, mas teria sido uma injustiça fazer Ben sentir-se culpado. A ideia de ficar com o instrumento não partira dele: fora decisão da minha família, que não suportava mais a presença do violino; que nem chegou a vendê-lo a Ben, mas que simplesmente o entregara como uma doação, na esperança de que ele o colocasse nas mãos de outra pessoa, ou que apenas o fizesse desaparecer. A princípio, dadas as circunstâncias em que tudo aconteceu, imagino que não tenha sido uma incumbência das mais agradáveis, mas Ben aceitara-a. Eu que não conseguia ser maduro; queria meu violino longe dos dedos daquela garota.

Não era a primeira vez em que eu a via. Ela estivera na loja antes, namorando alguns dos outros instrumentos. Meu violino ficava escondido (como se Ben fizesse de propósito) à sombra de um violoncelo, e levava algum tempo até a garota encontrá-lo, rondando-o como uma mosquinha insistente, até perguntar para Eveline, a única outra funcionária da loja, se poderia testá-lo. Eu sabia que havia sido amor à primeira vista. Era o modo com que ela o segurava. Parecia-se comigo, quando eu o segurava, quando eu o tocava. Observando-a manuseá-lo, as pontas dos meus dedos pareciam formigar. Com certa concentração, eu até mesmo achava que escutava as notas, a música que a somente a garota ouvia, que fazia com que minhas lembranças retornassem para me torturar um pouco mais.

A bolsa no Centro de Música. A memória do dia permanecia nítida: meus pais choraram, para meu imenso desconforto, meu pai tentando esconder as lágrimas, parecendo tão mortificado pela ideia de mostrá-las quanto eu estava pela ideia de vê-las (meu irmão, nunca de hesitar, simplesmente me chamou de fresco); as recordações do meu avô, que nunca tocara um violino (ou qualquer outro instrumento), que lamentava sua inabilidade musical, mas que incutira em mim o

amor pela música, contratando meu primeiro professor. Era ele, meu avô, que costumava dizer, com a voz muito grave e cheia de consequências, que não existia razão mais nobre para se viver do que pela arte, qualquer arte; e o violino.

Eu descobrira o violino na loja de Ben: apoiado em sua caixa aberta, o arco de pé, equilibrado contra ele; a iluminação de uma pequena lâmpada destacava a formação de um modo quase místico. Funcionamos como uma única entidade por dez anos, e eu o toquei até que não pude mais.

Porque havia aquele problema: eu estava morto. E mortos não tocavam música.

Mas a garota estava viva. Eu sentia vida em seus dedos, que seguravam meu violino. Quando ela finalmente começou a tocar, toda aquela noção de não estar vivo me atingiu de uma forma quase insuportável. Os clientes da loja de Ben, Eveline e mesmo o próprio Ben pararam para escutá-la.

Era Mozart. A garota era talentosa, o que me deixou mortificado.

Se eu existisse de alguma forma sólida, se alguém pudesse me enxergar, era o que teria visto: um rapaz de quase trinta anos, parado diante da vitrine de uma loja de música enquanto absoluta e inegavelmente miserável, lamentando por algo que não mais poderia ter.

Eu seguia a garota pela cidade. Era difícil evitar. O que restava de mim precisava conhecê-la, saber quem cobiçava tanto assim meu violino, como se eu ainda achasse que possuía algum poder de decisão no que cabia a ele. Acompanhava a garota no emprego; ela era garçonete de um pub que cheirava à gordura de hambúrguer de três dias. Sentava-me ao lado dos demais clientes, no balcão, vendo-a andar de lá para cá em seu avental cinzento, sempre silenciosa, inevitavelmente de cabeça baixa. Alguns homens tentavam flertar com a garota. Ela os ignorava, como parecia ignorar o restante do mundo. Eu, sem muita opção, achava meios de me divertir. Esforçava-me para fazer copos vazios se moverem (nenhum sucesso). Concentrava o que eu ainda era, meu ectoplasma, meu espírito, meu resíduo ou qualquer que pudesse ser o nome, em mudar os canais de TV, que quase sempre exibiam futebol, mas nada funcionava.

Falava com meus companheiros de balcão, que jamais me respondiam, presos demais ao fato de que estavam vivos, sem tempo a dar para os mortos.

A garota aparecia na loja de Ben pelo menos uma vez por dia. Fizera um acordo com ele: que reservasse o violino por um mês, até que ela pudesse completar seu valor, juntando suas economias, e comprá-lo. Ben, por alguma razão, consentiu. Estava sempre atento à garota, que chegava em silêncio, discretamente, postava-se num canto da loja, meu violino em mãos, e começava a tocá-lo para si mesma.

Ela morava no andar de cima de um pequeno sobrado, um apartamento que

dividia com uma amiga. Quando retornava para casa, eu não a acompanhava. Fantasma ou não, parecia inquietante invadir a residência de alguém que não me convidara a entrar. Sem ter outra opção, eu esperava pelo amanhecer, às vezes prostrado sob a janela dela, o Romeu sobrenatural de uma Julieta que nunca me quis. A noite era longa quando eu vivia, mas ela era ainda mais longa para um morto, sendo apenas um pedaço da eternidade que se estendia à frente. Em madrugadas em que o tédio era grande demais, eu vagava pela cidade, revisitando os lugares onde que meus pés de carne e osso tinham pisado. Encontrava outros como eu: no centro, havia um fantasma que, fazia algum tempo, decidira alugar o topo de uma das torres da catedral de St. Mary, sempre ameaçando pular de lá. Sua voz ecoava pelos arabescos vitorianos, mas ninguém que ainda respirasse escutaria.

– Por que não pula de uma vez? – eu perguntei, certa noite. – Você já está morto.

Ele me fitou com tanta intensidade que achei que, tendo a oportunidade, tentaria me matar de novo. Em seguida, desapareceu do topo da catedral.

A verdade: interações entre mortos eram, no geral, um pouco embaraçosas. Espíritos nem sempre gostavam de andar com outros espíritos, alguns pela simples recusa de aceitar que não estavam mais vivos, companheiros de morte sendo um eterno lembrete das coisas que não mais podiam fazer. Uma vez, uma única vez, eu participara de uma festa de fantasmas. Acontecera no porão de um bar, um lugar que o morto que organizara o encontro costumava conhecer, e durara exatamente cinco minutos, o tempo necessário para que todos os presentes descobrissem que não havia muito sentido em festejar quando não se pode colocar música para tocar e nem beber cerveja.

Foi como um replay de todos os eventos sociais aos quais eu tinha comparecido em vida. Do meu canto, fiquei desejando que alguma coisa acontecesse e me livrasse daquela situação, até alguém, enfim, decretar:

– Caralho, mas essa é a pior festa do mundo.

Em noites em que eu não estava disposto a andar, assombrando as ruas, eu praticava com um violino imaginário, ensaiando os movimentos de partituras, sentindo que, caso não o fizesse, eu acabaria me esquecendo delas, esquecendo de como era ser humano.

Eu tocava o concerto para violino de Brahms, o favorito do meu avô. No fundo da minha mente, escutava a orquestra a me acompanhar. Escutava a voz cansada do meu avô, dos tempos em que ele me fazia ouvir repetidamente o concerto.

– Não fale – ele dizia. – Só ouça.

Pela manhã, eu retornava ao sobrado da garota, esperando que ela aparecesse, bolsa pendurada em um dos ombros, a atenção sempre no chão, nunca nas pessoas. Ela era pequena, cabelos cacheados e cheios, um tom que parecia loiro e ruivo ao mesmo tempo. Seu rosto era salpicado por sardas, um nariz redondo, pequeno. Ela

usava roupas largas demais para o próprio corpo, e eu não sabia se por intenção de conforto ou por desejar se esconder. Seus tênis estavam sempre sujos, Converse de uma cor muito mais apagada do que a original. Calculava que estivesse com uns vinte e poucos anos. Com a idade dela, eu usava blazers pretos, penteava meus cabelos com gel e achava que era assim que um músico sério precisava ser: sóbrio, mas meio afetado. Deixar de ser visível mudava sua perspectiva a respeito de quase tudo. Eu nunca mais vira meu próprio rosto.

Quando a garota chegava na loja de Ben, eu já estava à sua espera.

Ben, àquela altura, talvez sem muita alternativa, decidira aproximar-se, tornar-se seu amigo.

Eles conversavam. Contavam piadas; Ben trocava anedotas sobre músicos, sobre os casos interessantes que já tivera que atender na loja, como o do rapaz que, um dia, aparecera com uma flauta enfiada em um lugar onde não se costuma enfiar flautas, e que, por razão jamais esclarecida, achara menos vergonhoso pedir ajuda a Ben do que seguir para um hospital.

Ele servia café, ficava sentado enquanto a garota tocava. Eu observava, até que apenas observar passou a consumir minha paciência.

Primeiro, tentei assombrar a loja de Ben. Comecei com ideias estúpidas, como escrever mensagens no computador, mas parecia que todos os filmes de fantasmas haviam mentido para mim, porque manejar um teclado – manejar qualquer coisa – enquanto morto era algo que ninguém nas mesmas condições em que eu estava qualificado a fazer.

Eu tentava tocar os instrumentos. Sentava diante do piano de cauda, pressionava as teclas, mas nada acontecia. Mesmo meu violino, que tão fiel fora no passado, agora me rejeitava. Eu tentava segurá-lo, aninhá-lo, mas meus dedos o atravessavam sem deixar nenhum sinal, nenhum estremecer sobrenatural que talvez fizesse Eveline gritar.

Quando a garota chegava, eu deitava no chão. Balançava em posição fetal, subia no piano, sentava na cadeira de Ben, lendo resquícios de chats online que ele mantinha com alguém identificado apenas como “yessir,” conversas sobre vinhos velhos. Ben não me enxergaria, yessir jamais saberia que eu violava sua privacidade, a garota nunca saberia que eu estava ali.

Mas houve aquela vez: a vez em que fui visto. Em um parque, sentado num banco verde, observando alguns pombos se alimentarem de restos de comida.

Era vergonhoso admitir que até mesmo pombos me causavam algum tipo de inveja. Eles levavam suas vidas sem preocupação, enchendo os estômagos com pedaços descartados de batatas fritas, enquanto eu, apenas um espectador, nem

mesmo conseguia segurar um donut. As noções do pós-vida sempre variaram de pessoa para pessoa, mas imagino que todos se apegariam ao agora com muito mais força se soubessem que, uma vez que tudo está acabado, não haverá mais carboidratos, não haverá mais sobremesas.

A senhora sentou-se ao meu lado sem que eu a percebesse (preocupado como estava com questões existenciais). Ela carregava uma bengala de madeira, um livro sob o braço. Usava um suéter cor de creme e um par de óculos de aro transparente e redondo. Notei-a quando ela balançou a mão para enxotar alguns pombos que, decerto achando que ganhariam mais comida, se aproximavam. Com calma, ela abriu o livro, a página marcada com um fio de lã. Jane Eyre. Por absoluta falta do que fazer, li junto dela. Jane, Jane. De que adianta ser uma criatura livre para quem não é nada, para quem anda pelo vazio como um fantasma, exatamente um fantasma, sem encontrar ocupação? O sol cruzou o céu, tornando-o amarelo, alaranjado, rosado. Eu não fazia ideia de quanto tempo se passara quando a senhora fechou o livro. Ela empurrou os óculos sobre a ponte do nariz e virou-se para mim.

– Menino bonito – disse, e ergueu uma mão, dando um aperto suave na ponta do meu nariz, como faria com uma criança.

Não reagi.

A senhora sorriu e, com alguma dificuldade, as pernas meio bambas de tanto repousarem, ergueu-se. Andou para longe, sem voltar-se para trás uma única vez, deixando-me atônito.

Eu não sentira o toque, mas sabia que ela me tocara, ou que achava ter me tocado. Por um momento, talvez muitos, aquela senhora estivera ciente da minha presença, e saber que eu estava ali não pareceu assustá-la. Poderia ser o caso de ela haver me tomado por um dos vivos, ou de ela estar maluca, mas não importava. Fora uma espécie de milagre, no meio de tantos enganos. Muitas vezes, andando entre os vivos, eu tivera a impressão de ser visto. Crianças que erguiam a cabeça em minha direção, bebês que pareciam rir quando eu passava perto deles, adultos que, em silêncio, davam a impressão de me observar, o que, mais tarde, eu descobria ser falso; era o nada que contemplavam, era para outros pedestres que bebês mostravam suas gengivas lisas.

Cães costumavam latir para mim, embora nunca tivesse ficado muito clara a razão: se por me enxergarem ou se por farejarem algum rastro espectral que eu deixava por onde andava, como um moribundo a sangrar as últimas gotas de vida.

Naquela mesma tarde, na loja de Ben, não consegui me concentrar na música. De forma inútil, tentava tocar meu nariz, encenando novamente o pequeno grande evento da praça. Estendia a perna para que Ben tropeçasse, me atirava contra ele, me atirava contra a garota, esbofeteava-os, mas eles não me notavam.

Algumas coisas que aprendi sobre ser um fantasma:

1. Os mortos jamais serão criaturas sociáveis.
2. Era difícil voar. Difícil, porque não era impossível, mas ainda parecíamos presos a algum tipo curioso de gravidade que, com perseverança, puxava-nos de volta sempre que alçávamos voos distantes; talvez se tratassem das lembranças de nossas vidas, das lágrimas de nossos entes queridos. Quaisquer as razões, elas nos faziam retornar, podavam nossas asas invisíveis.
3. Adaptar-se à ausência de fome era fácil; mais difícil era domar a gula. Os resquícios dos desejos humanos perduravam. Observar alguém devorando um hambúrguer, a satisfação em seu rosto, quase me fazia entrar em depressão. Evitava passar pelos meus restaurantes favoritos.
4. Cães não eram meus amigos.
5. A dor dos outros causava dor em você.

Em algumas ocasiões, eu visitava minha mãe. Eram sempre as piores partes dos meus dias longos.

Diante da casa em que cresci, com sua cerca baixa, com seu jardim pequeno, eu aguardava, às vezes por horas, imaginando se faria bem entrar. Ser plateia passiva do luto nunca me agradara. Quando o câncer levou meu pai, anos antes, minha mãe permaneceu de cama por quase um mês, perdendo quilos e a vitalidade que antes a havia definido. Depois que parti, ela pareceu adotar a cama de forma permanente, diminuindo e diminuindo, uma espécie de matryoshka que revelava-se cada vez menor, até tornar-se uma mera lembrança da pessoa que fora. No quarto escuro, eu a observava deitada, os dedos de uma de suas mãos sobre os olhos, como se querendo fugir até mesmo da menor claridade. Ela se habituara a cobrir o restante do corpo com um xale ou uma manta, protegendo-se do frio que, não importasse a estação ou o horário do dia, sempre parecia presente.

Muitas foram as minhas tentativas de tocá-la, de revelar-me para ela, talvez acreditando que pudesse aplacar seu sofrimento se mostrasse que existia um além, por menos satisfatório que ele parecesse.

Meu pai, um fantasma como eu, também rondava a casa. Acostumara-se a ficar sentado numa poltrona do quarto, vendo minha mãe transitar do sono para o mundo desperto.

Acordada, ela assistia à televisão por horas, nunca muito incomodada com o que o canal exibia. Comia pouco, porções de passarinho, e finalizava as refeições com pílulas e um copo d'água. Quando ela se acalmava, profundamente adormecida, meu pai descia até o jardim, onde ficava inspecionando as flores que ambos tinham plantado como hobby de aposentadoria.

Contei a meu pai sobre a senhora lendo Jane Eyre, sobre como ela chegara a me

ver. Ele deu de ombros.

– Acredito que aconteça, de vez em quando – disse.

Mas não acontecia com ele, embora se tratasse da coisa que mais desejava. Meu pai queria que minha mãe pudesse enxergá-lo, mas ela nunca enxergou.

Meu irmão aparecia regularmente. Era fácil reconhecer o som de seu carro, o único visitante que a casa costumava receber nos últimos meses. Sabendo que ele chegara, minha mãe tentava fazer-se apresentável, um ritual que era mais uma espécie de martírio, envolvendo encontrar roupas limpas para vestir, colocar um pouco de cor no rosto e fazer de conta de que penteava os cabelos. Meu irmão trazia comida, mais remédios. Perguntava como ela estava indo, se tomava as pílulas nos horários certos (ela tomava pílulas em quase todos os horários), se estava tomando sol, se lera a notícia X no jornal daquela semana. Durante o tempo em que ele ali permanecia, minha mãe fazia força para tentar parecer-se com a mulher que havia sido no passado e, por poucos instantes, quase conseguia ser feliz. Meu irmão falava de sair de lá, passear, de levá-la para jantar com Sasha, sua noiva, e ver o apartamento que haviam comprado. Minha mãe sempre dizia que sim, mas eram planos que nunca se realizavam. Ela estava atada à casa, prisioneira de acordo com sua própria vontade, e meu irmão sabia. Ele e Sasha a visitavam nas ocasiões especiais. Eles jogavam Detetive, o jogo que fora nossa tradição familiar. Cozinham e viam os filmes que meu irmão alugava. Minha mãe contava histórias sobre mim. Mostrava fotos minhas, por vezes, o que era constrangedor, mesmo para um fantasma. Sasha dizia que adoraria ter me conhecido.

Ela era linda, a noiva do meu irmão. Cabelo longo e escuro, pele reluzente e negra. Muitas vezes, tentei murmurar ao ouvido dele: “Você fez uma coisa boa, seu otário.” Eu queria que ele soubesse.

Mas havia os dias em que não conseguíamos suportar aquela felicidade passageira, meu pai e eu. A noção de que ela acabaria, de que minha mãe voltaria a ser uma sombra no momento em que meu irmão e Sasha entrassem no carro, devorava o que nos sobrava de alma. Escapávamos para o jardim, quando possível. Deixávamos os três aproveitando o restante de noite e nos sentávamos no gramado, observando as estrelas. Fora lá onde eu falara a meu pai sobre a garota e o meu violino. Ele acompanhou minha história com crescente apreensão, como se me visse caminhar para um precipício.

– Não faça isso – disse ele. – Não se prenda. Se você se prender, nunca vai conseguir partir.

Como ele não iria, incapaz de deixar minha mãe.

– É fácil dizer – eu respondi.

– Não, não é – retrucou ele. – Por isso estou te alertando. Você não gostaria.

– Quem sabe? Talvez eu goste – considere. – Você fala de partir, mas para onde

eu iria? Eu nunca vou para lugar nenhum. Eu nem sei se posso ir.

Ele manteve-se calado. Ficamos a observar as estrelas. Depois de algum tempo, meu pai disse:

– Eu não sei de muita coisa. De quase nada, na verdade. Mas não quero que você fique assim, como eu.

– Há coisas piores.

Deixamos o assunto de lado.

– Sabe do que eu sinto falta? – perguntei.

– Do quê?

– Bebida. Álcool. Ficar bêbado e ter aquela bênção momentânea de me esquecer de tudo.

Meu pai concordou:

– Eu também – disse, com um suspiro.

Assim foi a morte: em um minuto, eu estava atravessando a rua, os pensamentos bem distantes da minha própria mortalidade. Fazia frio. Era do que eu me lembrava. Do frio e de estar com a gola do meu sobretudo erguida, protegido do vento, parecendo um Drácula jovem e lânguido. No minuto seguinte, eu estava voando como se não pesasse nada. Mas não era um voo, obviamente: era uma queda. Segundos depois, eu me encontrava no asfalto, meus ossos quebrados, meus pulmões sem ar e em colapso, incapaz de sequer registrar o que acabara de acontecer. A próxima memória era de estar no hospital. Alguém chamava meu nome. Não sei se, àquela altura, eu estava morto ou vivo; presumo que um pouco dos dois. Nunca cheguei a presenciar o resto. Não estava lá quando minha mãe recebeu a notícia, nem quando ela e meu irmão foram para o hospital. Não vi meu próprio enterro, embora saiba que, segundo disse meu pai, ele tenha sido bonito, com flores, lágrimas e até mesmo a apresentação de uma pupila da escola de música que eu, na infância, frequentara. Quando dei por mim, quando era novamente capaz de compreender o que acontecia à minha volta, estava na loja de Ben. Meu irmão vinha entregar o violino.

Meu irmão, que antes fizera graça de mim, segurava a caixa daquele instrumento como se ali dentro vivesse uma criatura muito frágil, que ele tentava preservar e que, ao mesmo tempo, temia.

Assim era a vida: você estava andando, despreocupado. Alguns minutos dali, dois rapazes, um de 19 e o outro de 21 anos, decidiram testar a velocidade do automóvel emprestado do pai de um deles. Não demorou muito, a interseção dos destinos dos três. Encontraram-se numa rua, perto do semáforo, e o encontro não durou mais do que alguns segundos, mas tudo mudou com ele.

Eu parti. Eles ficaram.

Eles todos ficaram.

Após um mês, ela comprou o violino. Ben entregou-o fechado na caixa.

– O último dono gostava muito dele – disse. Era a primeira ocasião em que me mencionava.

– É mesmo? – a garota fitou caixa, só então parecendo considerar que o instrumento já pertencera à outra pessoa.

– Faça bom uso – Ben pediu.

– Eu vou – disse a garota. – Prometo.

Ela deixou a loja, mas eu permaneci por mais algum tempo, observando Ben. Havia algo que eu queria dizer. Vendo-o casualmente retomar suas tarefas, separando um outro violino para colocar no espaço vazio deixado pelo meu, tentei vocalizar:

– Adeus.

Mas não era adeus a palavra que eu buscava. Ben, no lugar de me responder algo, puxou os óculos do rosto, limpando as lentes com a ponta da camiseta que usava.

– Obrigado, Ben – eu disse, agora mais próximo do que gostaria de comunicar, e me afastei.

Como sempre, segui a garota até o sobrado. Daquela vez, porém, forcei-me a quebrar meus princípios, o violino me dando permissão de acompanhá-lo para dentro de sua nova casa. Subimos as escadas. Era um apartamento antigo, apertado. O quarto da garota, bagunçado e colorido. Enquanto ela tomava banho, eu aprendia sobre o restante de sua vida. Na pequena escrivaninha, havia fotos de uma família. Ela, os pais e irmãos. Quatro irmãos, todos menores e todos com os mesmos cabelos cheios e meio-ruivos, meio-loiros. A foto parecia ter sido tirada quando ela ainda entrava na puberdade. Era possível ver o brilho metálico e discreto de aparelhos de dente no sorriso que a garota dava à câmera.

Na estante, achei livros sobre música sacra, sobre os românticos, sobre poetas, sobre Viena. Livros de mistério, ficção científica, a coleção de Harry Potter. Logo acima da cama, havia um pôster grande de Hogwarts grudado na parede, um pouco amassado nas pontas.

A garota ressurgiu depois do banho, vestindo calças largas de moletom e uma regata simples e velha como pijama. Antes de se deitar, deu uma última manuseada no violino, como se não pudesse acreditar que era mesmo seu. Colocou-o com cuidado dentro da caixa, que se fechou com um estalo macio. Sentei-me à escrivaninha. Quando a garota deitou-se, ela não adormeceu. Acordada, encarava o teto.

– Estou aqui – eu disse a ela.

Nada.

– Eu sei que você acha que o violino é seu, mas eu ainda estou aqui, e só queria que soubesse.

Ela piscou. Deu um suspiro leve. Eu nem mesmo imaginava no que estava pensando.

– Você é um pouco tensa – toquei meu pulso inexistente. – Bem aqui. Eu poderia ensiná-la a não ser, mas acontece que eu fui atropelado, o que é uma merda.

A garota puxou o lençol para cima do rosto, deixando de fora apenas os olhos grandes, a testa alta e coberta pelos cabelos. Comecei a perceber que era bonita, o que fez com que eu me sentisse como algum vampiro de romance adolescente, invadindo casas para ver mulheres jovens dormindo.

Determinado a deixá-la em paz, abandonei meu posto. Fui até onde estava o violino, em cima de uma cômoda gasta, trancado na caixa; a caixa que tantas vezes eu levava comigo, mas que agora não guardava nenhum resquício de, um dia, ter pertencido a mim.

Coloquei minha mão sobre ela, ansioso por uma resposta.

De repente, o violino soou. Um som nada bonito, mas agudo, um gato à beira da morte. A garota ergueu a cabeça do travesseiro, quase dando um salto do colchão, enquanto eu me afastava da caixa com a urgência de um ladrão descoberto.

– Não fui eu, não fui eu – eu repetia.

Mas obviamente fora eu.

A garota chutou as cobertas, descendo da cama e aproximando-se do violino. Ela abriu a caixa, onde o encontrou inteiro, exatamente como estivera há poucos minutos. Eu me mantive escondido, sem dar um único pio, embora soubesse ser ridículo, porque ela nunca me enxergaria. Em silêncio, a garota estudou o próprio quarto, mas não existia explicação para o som.

Ela fechou a caixa. Retornou à cama, mas deixou a luz ligada. Adormeceu algum tempo depois.

Esperei até ter certeza de que ela não acordaria. Aproximei-me mais uma vez da cômoda, colocando minhas mãos na caixa, tentando, em vão, recriar o que acontecera, mas o violino permanecia mudo, não importasse o número de vezes em que eu fizesse meus dedos atravessá-lo.

Desistindo, fui me abrigar no chão, costas contra os pés da cama. A madrugada me trouxe algo que não achei que pudesse realmente sentir, que era cansaço. Sem pensar muito a respeito, posicionei meus braços como se a segurar um violino. Meu violino imaginário. Comecei a tocar.

Paganini. Caprice, número 24. A mesma música que eu tocara na minha primeira apresentação em público, ainda um pré-adolescente, diante de uma plateia composta principalmente por meus colegas de escola entendiados e seus pais ocupados. Agora, fingia que tocava para ela, a garota que comprara o meu violino, a única

espectadora que me sobrara.

Ela parecia exausta na manhã seguinte. Enquanto a escovar os dentes, lançava olhares furtivos à caixa do violino. Depois de trocar de roupas, ela resgatou o instrumento, empunhando-o. Quando o arco tocou as cordas, eu soube imediatamente o que estava tocando: Paganini. O meu Paganini, meu Caprice. E não era apenas a música – eram também os meus movimentos, que eu reconhecia na figura daquela garota.

Fantasmas assombravam coisas. Casas, por tradição, mas também joias, bonecas assustadoras e, em instâncias mais raras, pessoas. Eu assombrava meu violino.

Ela apresentava-se em praças e em parques. Nem sempre era aos clássicos que dava sua preferência. Às vezes, do nada, a garota movia o arco e eu reconhecia a música que tocava como sendo de algum vídeo-game. The Legend of Zelda, Super Mario, ICO.

As pessoas paravam para ouvi-la; deixavam dinheiro na caixa aberta do violino. A garota sempre agradecia, realizava medidas, o cabelo caindo e cobrindo seu rosto a cada vez em que ela se inclinava. Pequena, parecia grande com o violino em mãos, o centro momentâneo das atenções dos pedestres, e eu me alimentava daquilo; rondava-a, esperando pelo momento em que ela tocaria as partituras que eu fazia-a a decorar durante as noites, a garota sempre despertando exausta e furiosa, a música tendo consumido suas horas de descanso.

Eu sabia o que estava fazendo. Eu sabia ser o vilão, o Fantasma da Ópera, tornando uma inocente no veículo das minhas frustrações artísticas. Em público, enquanto a garota apresentava as músicas que eu tocara nas madrugadas, eu era o mestre comovido, mas rancoroso, ciumento. Queria a atenção com que a brindavam, os estranhos que apareciam para ouvi-la tocar. Queria que me enxergassem também, que depositassem em mim algum crédito pelo espetáculo que agora era deles. Acima de tudo, queria que ela, a garota, me enxergasse. Que me descobrisse no meio da multidão e soubesse que nós dois dividíamos o mesmo mundo e as mesmas músicas.

Ela almoçava com uma das garçonetes do pub. Geralmente comiam na rua, sentadas em algum banco, vendo os carros passando. Eu rondava-as de perto, mas sempre temeroso. Desde o que acontecera em meus últimos segundos de vida, o trânsito me deixava inquieto.

– Você anda bem? – perguntara a outra garçonete, um dia. Erguera o rosto da garota pelo queixo. – Parece que não dorme nada.

No pub, a garota esgotava-se facilmente. Esquecia-se de alguns pedidos, bocejando com frequência enquanto arrastava os pés atrás do balcão. Embora eu evitasse pensar a respeito, sabia ser o causador daquilo.

– Estou bem – garantia a garota, afastando a preocupação. Ela nunca parecia bem. No entanto, quando abria a caixa do violino no meio de uma praça cheia, quando o tomava nos braços, ela se transformava: ganhava a vida que primeiro me atraía, a vida que eu desejava poder ter de novo.

Eu fazia propaganda em seu nome. Cheguei até mesmo a chamar alguns fantasmas para escutarem-na tocar, o único público que me atenderia.

Alguns apareciam. Nunca falavam muito, e eu sorvia cada raro comentário com desespero.

– Ela é boa – disse outro morto.

– Ela é – eu concordei.

– Como é que você faz esse negócio? Como a controla?

Eu me perguntava se ele realmente estava interessado na música, na garota, em nossa parceria, ou se apenas queria saber como assombrar eficientemente alguém.

Respondi com honestidade:

– Não tenho a menor ideia.

Ben veio vê-la tocar, um dia. Não reparei de imediato na presença dele, percebendo-o apenas quando o público da praça começou a se dissipar e Ben permaneceu parado onde estava, observando a garota com um ar de preocupação. Ela perdera alguns quilos nos últimos dias; não era algo tão prontamente perceptível quanto sua expressão de cansaço era ou as bochechas magras e pálidas.

Quando viu Ben, a garota acenou. Ele acenou de volta. Por alguma razão, senti-me incomodado, como se a vinda de Ben trouxesse algo ruim.

– Olá – disse a garota, aproximando-se, a caixa do violino fechada sob um dos braços.

– Olá – Ben retribuiu. – Me disseram que você andava por aqui.

– Nas quartas e nas sextas – disse a garota, e bocejou.

– Está quase na hora do almoço. Quer comer um hot-dog?

A garota era nova demais para Ben. Não parecia haver nenhuma intenção oculta por trás daquele convite. Se Ben expressava qualquer coisa, era apenas uma espécie de zelo paternal.

– Você parece bem cansada – ele disse, mas a garota deu de ombros.

Encontraram o carrinho de hot-dogs do outro lado da praça. Era um dos tradicionais, nada de acompanhamentos além do pão e da salsicha. Compraram dois e foram sentar-se em um banco, a garota pousando a caixa sobre o colo.

Com medo de que ela sujasse o violino com farelos, eu tentei agarrá-lo e fugir e o que nunca aconteceu.

– Como é a vida de uma artista de rua? – Ben quis saber.

– É boa – respondeu a garota. – Melhor do que ser garçonete. A agenda é mais

flexível – e ela riu.

– Só de olhar para você, eu não teria adivinhado – disse Ben, e a garota pareceu entender.

– Sei lá. Não ando dormindo direito, acho – disse.

Ela contou a Ben sobre os sonhos. Era a primeira vez em que falava a respeito, a primeira vez em que eu escutava exatamente o que se passava na cabeça dela desde que eu virara seu fantasma residente. A garota disse que sonhava com um violinista; um homem que, ela acreditava, era seu professor de escola, aquele que a levava para a música quando ela era só uma criança necessitada de gastar suas energias.

– Sou eu – eu dizia. – Não é seu professor, sou eu. Olhe para mim.

– Isso desde que você comprou o violino? – perguntou Ben.

– É – disse a garota. – Acho que é uma forma do meu subconsciente me mandar fazer alguma coisa da vida.

– Bom, vê se pega mais leve.

– Ben, eu te amo, mas não mela a minha festa – eu implorei. – Por favor.

A garota não respondeu. Ela terminou de comer o hot-dog, amassando o papel em uma bolinha que guardou entre os dedos.

– Quem era o dono do violino? – ela quis saber.

Ben disse meu nome. Aquilo pareceu saciar a curiosidade da garota, que não fez mais perguntas, mas lá estava meu fantasma, pairando entre eles, um pouco mais real do que fora até alguns segundos atrás. Ben acompanhou-a até o ponto de ônibus. Despediram-se num abraço um pouco constrangido, Ben afastando-se dali, virando-se apenas uma vez mais para vê-la; ele parecia querer dizer alguma coisa, mas a garota já não olhava em sua direção, braços cruzados sobre a caixa. Quando Ben sumiu, ela pareceu desistir de esperar por um ônibus. Caminhou para longe do ponto, subitamente disposta a andar. Eu sabia o que queria: queria se cansar, a fim de poder dormir uma noite inteira, sem sonhos. Assim que chegou ao apartamento, colocou a caixa sobre a cômoda e largou-se na cama.

– Você não pode dormir – eu disse.

A garota não se moveu.

– Abra os olhos – eu pedi. – Olhe para mim. Eu estou aqui.

Diante da recusa da garota, eu me descobri cada vez mais zangado.

– Eu vou tocar a noite inteira – prometi. – Eu não vou a lugar nenhum.

E toquei. Ela não dormiu.

Em um fim de tarde, estávamos no apartamento, escutando, através das paredes finas do prédio, a colega de quarto e seu namorado fazendo sexo. Quando eu era mais jovem e ingênuo, quando eu era mais vivo, costumava imaginar que o que existia depois da morte seria um pouco mais digno do que aquilo.

– Meu Deus – resmungou a garota, cobrindo a cabeça com o travesseiro.

Ela dormia muito pouco. Sua pele estava mais pálida do que nunca, círculos roxos enfeitando o rosto. Eu roubava suas noites; a colega de quarto parecia disposta a roubar suas tardes.

– Nós podemos sempre fazer alguma coisa a respeito – sugeri, mas sem intenção real, querendo apenas que minha voz se sobrepusse aos demais sons.

Foi uma surpresa quando a garota pareceu aceitar a sugestão; nos últimos dias, parecia que ela estava cada vez mais suscetível a qualquer vontade que eu manifestasse. Jogando o travesseiro para fora da cama, ela se levantou. Seus pés descalços, pegou o violino e começou a tocar. Levou alguns segundos até eu entender que música era aquela: o tema de Em Algum Lugar do Passado. Fiz uma careta involuntária, mas então reparei na malícia no rosto da garota e compreendi que não existia uma música mais propícia a destruir o que acontecia no quarto ao lado.

Como se por mágica, a colega da garota e seu namorado calaram-se.

– Para com essa merda – a colega de quarto gritou, depois do tempo necessário para assimilar o que acontecia.

Mas a garota não parou. Continuou tocando, conseguindo, de uma forma extraordinária, transformar a música no tema do filme Tubarão. A colega de quarto gritava seu nome, mas ela não atendia.

– OK, acho que eles entenderam o recado – eu disse.

Mas não era o suficiente para a garota. Ela seguiu tocando, e logo abandonou seu repertório de trilhas sonoras, embrenhando-se na área clássica que nós tão bem conhecíamos. Ela começou a tocar Paganini, de um modo muito mais enérgico do que eu jamais a vira tocando.

– Pare com isso – eu mandei. – Vai arrebentar alguma corda.

Quando a garota se recusou a obedecer, fui até ela. Seu rosto estava transformado por uma fúria que eu não conhecia, como se tocar o violino causasse algo que beirava a dor física.

– Eu mandei você parar – disse. – Já chega.

Algumas vezes, a energia dos vivos me comovia. A dela, em especial, nunca me parecera mais óbvia do que naquele momento. Eu queria tocá-la. Não do modo pervertido, mas como só alguém que já não pode sentir mais nada compreenderia.

Coloquei as mãos no rosto dela. A reação da garota foi parar o que fazia e jogar o violino no chão, incapaz de suportá-lo.

– Não – Minha voz saiu fraca, incrédula.

Agachei-me diante do violino, querendo pegá-lo, saber se a queda causara algum dano.

– O que você fez? – eu gritei – Mas que merda que você fez?

O gemido escapou da minha garganta estava mais de acordo com um fantasma, lamurioso e pouco humano. Queria poder me dobrar e chorar, um desespero nascido não sabia de onde.

Com raiva, ergui a cabeça, encarando a garota. Percebi que ela também me encarava. E foi a tensão em seu rosto, o modo com que até suas sardas pareciam desaparecer na brancura da pele, que me disse que ela me enxergava.

Era a ironia da vida, e que nos perseguia mesmo na morte: eu esperara por aquele momento durante tanto tempo, a hora em que eu seria reconhecido, e ele decidira se realizar quando eu estava no meio de um ataque de nervos.

A raiva tendo passado, tão chocado quanto a garota, levantei-me. Estiquei um braço em sua direção, mas ela fez apenas se afastar, encostando-se contra a escrivaninha até não ter mais como recuar.

Eu não soube o que falar.

Ela continuou muda, petrificada.

– Desculpe – murmurei.

Dei um passo para trás, deixei o quarto. Deixar não explica exatamente o que aconteceu, que incluiu eu pular da janela e me esconder atrás de uma van, sentindo que meus pulmões inexistentes estavam sem ar. Após alguns minutos, escutei quando a porta de entrada do sobrado se abriu. A garota saiu, levando consigo a caixa do violino. Seu rosto parecia dolorido, como se ela segurasse o choro. Acuado, feito um fugitivo, segui-a até a loja de Ben. A garota mostrou a ele o violino. Começou a falar, mas eu não escutava suas palavras, havia me recusado a entrar na loja. Ben segurou o violino, confuso e sem dizer nada.

Afastei-me da vitrine. Por remorso ou vergonha, ou mesmo os dois, não queria saber do que conversariam. Perdido, deixei que meus pés me guiassem para qualquer outro lugar. Recusei-me a ir para a casa de meus pais, o primeiro endereço ao qual meu instinto sempre me forçava. Acabei indo parar no West End. O fantasma de St. Mary continuava no alto da catedral, ameaçando se atirar de lá. Não dei a ele muito tempo para pensar a respeito. Escalei a torre e empurrei-o com um chute. Ele caiu sem produzir nenhum ruído. Quando chocou-se contra o chão, sem sequelas, voltou-se para mim, atordoado.

– Seu babaca – gritou.

Mostrei meu dedo do meio, e o fantasma desapareceu. Ele estava certo, porém. Eu era um babaca. O rei dos babacas, governante inquestionável da Babacalândia.

À noite, passei pela loja de Ben, agora fechada, o interior tomado pela escuridão. Retornei ao sobrado em que a garota morava, mas não entrei. A luz do quarto dela estava acesa, cortinas fechadas. A realidade seguia imutável: eu estava morto. A garota, no entanto, estava viva, e não precisava de um encosto.

Depois do acidente que me matou, fiquei à espera de coisas que nunca aconteceram: de uma luz que abrisse um túnel e que me sugasse para dentro dele, de aliens me abduzindo para o além-vida, da voz divina de um deus bondoso, ou talvez colérico, recebendo-me no céu ou no inferno.

No lugar de todas aquelas expectativas, o que aconteceu foi o violino; e a garota.

Eu sabia que eram eles minha âncora frágil no mundo, como minha mãe era a âncora do fantasma do meu pai. Agora que eu impusera uma distância saudável dos dois, pelo menos saudável para a garota, sentia como se um relógio invisível tiquetaqueasse por onde quer que eu tentasse me esconder, anunciando que meu tempo no mundo, que jamais fora certo, estava finalmente se esgotando.

Fiz algumas visitas. Retornei para ver minha mãe, durante uma tarde silenciosa. Deitei-me na cama, no lado do colchão que agora era sempre vazio, cobrindo-a com um dos meus braços. Ela soltou um suspiro repentino, como se dominada por alguma onda gélida que meu toque trouxera. Depois que pareceu se acalmar, perdida em um sonho mais pacífico, eu disse adeus. Pedi para que não chorasse mais.

Encontrei meu irmão e Sasha na rua, perto de um dos parques onde a garota costumava se apresentar. Eles estavam diante de uma loja de artigos de bebês, e pareciam tão ridiculamente felizes que, por um instante, eu me deixei iludir e imaginar que também estava ali, compartilhando daquela felicidade. A vida é uma continuação. Apesar do que aconteceu comigo, meu irmão continuaria, o que chegava a ser algum tipo de consolo.

Eu disse que sentiria sua falta. Desejei que fosse um bom pai.

Esperei no cemitério em que meu corpo estava enterrado, sentado sobre minha lápide, observando as flores que as pessoas traziam para seus mortos murcharem e perderem as cores originais. Perguntava-me para onde partiam os outros fantasmas, os que não ficavam para assombrar os vivos. Considerava as opções que restavam.

Pensei em ver os lugares que nunca vira antes. Pensei que, talvez, eu pudesse formar uma excursão com alguns outros espíritos. No lugar de grupos de terceira idade visitando ruínas de saunas romanas, seríamos nós. Poderíamos assombrar castelos ou mansões decadentes. Eu poderia me tornar o mais novo fantasma de Hampton Court, conversar com Ana Bolena e Catherine Howard. Ou eu viajaria até o Brasil, conheceria suas praias, enfim, mesmo que não pudesse mais nadar nelas. Se a eternidade seria aquele aguardar, eu pelo menos aguardaria em um lugar mais iluminado.

Em meio aos meus devaneios, ela me encontrou. No primeiro instante, pensei estar alucinando, vendo a garota pisando no cemitério, perdida entre os túmulos. Sob um dos braços, a caixa do violino.

Esperei que se aproximasse. Ela parou diante da lápide que eu ocupava. Seus

lábios moveram-se em silêncio, formando as sílabas que compunham meu nome. Convencida de estar no lugar certo, a garota agachou-se. Abriu o estojo do violino e tirou-o de lá de dentro, intacto. Eu não sabia o que fazer.

A garota mordeu o lábio inferior, acanhada.

– É para você – ela disse, a voz baixa, sabendo que não precisava de muito mais para me alcançar.

E começou a tocar. Brahms. O segundo movimento do Concerto para Violino.

Havia muito que eu queria dizer, mas me mantive em silêncio, com medo de estragar tudo. Aceitei o presente dela. Aceitei meu violino em suas mãos, seu violino, a música que faziam juntos.

A paz que eu imaginava que a morte traria, que eu procurara em vão, estava ali, por breves minutos, em escutar a garota e não dizer nada em retorno. Não era um momento de iluminação; não trazia sentido para a vida, para as coisas que aconteceram a mim, mas parecia, ainda assim, que tudo estava bem, em harmonia e funcionando como tinha que funcionar. Percebi que estava chorando, mesmo que não pudesse ver e nem sentir as lágrimas.

Deixei-me desligar do presente. A âncora invisível que me prendia ao mundo parava de pesar, mas a garota ainda tocava; e, enquanto a música continuasse, mesmo que só por mais um pouco, eu ficaria ali.

Espiravale **Daniel Folador Rossi**

Os filhos-das-montanhas chamam esse vale de Ururrr, mas não gosto desse nome. Tudo na língua deles soa delicado como uma avalanche de pedras. Minha mãe me ensinou que significa Dois Avós nessa língua, se referindo às duas grandes montanhas que cercam o vale. Eu, particularmente, prefiro o nome que minha mãe me ensinou; Espiravale.

É a primeira vez que venho desde que mamãe se foi.

Aqui, o vento sul e o vento norte se encontram, atravessando as montanhas de cada lado e se chocando contra as encostas, criando um vórtice que vai espiralando o ar, fazendo minhas nuvens girarem com ele e se acomodarem calmamente sobre o vale. Aqui, o pastoreio é tranquilo. As nuvens podem beber a umidade do grande lago lá embaixo, e não se afastam muito; fica fácil cuidar delas.

Aprendi a conduzir as nuvens com minha mãe. Quando eu ainda não sabia nem voar sem desgrudar dela, já me ensinava a comandar as cumulus pequenas, que apesar de serem bem comportadas em geral, tentam fugir do rebanho quando irritadas. E nuvens mudam de humor fácil!

Olha lá, as stratus neblinando e roubando toda a umidade das encostas!

Ergo meu cajado de cristais de granizo e faço-as circular. Os outros seres acham graça quando me veem gritando ordens pra essas montanhas de névoa, pequena como sou, mas mamãe me ensinou bem. O segredo é erguer bem o cajado e se impor. Isso, circulando. A umidade daqui é boa, mas tem que saber distribuir entre as demais. É claro que a espiral formada pelo vento ajuda bastante, por isso mamãe gostava daqui.

Uma brisa fria sopra e meu corpo borra um pouco. Sento-me numa cumulus e ajeito a aparência. Sou muito teimosa com meu corpo, não gosto de deixá-lo nublado como as outras nuvem-fadas. Dessa vez o cabelo se desfez num borrão; demora tempo para remodela-lo. Acho melhor prendê-lo num laço de geada para que não se desmanche outra vez...

Enquanto me penteio, um filho-da-montanha se aproxima pelo vale.

Eles andam devagar, com seu corpo de pedra, e são tão altos que seus ombros passam por entre minhas nuvens. São muito tranquilos e gentis com meu povo, e sempre ignoram quando algumas nimbustratus chovem em suas costas. Agora mesmo, as stratus mais jovens cobriram de neblina os pequenos bosques espalhados em seus ombros e braços. Acho que ele veio beber do vento norte; deve nos fazer companhia essa noite. Queria mesmo alguém para conversar.

Flutuo até sua alta cabeça rochosa, onde pinheiros balançam a cada passo.

Espero até que pare de andar – filhos-da-montanha não falam enquanto se movem, nem se movem enquanto falam. É mais educado esperar.

O dia já está chegando ao fim, e o sol pinta de vermelho as altostratus mais acima. O gigante de pedra está parado de pé, na beira do lago, já há algum tempo. Aproximo-me.

– Feliz fim de dia, filho-da-montanha! Que suas árvores nunca sequem – gaguejo no seu idioma arrastado – Hoje me chamo Fassane, das nuvem-fadas, e acredito que passaremos esta noite juntos.

– Feliz início de noite, pequena nuvem.... Meu nome sempre foi Órr dos filhos-das-montanhas, desde que os Ururrr adormeceram aqui, eras atrás – respondeu ele, e sua voz era um som grave como o vento soprando por entre grutas – O que traz uma nuvem-fada aos altos vales dos meus avós? Seu povo raramente se aproxima deste final da cordilheira.

– O pastoreio. Estas nuvens que aqui descansam são meu rebanho; os ventos deste vale as tangem bem e a umidade do lago as alimenta.

– Órr conheceu muitas nuvem-fadas pastoras, mas nenhuma que se afastasse tanto de casa.

– Minha mãe me ensinou esse caminho, e me trazia aqui. É a primeira vez que venho.

– Sua mãe então era uma nuvem corajosa, Fassane. Os ventos do vale são tranquilos, mas há males piores do que ventos fortes no fim da cordilheira.

– Ventos secos que roubam umidade?

– Homens, pequenina.

– Homens? Mesmo? Não sabia que os filhos-das-montanhas acreditavam nas histórias das nuvens mais velhas.

– Não são histórias, pequena. O seu povo vive em altitudes desertas, mas Órr caminha por toda a borda da cordilheira. Já vi suas cidades ao longe, e já vi suas criaturas-máquinas de voar.

– Aeronavios? Isso existe?

– Sim. São um povo curioso, os homens, e também um povo perigoso. Há feiticeiros entre eles.

– Nunca vi um homem... São nebulosos como eu ou rochosos como você?

– Eles são... diferentes. São como os cabritos das montanhas; mais moles que as pedras, porém mais duros que as nuvens. Muito menores do que uma montanha ou a menor nuvem do seu rebanho, porém te ultrapassam duas vezes em tamanho.

– Homens... e eles vem muito aqui?

– Com mais frequência do que eu gostaria. Não se atrevem a perturbar Órr, mas podem não hesitar contra uma pequena nuvem. É melhor se afastar daqui, Fassane.

– Desculpe, Órr dos filhos-das-montanhas, mas se existem mesmo homens,

gostaria muito de ver um. Minha mãe os usava para me amedrontar e me afastar dos lugares com ventos perigosos, mas agora sou uma nuvem adulta, posso me cuidar. Além disso, o sol já se pôs e é noite de lua nova, vou perder o caminho se partir agora.

– Órr jura pelas árvores de suas costas que ele prefere que Fassane parta; mas não obriga Fassane a ir. Sou amigo das nuvem-fadas, mas posso não servir para protegê-la de males maiores. Órr espera que os ventos provem que o filho-das-montanhas estava errado, e que Fassane não encontre o que deseja.

– Eu agradeço as palavras gentis.

Órr então se cala, parece pensativo. Mas os filhos-das-montanhas sempre o parecem. Melhor ajeitar uma nuvem para dormir. Onde está aquela cumulus onde me penteei? Dá pra modelá-la num pequeno quarto, duvido que uma brisa o desmanche até de manhã.

Afasto-me do vulto estático de Órr. Já é de noite, e as nuvens mais baixas cobriram de neblina o vale e a superfície do lago. Visto daqui de cima, o gigante parece apenas um pico rochoso envolto em névoa, com uma vaga aparência de pessoa. Voo mais alto para enxergar todo o vale.

Olha lá a cumulus, escondida atrás das outras nuvens; deve ter se assustado com Órr. E ela parecia tão sólida mais cedo. Nuvens mudam de humor tão fácil...

– Girar a bombordo! – soa a voz do capitão.

O timoneiro puxa o leme com força, fazendo o aeronavio receber em cheio o vento norte. As velas se inflam, e me seguro quando arrancamos.

Finalmente, ventos mais fortes! Perdemos quase dois meses para cruzar os ares entre a capital e a cordilheira, dois meses sendo castigados pelos ventos do deserto!

Agarro-me com força no tombadilho; estamos realmente ganhando velocidade. Dois meses voando no nível mais baixo do céu, tão perto do deserto, devia ser proibido pelo Califa!

É *muito* frustrante ficar preso nessa altitude; mas Im-Shazi tem medo de que não aguentemos a força dos ventos superiores. O aeronavio está fraco, precisa de reparos e repouso, mas não podemos atracar ainda. Deuses, o prazo é curto. Perdemos toda a mercadoria para aquela tempestade, meses atrás, e se não arranjarmos dinheiro logo, com certeza vai haver um motim. O capitão prometeu um gordo pagamento quando terminarmos essa viagem, mas não estou muito confiante.

É a primeira vez que caçamos escravos.

O País do Norte aumentou o preço de escravos nos últimos anos. Fadas são as mais caras, e se o Califado não tivesse intervido, todos os povos feéricos estariam em guerra com os homens. É claro que não proibiram o comércio, ninguém seria tão louco, mas agora toda mercadoria deve ser avaliada pelos juízes. Por isso tivemos

que partir para longe dos limites do reino...

Uma longa cordilheira separa os desertos do norte do País dos campos do sul. Im-Shazi disse que conhece os picos das montanhas mais ao leste, no final da cordilheira, e que ali vivem fadas *muito* valiosas para o mercado, cuja venda poderia pagar os reparos no navio e enriquecer cada um de nós pelas próximas semanas. Seres pequenos e fáceis de transportar, e feitos de água, névoa e gelo. Nuvem-fadas.

Eu nunca vi uma, mas devem ser bichos estranhos.

Agora, já alcançamos os primeiros vales rochosos, e logo além o terreno começa a subir. Vamos acompanhar o relevo até o cume, e dali partir por entre as montanhas. O sol está se pondo, melhor colocar uma roupa mais quente. Devemos chegar ao cume ainda durante a noite.

– Mãe! Mas esta é gigantesca!

– Farfal, minha filha, deixe-me! Você já é adulta, conhece nosso destino.

– Mãe, você não pode ir agora! Não contra *aquilo*.

– Solte-me, filha, já disse! – gritou ela – Você é uma pastora crescida, já sabe domar as nuvens sem mim. Se eu não voltar, cuide do rebanho.

E dizendo isso, ela se solta do meu braço e flutua para longe, em direção àquele monstro! Pelos ventos, não! Que vontade de gritar, de abraçá-la e fugir dali! Mas tudo o que consigo fazer é vê-la ir embora, erguendo seu cajado de gelo e gritando palavras de poder. Deuses!

Lágrimas de chuva borram meu rosto enquanto a vejo partir para enfrentar a tempestade. Ao longe, a imensa nuvem escura se aproxima, vinda dos vales mais baixos, trovejando sobre as encostas. Eu nunca vi uma cumulonimbus tão gigantesca em toda a minha vida! Ela é maior que nossa maior nuvem, e deve cobrir uns seis níveis do céu!

Os ventos ficam perigosamente fortes, borrando o vulto de mamãe e desmanchando os contornos do meu corpo. Tenho que voltar, tenho que conduzir as nuvens em segurança para um vale mais calmo. Volto-me para meu rebanho, dando um último olhar para trás. Minha mãe é apenas um ponto contra a tempestade, agora. Enxugo as lágrimas e ergo o cajado para...

Que ventania!

Acordei com meu salão-cumulus se desmanchando com o vento vindo do norte. A espiral de vento está fazendo a neblina da noite se agitar e as nuvens mais altas rodopiarem.

O que é isso, acordei chorando?

Faz tempo que não sonho com aquele dia, a última vez que a vi. Mamãe cumpriu o destino de nossa espécie, mesmo com a filha imatura gritando para que fugisse. Ventos, porque não a deixei ir em paz? Eu sabia que aquele dia chegaria para ela,

assim como há de chegar para mim.

O destino das nuvem-fadas das cordilheiras, da minha nação, deve ser cumprido. Quando o granizo-núcleo que nos dá forma e vida estiver finalmente rígido, não devemos mais fugir das grandes tormentas, mas sim enfrentá-las. Se sobrevivermos ao embate e nos tornarmos um com a mãe-tempestade, ascenderemos à casta das fadas-tormenta, senhoras dos céus selvagens. Caso contrário, nos desfaremos em chuva, partindo dessa para outra vida; talvez como fadas dos lagos e rios. Mas, em nenhum dos casos, há derrota... Devia tê-la deixado ir em paz.

Farfal. Nunca mais usei esse nome, em nenhum outro dia de minha vida.

A ventania e mudança na umidade me trazem de volta ao presente; parece que vem chuva dos vales do norte, chuva forte. A névoa se agita, mas as nuvens estão mais calmas, pelo menos por agora. Toda a porção baixa do vale está coberta pela bruma, só consigo ver o topo da cabeça de Ór. Ele continua no mesmo lugar em que o deixei...

Luzes, há luzes na neblina!

É lua nova, mas estou vendo pontos luminosos surgindo de uma curva do vale. E... parece voar. Aproximo-me através da névoa; meu corpo incha com a umidade, mas estou protegida pela bruma e pela escuridão.

Dobrando a curva, vem voando uma construção – parece de madeira –, arredondada na parte de baixo e reta na parte de cima. Ela flutua no ar como eu, e possui grandes coisas brancas amarradas em postes, espalhados ao longo da superfície reta. Há tochas de fogo – odeio fogo –, presas nas paredes, iluminando a neblina na noite. Na parte de baixo, asas membranosas como as de uma libélula brotam da madeira.

Um aeronavio humano!

Nem quando mamãe o modelou numa cumulus imaginei que fosse assim! É tão... rígido, e bonito. Dizem que é um bicho vivo, que os homens aprenderam a construir e a criar...

Homens! Aqui!

Ouçó um chiado alto quando chego um pouco mais perto, agudo como a língua dos pássaros; parece vir do aeronavio. Ele bate as asas membranosas com força e vira de lado, fazendo os ventos murcharem nas coisas brancas e pouco a pouco ele perde velocidade. Agora, seres aparecem na parte de cima, puxando fios e amarrando coisas. Seres-homens! Ventos do céu, como são estranhos! De longe até lembram uma nuvem-fada, possuem pernas e braços e cabeça, mas todo o resto é diferente! São sólidos como animais da floresta, seu corpo não ondula; seus cabelos ou barba não nublam, e, ao contrário do aeronavio, não parecem poder flutuar. E como são inquietos! Um deles escala um dos postes centrais, indo para

uma cesta construída na parte de cima; já os demais puxam, mexem e trocam coisas de lugar.

Oculto pela escuridão e pela neblina, me aproximo o máximo possível sem ser visto.

– Velas recolhidas! – gritaram de baixo.

Do cesto da gávea posso ver ao redor do navio, até onde a névoa e a falta de luz me permitem. Salvo o gigantesco pico de pedra no meio do vale, não estamos muito próximos de árvores ou da parede rochosa das montanhas. Deve ser um bom local para ancorarmos.

– Entorno seguro! – grito daqui de cima.

O imediato confirma e manda que ativem a âncora rúnica. O monolito de pedra escura, recoberto de inscrições de poder, é então lançado do tombadilho e ativado: suas runas fluorescem de verde na névoa, fazendo-o parar em plena queda, travando-o no espaço. Uma grossa corrente de ferro o prende ao navio; finalmente ancoramos.

– Latif, fique de guarda no primeiro turno da noite – me grita o imediato – Nasir cobrirá o resto.

– Im-Riad, eu fiquei no cesto grande parte da viagem e...

– Boa noite, Latif! – e o desgraçado fechou a porta atrás de si. Os outros já se recolheram, antes que algum trabalho noturno sobrasse pra eles. Se o imbecil do Nasir estiver bêbado quando eu for chamá-lo, juro que o arremesso no vale lá embaixo.

Desço do cesto contrariado. Nem ferrando vou passar meu turno inteiro lá em cima. Perto do dos caixotes da popa tem uma garrafa de vinho, que escondi pra beber sozinho. Vinho vagabundo do porto, mas serve pra acompanhar a noite fria.

Um assovio agudo me faz levar a mão ao cabo da cimitarra. Olho em volta do vale, mas a droga da neblina não me deixa ver nada, e os outros não param de gritar dos aposentos. O capitão deve estar contando pela décima vez como capturou aquela nuvem-fada na tempestade do ano retrasado. Bando de desesperados, duvido muito que achemos alguma coisa tão cedo.

Levo a garrafa à boca e entorno um gole generoso. O vinho queima como só os vinhos ruins sabem fazer, mas o frio pouco a pouco vai embora.

Outro assovio, alto, audível. Vem do tombadilho. Estamos cercados pela escuridão da névoa e da noite sem lua, não consigo ver nada muito longe do barco. Cuspo para espantar o azar; não acredito em fantasmas, mas qual mundo que não tem os seus demônios? Espero alguns minutos, mas não ouço nenhum outro som estranho. Decido voltar para o cesto da gávea antes que notem que deixei o posto, quando percebo um rosto no meio da neblina.

Minhas pernas congelam, o coração acelera.

No meio da neblina há um rosto flutuando, com grandes olhos aquosos me encarando. Pouco a pouco me recupero do susto, e percebo que o rosto tem feições femininas. Um cabelo feito de... de névoa, e há também um corpo, meio borrado nos contornos, mas visivelmente um corpo feminino. O vinho arde em minha garganta, lembrando que posso estar delirando. É isso que é uma nuvem-fada?

– Ei, ei! – chamo baixinho – Ei! Você pode me ouvir? Consegue me entender? – Aceno com a mão, mas a silhueta treme na névoa e desaparece no escuro. Largo a espada e levanto as mãos – Eei, eu não vou te fazer mal! Ei!

Durante uns segundos parece que fui ignorado, mas então o rosto ressurgue. E ela vem flutuando devagar até a borda do navio.

Cacete, uma nuvem-fada!

Em tudo lembra uma mulher com metade do meu tamanho, só que feita de névoa inquieta, e, à luz das tochas, levemente rosada. Os olhos são brilhosos como gotas de chuva, o cabelo ondula pra cima, e os contornos do corpo tremem com a agitação do ar. Sorrio como um idiota quando percebo que parece nua, com finos véus de bruma cobrindo o corpo. E parece frágil como um anel de fumaça.

Nas mãos, um bastão de gelo mais pontiagudo que o humor do capitão, que percebo que está apontado pra mim. Gelo sólido.

– Ei, ei – falo devagar, sem fazer movimentos bruscos – Amigo. A-M-I-G-O.

Ela abriu a boca pra falar, mas a resposta foi uma mistura de sopro e assovio; como o barulho do vento nas árvores ou um chiado de ventania. Soprou e assoviou uma dúzia de sons, dos quais não entendi droga nenhuma, mas por último, apontou para si e repetiu o som três vezes. Não eram sopros, eram palavras. E ela soprava algo como *fassn... fassan...*

– Fassane? – perguntei, apontando pra ela. Seu sorriso confirmou minha dúvida.

Apontei pra mim e repeti meu nome três vezes. Ela soprou e assoviou na língua dela, até conseguir repetir um *Vatif*, e dou-me por satisfeito.

Fassane sorriu, mas ainda sem baixar o bastão pontiagudo. Conheço histórias terríveis envolvendo fadas lindas e um aeronauta curioso, e enquanto ela não relaxar, não me sinto seguro. Será que consigo

fazê-lo me entender? Mamãe me ensinou a língua dos pássaros e dos filhos-das-montanhas, e com um pouco de sorte consigo conversar com os macacos e os cabritos dos vales. Mas, homens? Como são diferentes! A língua dele é estranha, sólida como as dos animais, e não tem assovios nem sopros... E tem uns sons difíceis de fazer.

Sem baixar o bastão – mamãe me ensinou a ser precavida – me aproximo um pouco mais, e pouso no chão daquele navio.

Curioso, a barba dele é espessa e se parece com os pelos dos bichos, crescem e caem, não flutuam. Eles não se vestem com véus de nuvens, mas usam coisas

amarradas em volta do corpo. Definitivamente, não voam; dá pra ver bem que os pés estão firmes no chão de madeira. Ele cobre a cabeça com um turbante, feito da mesma coisa que o resto das roupas, e tem cordões de metal brilhante pendurados no pescoço. Quantas coisas eles usam ao mesmo tempo!

Este homem chamado Vatif – se entendi bem o seu nome – largou no chão aquilo que sem dúvidas é uma arma de metal... parece que ele não é perigoso. Mas acho que já estou

perto o suficiente, melhor não me aproximar mais, ou ela pode ir embora. O bastão continua apontado pra mim, mas não acho que ela pretenda me atacar ou algo do tipo.

O fogo de uma tocha próxima tremeu e reluziu numa pedra de gelo, flutuando dentro de seu corpo transparente. Entre seus seios, consigo ver um pequeno cristal... lembro que Im-Shazi ter contado que a fada que ele capturou tinha um igualzinho na altura do coração.

Olho nos olhos de Fassane mais uma vez.

Nuvem-fadas realmente são criaturas bonitas... e curiosas. Pra que tipo de trabalho o Norte está reservando pra essas fadas? Im-Shazi disse que não tem certeza, que podem ser desde servas da nobreza até escravas sexuais; disse que não queria saber e nem se importava, contanto que pagassem bem.

Ouvi dizer que são para sacrifícios.

A ideia de caçar escravos não me agradou desde o começo, e agora, vendo uma de frente, eu não diria que a vontade cresceu.

Bem, de qualquer modo, duvido muito que minha cimitarra possa fazer algum mal a ela, e ela ainda não baixou a droga do bastão de gelo, que não duvido que *possa fazer* alguma coisa a mim, se for o caso. E com essa neblina toda, se ela resolver sumir, bom, ela sumiu.

– Uma nuvem-fada, Latif! – berrou meu invariavelmente bêbado colega Nasir, ao surgir no convés – Uma fada! Capitão! Latif achou uma fada!

O rebuliço e a correria fizeram Fassane desaparecer na escuridão mais rápido do que uma brisa de verão. Im-Shazi surgiu afoito do dormitório, seguido pelos outros que se acotovelavam para passar pela única porta.

– Latif! Nasir! – gritou ele – Do que raios vocês estão falando? Viram uma fada?

– Ela estava aqui capitão, antes do Nasir gritar como um alucinado... – respondi.

Os olhos do capitão ficaram vidrados e jurei que ele arremessaria meu colega do tombadilho. Pegou-o pela barba e o jogou no chão.

– SEU IDIOTA ESTÚPIDO! Eu repeti milhões de vezes, você tem que prendê-la com um pedaço de pano, e não gritar como um imbecil!

Nasir, bêbado, mal consegue se proteger dos socos. Faço minha cara mais impassível e livre de culpa possível. Se sobrar pra mim, vou *definitivamente*

arremessar o Nasir daqui de cima.

Eles continuam gritando lá embaixo, enquanto me afundo na névoa e subo o mais rápido de longe possível dali. Homens são muito barulhentos! Tomei um susto maior do que quando perdi a trilha de casa no inverno passado.

O vento norte aumenta, se chocando contra o vento sul. A espiral cresce em força; agora tenho certeza de que vem uma tempestade vinda do norte. Já, já o sol deve nascer; temos que sair daqui assim que houver luz.

O Espiravale fornece agradáveis ventos circulares para o pastoreio, mas uma tempestade aqui pode evoluir pra algo catastrófico: um tornado.

Sagrado Vento-Leste, traga proteção para mim e meu rebanho!

Vou tentar acordar as nuvens maiores, elas tem que começar a se mover mais cedo. As stratus que neblinaram vão se recompor assim que o sol nascer, levantando a névoa do vale. Órr continua estático, mas duvido que uma tempestade o assuste e...

Os seres-homens!

Eles tem que sair daqui, não acredito que aquele aeronavio possa aguentar uma tempestade no Espiravale... O homem Vatif pareceu gentil, e embora não tenha gostado do segundo e odiado a gritaria dos demais, é injusto abandoná-los à própria sorte.

Bem, o sol nascerá daqui a pouco. Vou terminar de acordar as nuvens, depois penso no que posso fazer pelos humanos.

Pelos sagrados ventos! Finalmente o dia está nascendo, já fazem horas que estou preso nesse cesto.

Nasir tinha que ter desmaiado? E com tanta gente, o capitão bem podia ter escolhido outro pra terminar o turno da noite. É, acho que é melhor que levar uma surra do capitão.

O leste começa a clarear agora. Os raios de sol despontam por sobre o pico das montanhas; estamos cobertos por suas sombras ainda, mas assim que começar a esquentar, a névoa irá dispersar. Bem, pelo menos vou dormir enquanto os outros tentam achar uma fada de nuvem perdida na neblina... Im-Shazi mandou amarrar pedaços das velas nos arpões; vamos lançá-los como uma rede de pesca sobre o vale. Ele disse que as nuvem-fadas não conseguem atravessar o tecido... Aí Fassane vai ter que se cuidar.

Que isso, estou torcendo por ela?

Ah, não é culpa minha; eu ainda preferia vender mercadorias entre as ilhas do céu e o Califado, os ventos eram mais bravios e as rotas mais incertas, mas como meu pai sempre disse, era dinheiro limpo.

Os outros estão acordando agora, dá pra ouvir o barulho no convés.

Agora a névoa já começa a subir e a evaporar. Engraçado, há grandes nuvens no céu, mas parecem que estão indo para o leste, acompanhando a cordilheira, enquanto o vento mais forte vem do norte...

– Vatif... – sopra uma voz, vinda da neblina mais próxima.

Voltou-me e encontro Fassane meio camuflada na névoa que ainda persiste. Antes que eu possa fazer alguma coisa, ela aponta o cajado pro norte e ergue um pedaço de nuvem escura, do tamanho dela. Ela espreme a nuvem com as duas mãos até que ela comece a chover. E então aponta mais uma vez pro norte, com uma expressão preocupada.

– Chuva? Vem chuva do norte?

Ela não me entende, mas infla o peito e solta um grito grave e arrastado, que dura alguns segundos. O som lembrava um trovão.

– Está vindo uma tempestade?! – me esqueço da fada e me volto pro norte. Realmente, com a chegada do sol, grande parte da neblina se foi e posso ver melhor. Os céus mais além estão escuros e carregados, uma senhora tempestade se aproxima.

Uma tempestade, vinda durante a noite!

Minha surpresa é interrompida pelo estampido do canhão de popa. Um arpão amarrado em faixas de vela atravessa o ar e passa rente ao ombro direito da nuvem-fada. As velas, porém, inflam como um paraquedas e se chocam pesadamente contra ela, arrastando-a para trás. Corro para o beiral do cesto, a tempo de vê-la rasgar com esforço a rede de tecido com seu cajado de gelo. Outro estampido, vindo do canhão de proa: agora é Im-Riad quem atira, e torço para que sua fama seja mentira. Mas seu arpão mira certo em Fassane, que só no último momento consegue desviá-lo com seu cajado, que se parte em pedaços.

Uma gigantesca trovoadas ecoa por todo o vale, fazendo todos se voltarem para o norte. Uma grande nuvem se aproxima, escura como piche; aqui e ali já é possível ver raios riscando o céu.

– Tempestade ao norte! – grito, a plenos pulmões.

Im-Riad desistiu do canhão para liderar os outros, que correm como loucos pelo convés, puxando velas e desamarrando cordas. Até as nuvens do céu parecem fugir. Deuses, tenho que descer desse cesto o mais rápido possível!

Olho para trás e já não encontro Fassane. Que os ventos a tratem melhor do que nós a tratamos.

Uma cumulonimbus!

Levo a mão dentro do peito e aperto meu granizo-núcleo, como manda o costume. A pedra de gelo ainda é pequena e fraca. Não, ainda não devo enfrentar a tempestade.

Ainda bem que acordei as nuvens mais cedo; a maioria delas já saiu do vale.

Olho pra baixo, lá perto do lago, e vejo a aeronavio dos homens girar e dançar com os ventos cada vez mais fortes. A chuva já os alcançou.

Não sei se sinto raiva ou culpa. Afinal, Órr me avisou que não são seres confiáveis, e mamãe sempre, sempre disse para fugir deles.

Espero que os ventos os tratem melhor do que eu o desejo.

Do topo das Ururr, as Duas Avós, grito para que as últimas stratus se recomponham e marchem. Até as cumulus mais jovens estão adiantadas.

Devo deixar os homens e seus brinquedos para trás. Duvido que achem a trilha que sigo, mas meu aviso deve ajudá-los a fugir do pior da tempestade.

Bem, temos um novo dia pela frente; devo deixar o ontem pra trás. Ontem eu era Fassane e hoje, como vou me chamar? Quem sabe se eu... Ah, pensei num legal!

Hoje vou me chamar Vatifá.

Clair de lune **Laísa Couto**

I

Era madrugada. Sileno vagava pelas ruas escuras de uma capital perturbada pelo silêncio, o esgar mudo da noite, uma sombra a mais costurada sob seus pés. Odiava companhia que se apossava ao seu lado sem ter feito expresso convite. Para afastar o tédio momentâneo, acendeu um cigarro e gingou por uma esquina onde provocou um trio de prostitutas com versos de poeta. Ah, sim! Poesia, Sileno adorava recitá-las, sussurrá-las e arrancar suspiros em noites de amor. Mas ele tinha um trunfo maior, a música, arte que aprendera com o pai. Quando as cordas vibravam com a força de seus dedos, o perfume do seu encanto se espalhava. E ele sabia que poderia ter quem quisesse ao toque da primeira nota.

Este que vai pelas ruas, pela madrugada é Sileno, o único de filho de Pã. Leva com ele através dos tempos a frescor da juventude e uma beleza infantil. Era um homem, mas também um menino. E sabia tirar proveito dos dois, principalmente quando o assunto era mulheres.

Entre um cigarro e outro, lembrava-se de cada uma que conhecera, dos seus nomes, do cheiro, do contorno de cada corpo, do gosto de cada lábio. Não era de se apegar, mas não abandonava a imagem dos rostos que aninharam a cama ao seu lado. Ele não sabia bem se naquela noite iria topar com uma daquelas lembranças ou criaria outra nova para saborear durante dias. Estava mais a fim de si mesmo. De contemplar-se em solidão. Poderia senti-la na garganta e arranhando seus pulmões, aquele ópio tinha lá seu poder sedutor.

A esmo, escolheu um bar numa viela estreita. Não reparou no que havia escrito na placa neon, apenas queria um lugar para se refugiar do silêncio e esquecer-se do seu próprio. Acomodou-se numa mesa vazia num canto e pediu uma cerveja à garçonete, que prontamente o atendeu. Sileno riu consigo, a moça gostaria de outro tipo de atenção, mas ele ficou só com a bebida. Sabia que todos o olhavam, tanto os homens, desconfiados, quanto as mulheres, indiscretas. Não era seu segredo que os incomodava, mas sua presença, aos olhos dos mortais parecia apenas um garoto, a barba por fazer fantasiava sua juventude. Os cabelos castanhos caíam em grandes caracóis até ombros. Os olhos azuis destacavam-se redondos na pele branca. Os músculos timidamente moldados. Era quase um anjo. Dono de uma suavidade e voracidade anormal. Era isso que os olhos viam, mas as mentes, confusas, não entendiam.

Sileno não se importou, ao contrário, se regozijava por dentro, adorava causar espanto e admiração nas pessoas. Apreciou aquele instante de estranhamento como

cada gole da cerveja que descia sua garganta com espasmos gélidos. Os mortais sempre lhe traziam uma dose de diversão sem que eles soubessem disso. Não fugir de Sileno quando o viam pela primeira vez era um dos contentamentos dele e um das razões pela qual ter abandonado o reino do pai. Nunca confessara isso a ninguém, acreditava ser um motivo tolo, mas honesto.

Um sorriso aflorou discreto no canto da boca enquanto ele se permitia àquele prazer que nunca sentiria se estive ainda nas terras de Pã. Todos fugiriam dele, como fugiram de seu pai. As ninfas se esconderiam nas árvores, nas pedras, nos lagos ao menor sinal sua presença. Os deuses o zombariam por ser imperfeito. Afinal, não era nem homem, nem animal. Era um ser eternamente incompleto. Assobrado por esses pensamentos, mal tinha percebido que havia estilhaçado o copo de vidro com a tensão das mãos. Acordou com pessoas a sua volta, secando a mesa, juntando os cacos, envolvendo sua mão direita com um pano limpo. Faziam uma cena que Sileno julgava ser desnecessária, queriam sua atenção. O rapaz esquivou-se dos murmúrios preocupados, jogou uma nota no balcão e deixou o bar.

Gostava de roubar atenção, mas quando ela era gratuita demais o incomodava. Com a mão enfaixada acendeu outro cigarro e deixou a fumaça se espalhar pelos seus pulmões para depois expulsá-la, limpando a mente. Ao atravessar a rua mergulhou os sapatos numa das poças d'água acumuladas no asfalto. Sileno resmungou um palavrão. Havia chovido durante sua rápida passagem pelo bar, mas a Lua já se despia acima dos prédios. Aquele resto de madrugada tornara-se úmido, assim como o cigarro e seu estado de espírito. Pôs-se a caminhar pelas ruas vazias de volta para casa, o quarto num sobrado no lado antigo da cidade não muito longe daquela região.

O corte ardia na palma da sua mão, Sileno não conseguia pensar mais em nada. O pano estancara o sangramento, em compensação a dor tamborilava em picos cada vez mais constantes. Seu corpo semidivino absorveria o ferimento, mas resolveu apressar o passo, os sapatos molhados não ajudavam. Cogitou pegar um táxi, na avenida viu apenas um cachorro procurando um lugar seco para pernoitar. Amaldiçoou não ter um celular. Ele, Sileno, filho de Pã, acabou se sentindo ridículo por desejar uma daquelas “geringonças” inventadas pelos mortais. Afastou a ideia da cabeça, retornaria a pé para casa.

Sileno preferiu encurtar o caminho. Numa noite normal não se importaria em demorar-se no trajeto para a casa, mas aquela pedia com urgência seu retorno. Passou por um conjunto de residências que sempre costumava evitar, a rua terminava num praça abandonada pela prefeitura e tornara-se um local hostil para desavisados. Não havia alternativa, passando por ali, Sileno estaria minutos mais próximos de seu destino.

Mesmo sendo filho do próprio Pã, o deus dos Bosques, o rapaz não deixou de se

arrepiar ao atravessar o pórtico do largo. Mal se via os bancos engolidos pelo mato alto. A estradinha de cimento se desfazia em inúmeros pedaços sobre seus pés. As árvores erguiam-se em pequenos grupos. Tudo se resumia num borrão escuro, exceto os pontos por onde a luz do luar conseguia atravessar. E foi ali que Sileno a viu pela primeira vez. Ela o aprisionou dentro dos seus olhos e ele, pego desprevenido, deixou-se ser arrebatado, caiu amaldiçoado por um sentimento desconhecido. Foi fácil demais se apaixonar.

Ela se escondeu entre as árvores assim que o luar se desfez. Sileno despertou daquele momentâneo torpor. Por segundos sentiu-se prisioneiro daquele rosto delicado e pequenino que caberia entre suas mãos. A moça não tornou a aparecer, Sileno ficou angustiado e apreensivo, tudo ao redor engolido pela mais completa escuridão. Entendeu que a jovem havia se assustado com a sua presença e partira. Sileno já desejava reencontrá-la.

No quarto, Sileno fez um curativo para agilizar a autocicatrização e deixou-se adormecer. A imagem daquela bela mulher inundou seu sonho e acordou no dia seguinte desejando repetir aquele encontro, mas dessa vez seria rápido e não a deixaria fugir.

II

O dia passou com urgência, sem nenhuma surpresa. Sileno aguardou a madrugada como aguardava ansioso por uma nova amante. Examinou o céu limpo, sem Lua, sem estrelas. Fez o mesmo percurso da noite anterior a pé. Sentia uma expectativa estranha crescer dentro do peito. O mistério sobre aquela moça o envolvia como um feitiço. Atravessou o conjunto de casas que dava para o jardim abandonado. Apertou os olhos onde a luz dos postes alcançava, viu apenas as sombras das árvores, mas nenhum sinal da jovem. Aliás, não havia nenhum sinal de vida ali. O local parecia totalmente esquecido. A umidade constante o fez suar. Sileno balançou a cabeça, achou que estava louco.

A Lua apareceu no céu testemunhando com um sorriso a desistência daquela procura insensata. Sileno deu um longo suspiro, permitiu a última espiada e ali viu ela outra vez, sob uma árvore. Vestia-se como a sombra e a pele alva ganhava o brilho tênue do luar. Ela estava distraída, os olhos perdidos em outro mundo. Por impulso o rapaz se aproximou, despertando-a. A moça o encarou pela primeira vez, sua reação foi diferente da que Sileno provocava em outras pessoas. Ela manteve-se rija, os olhos ganharam uma solidez aguda. O rapaz sentiu-se invadido como se seu segredo tivesse se espalhado pelo chão. A moça recuou, o pequeno corpo delgado parecia se desmanchar a cada movimento.

– Espere! – pediu Sileno, num impulso.

Ela ponderou e o encarou novamente. Os olhos redondos e pálidos.

– O que você quer? – perguntou, desconfiada.

Sileno desarmou sob seu tom. Para ele sempre fora fácil persuadir os mortais.

– Quero saber seu nome. – Foi a primeira coisa que veio na sua cabeça subitamente anuviada.

A moça riu, ficou pensativa, por fim disse:

– Meu nome custa um segredo seu.

– Sou um excelente amante – respondeu o rapaz, se é que aquela declaração era um segredo.

– Não quero o que seus lábios dizem. Preciso do segredo que sua alma esconde.

Sileno se incomodou com aquele pedido. Olhou para os pés escondidos dentro dos sapatos. Não, era impossível aquela garota saber de algo. Respirou aliviado e deu um belo sorriso. Aquilo não passava de um velho jogo que sabia muito bem brincar.

– Digo para você um segredo – disse Sileno, quase num sussurro. – Estou apaixonado, você acredita?

– Acredito – respondeu ela, escondendo um sorriso matreiro.

– Então, me diga agora seu nome... – Sileno se aproximou com cuidado, como se temesse afugentar uma lebre.

– Meu nome? – repetiu ela, acompanhando o olhar dele. – Não costumo compartilhar segredos com quem costuma ter segredos maiores que o meu.

O rapaz estacou. Controlou-se para não tocar a face a centímetros da sua. Era alva e redonda, encaixar-se-ia facilmente em suas mãos. Os lábios finos pareciam contornados por um artista. Os olhos. Sileno perdeu-se neles por um longo minuto. Sentiu-se mergulhar num dos mares gelados da Lua e quando voltou à tona deparou com o sorriso tímido da moça.

– Me diga apenas seu nome. – Sua súplica desatou um nó na garganta. Queria tocá-la, mas uma força o impedia de fazê-lo, seria cautela?

A garota, num gesto inesperado encostou a face delicadamente fria na de Sileno e sua voz sussurrou como um eco distante em seu ouvido.

– Dê-me o nome que quiser – Seus lábios roçaram suave na pele de Sileno, mas ele continuava preso a uma neutralidade estranha.

– Dou a você até o nome verdadeiro da Lua, se quiser – arfou ele, sentindo espasmos pelo corpo.

Ela se afastou e sustentou os olhos de Sileno, que se sentiu subitamente desamarrado do laço que o envolvia.

– E qual seria esse nome? – indagou curiosa.

Sileno a examinou demoradamente e recitou:

– *Au calme clair de lune triste et beau / Qui fait rêver les oiseaux dans les arbres Et sangloter d'extase les jets d'eau/ Les grands jets d'eau sveltes parmi les*

marbres.^{III}

– Lindo de ser ouvido! – ela exclamou, batendo palmas. – Mas o que significa?

– Significa que você é meu luar, minha Clair De Lune. – respondeu Sileno, prontamente.

– *Clair De Lune*. – Ela saboreou o nome.

– Também sou amante da poesia. – confessou o rapaz, nada modesto.

– Me deu um nome precioso. E qual seria o nome do meu poeta? – Clair se distanciava dele, indo para as sombras das árvores.

– Sileno. – Ele queria correr atrás dela, deixar seu instinto mais animal aflorar, mas a mesma força estranha voltou a impedi-lo. Clair De Lune estava indo embora.

– Quando voltaremos a nos ver, Clair? – Sua voz saiu num lamento. – Posso encontrá-la amanhã?

– Não vou seguir sua vontade, Sileno. Mas se você quiser seguir a sua própria, não posso impedi-lo.

– Isso é um sim ou um não?

– É o que você quiser entender.

Assim, direta e rápida como sua resposta, Clair De Lune partiu mais uma vez, deixando Sileno ali, sem reação. Seu corpo todo se livrou da rigidez que o mantinha temporariamente preso. E se arrepiou todo quando se viu engolido pela escuridão da madrugada. A Lua, assim como Clair, também tinha ido embora.

Sileno ficou com os pensamentos a vagar, como se estivessem presos num buraco negro, presos àquele encontro com Clair De Lune. Ficou alguns minutos disperso e quando deu conta de si estava cercado por cinco homens. Mal se via seus rostos, mas dava para sentir o cheiro forte de álcool barato e de ervas pesadas.

– Está perdido, moço? – desdenhou um deles.

Sileno manteve-se em silêncio.

– Falei contigo, rapaz!

– Deixa pra lá! – interferiu outro. Sileno podia sentir seu bafo carregado a centímetros. – Está vendo que o cara é mudo!

Alguém riu com malícia.

– É. Isso é bom. Ele não vai gritar como uma vadiazinha!

Tudo aconteceu muito rápido. Em segundos Sileno estava no chão, imobilizado por várias mãos. Sentiu a pedra fria contra a face, era ele que estava ali, mas poderia ter sido Clair momentos antes. Arrancaram sua jaqueta e transformaram sua camisa em trapos. A cada esquivada era agredido aos socos e pontapés. Sentia raiva, uma raiva tão intensa, e ela explodiu quando tentaram arrancar seu cinto, mas ele resistiu. Por um instante Sileno ficou estranhamente quieto, depois se deixou sucumbir. Os homens riram com uma satisfação insana, suas mãos corriam por todo seu corpo num toque áspero. Sileno se fez como um fantoche sem vida ou como um pedaço de

carne atirado aos lobos famintos. Seu estômago embrulhou quando bocas envolveram sua nuca, o álcool na saliva. Puxaram seus cabelos até fazê-lo gritar. Participou do jogo, ali era apenas vítima, a caça. Num gesto brusco o viraram de costas, tiraram suas calças e quando começaram a se organizar em fila, um deles gritou:

- Mas que porra é essa?

Sileno estava nu. Metade homem. Metade bode. Para aqueles homens, um demônio. Ele riu, apenas riu, e muito. Sentiu o gosto de sangue nos dentes. A ardência dos cortes nas têmporas, o estômago inchado, uma ou duas costelas quebradas. Regozijou-se com a dor. Saboreou-a. E numa velocidade sobrenatural, não estava mais estendido no chão. Pôs-se a perseguir um a um que ousara tocá-lo, quem poderia ter tocado Clair. Agora ele era o caçador, era Sileno, filho de Pã. Deleitava-se com o espanto, com os gritos de agonia. Fez suas caças delirarem de dor. Implorarem por socorro. Clamarem pela morte e ele a concedeu, quando já tinha brincado o suficiente. Por motivo de orgulho, não escondeu os cadáveres. Testemunhado somente pela Lua, que ousara retornar. Vestiu o que restara das suas roupas e foi embora para casa, como se fosse apenas um homem comum.

Não foi nenhum problema para Sileno se recuperar daqueles ferimentos. Durante o dia eles se autocicatrizaram, seu corpo semidivino absorveu até o mínimo hematoma. Nos telejornais, viu as manchetes que noticiavam o cruel assassinato de cinco homens numa praça abandonada da cidade. A polícia acreditava que o crime fora motivado por um acerto de contas, já que as vítimas portavam drogas. Sileno entendia muito bem que era só mais um caso de violência que a polícia queria se ver livre. A mídia mastigaria por alguns dias e logo trocaria por outros assuntos. Todavia, o rapaz evitou sair de casa enquanto o Sol castigava o concreto da cidade.

III

Seus pensamentos não se ocupavam com outra coisa a não ser Clair De Lune. Parecia que haviam se passado anos desde que se conheceram, não apenas um dia. Sentia-se íntimo dela, mesmo tendo trocado não mais que meia dúzia de palavras. Nunca experimentara nada igual. Aquela conexão, o elo avassalador que o ligava àquela garota o corroía, tirando-lhe até a sanidade. Pensou em Clair, imaginou que poderia ter sido ela na mão daqueles homens se não tivesse partido minutos antes. Teria sido ela a vítima.

Ele foi consumido pelo tédio, contou as horas para que chegasse a noite, até se esquecendo de alimentar-se. Seus pensamentos, seus gestos, seus olhares vagos eram somente para Clair. Quando dormia, era com ela que sonhava. Chegou a ter pesadelos, acordou às onze da noite, a tela do relógio digital brilhando no escuro. Tinha consciência que seria arriscado retornar àquela praça abandonada, mas a

vontade de rever a moça gritava mais alto que sua razão, mesmo sem ter certeza se a encontraria por lá depois daquele crime. Fez um lanche rápido antes do banho. Quando saiu do sobrado, deixou na lixeira um saco preto com roupas que usara na noite anterior.

Sileno chegou ao local que conhecera Clair depois de fazer um percurso diferente. Desta vez não ousara atravessar o conjunto de casas, a entrada principal para o largo. Dera uma volta no quarteirão e pulou a grade que dava com os fundos de um armazém desocupado. Foi fácil. Logo estava embrenhado no mato alto. Estava mais escuro que na noite anterior, pela falta da Lua. Serpeou pelas árvores tal qual um gato cauteloso. Aguardava qualquer movimentação que não fosse a sua. Foi com alívio que encontrou o mesmo lugar que viu Clair noite passada, felizmente, naquela sombra, não se via as marcas de horror da ira de Sileno, que acendeu um cigarro e se recostou numa árvore, a espera de Clair.

Ela não apareceu. Sileno já imaginara e tolamente não queria admitir. Ela não retornaria a um local onde acontecera um crime bárbaro há um pouco menos de vinte e quatro horas. O rapaz percebeu seu grande erro. Afastara Clair dali. Ela deveria ter escutado os rumores do homicídio. Não seria seguro para ela retornar. Não fazia ideia de quando a veria novamente, de repente foi tomado pelo desespero. Ele precisa de Clair, nem que fosse só para contemplá-la por um segundo. E ela surgiu como se tivesse escutado seu chamado silencioso. Sileno viu seu rosto luzir alvo sob o luar que se anunciou discreto naquela madrugada. Mantinha-se distante dele, os braços cruzando o próprio corpo como num gesto de proteção.

– Clair...

– Não, não se aproxime – disse ela, fria.

– Não faça isso comigo, Clair – pediu o rapaz, quase uma súplica. – Não me rejeite, por favor.

– O que você fez, Sileno? – Sua voz saiu embargada. Nos olhos, decepção.

Chocado, ele não respondeu. Como ela descobriu?

– O-QUE-VOCÊ-FEZ? – gritou, Clair.

– Eu... eu não fiz nada... – Sileno encarou o chão. Não forçaria desculpas.

– MENTIROSOS! – Ela escondeu o rosto entre as mãos, chorando. – Eu vi tudo!
Eu vi!

– Clair, não... – Sileno fez menção de se aproximar. Queria dizer todas as palavras do mundo, mas naquele momento nada soava útil. Então, na noite anterior, ela não tinha ido embora como ele havia pensando.

– Afaste-se! Afaste-se de mim! Suas mãos estão sujas! – Ela o encarou com ódio.

– ERA EU OU VOCÊ, CLAIR! EU OU VOCÊ! – urrou Sileno, descontrolado. A garota se calou, assustada, os olhos arregalados. Ele percebeu: – Desculpe, Clair, me perdoe... eu não quis...

– Foi esse Sileno que vi na noite passada – disse ela com frieza, limpando o rosto com as mãos.

– Clair, ele iam... eles iam... – Sileno perdeu-se, impotente.

– Eu vi o que você é.

Sua voz não continha repugnância, nem acusação, apenas pena e isso acertou Sileno em cheio, direto no coração, ele já sabia, Clair fugiria dele, como acontecera com seu pai, uma aberração.

– Então, chame a polícia ou o órgão que recolhe animais! – ironizou ele.

– Não... – Clair murmurou, surpresa.

– Se sabe o que eu sou e o que posso fazer, por que voltou aqui? – perguntou, Sileno, sentia um misto de raiva e decepção.

Ela não respondeu, mas pela primeira vez o encarou com a tez suave que Sileno conhecia. Seus olhos transbordaram plácidos, livres das lágrimas, sorriam tímidos.

– Acho que o amo – confessou, quase num suspiro.

Sileno a pegaria em seus braços, sentiria o gosto dos seus lábios até roubar o fôlego, mas deixou-se cair de joelhos ao pés descalços e pequeninos de Clair. Suas lágrimas lavaram a pele alva e ele as secou com beijos. Sentiu esvaziar-se. Teve medo de perder Clair e esse medo apavorou-o, transbordando-se pelo cálice frágil do desespero que de tão cheio se partiu em milhões de estrelas que agora brilham em seus olhos, afinal, ela o amava. Levantou-se e aparou o pequeno rosto de Clair De Lune entre as mãos. Ela não fugiu. Sileno deixou-se afogar no grande mar cinza que eram seus olhos, dois contornos perfeitos da Lua. Também não a beijou, resistiu, ou melhor, aceitou, mesmo sem aquela força estranha que o controlava imperar entre eles dois.

– Diga de novo – pediu ele, desenhando com os olhos o contorno dos lábios de Clair.

– Eu o amo – Seu rosto se ruborizou delicadamente. E na mesma velocidade que se livrou das mãos de Sileno, se afastou.

– E o que a impede de ficar comigo? – perguntou Sileno, o nó na garganta. Sabia a resposta.

– Você... você não é um homem – admitiu, receosa de tê-lo ofendido.

– Tem razão, não sou. – disse, simplesmente.

– Você é um fauno ou sátiro? – perguntou, com uma curiosidade quase infantil.

Sileno riu com a pergunta. Os mortais nunca deixaram os mitos morrerem, por isso, talvez, ainda permaneciam vivos.

– Sou o que você quiser que eu seja. – respondeu, imitando o mesmo doce mistério de Clair De Lune.

Ainda encarando-o, ela ponderou por uns segundos e disse:

– Quero que seja um homem de verdade. Um homem completo.

A feição de Clair se fez rija e gélida como um mármore. Sileno compreendeu que aquele desejo era sério, não riu. Ela não se subjugaria às suas vontades, como suas outras amantes, e ele não insistiria, não queria Clair De Lune por uma noite, a queria pela vida inteira, por toda eternidade, mas ela era uma mortal e ele fadado ao infinito. Agora, tendo seu amor correspondido faria tudo para que fosse concretizado, seria apenas um homem mortal. E desta vez, foi ele quem partiu primeiro e Clair De Lune ficou para trás, acompanhando-o de longe, até vê-lo sumir entre as sombras.

IV

Sileno sabia o que precisava fazer para atender aquele desejo que também era seu. Se Clair tivesse pedido que se transformar-se em pedra, ele o faria. Faria qualquer coisa que significasse ter Clair para sempre. Naquela noite não voltou para o seu quarto escondido no antigo sobrado. Talvez nem retornasse se o plano que tinha em mente desse certo.

Fazia mais de dois mil anos que Sileno não visitava o lado adormecido da sua mente. Durante todo esse tempo tinha se deixado esquecer, ou pelo menos tentado, isso resolveu em parte, pois ele ainda tinha consciência de quem era, da onde vinha, e para lá ele tinha de voltar. Foi fácil. Abriu a gaveta de lembranças milenares e num piscar de olhos estava lá, do outro lado. Ou como os mortais gostavam chamar, o Olimpo, a Casa dos Deuses. No alto da montanha podia ver a grande morada deles, era apenas um grande salão de pedra sem paredes com doze portais vazios, para além, nebulosas coloriam o céu noturno com nuances roxas e púrpuras. E as estrelas? Ah, elas moldavam os doze signos do zodíaco com a mesma perícia de um joalheiro profissional. Sileno admitia que aquele cenário era belo.

Cada pórtico era representado por um símbolo. Sileno esquadrinhou o chão a procura de um em particular, até descobrir os contornos gastos de uma balança no chão de pedra. Olhou para o céu no fundo do portal, a constelação de Libra reluzia em pequenos diamantes.

– Apolo – chamou Sileno. Suas mãos tremiam, era expectativa.

Ele aguardou ansioso alguns minutos, até escutar passos vindos além do portal. Ali, diante dele, apareceu um homem. Usava apenas um manto escondendo os ombros. Os músculos perfeitamente delineados eram um elogio a sua beleza eterna e juventude. Sileno sentiu inveja daquela perfeição. Apolo parecia bem à vontade diante do seu visitante. Na realidade, Sileno sabia que o deus gostava de se exhibir.

– Quanta ironia do imprevisível destino! – disse Apolo, na voz pomposa uma nota de provocação. – O que fez o ingrato herdeiro de Pã deixar a vida mundana dos mortais?

Sileno preferiu não rebater, conhecia a fama de Apolo, cheio de si mesmo, ego

inflado. Engoliu uma resposta insolente e falou, no tom mais humilde possível:

– Vim pedir apenas um favor, Apolo. Quero dizer, acho que é algo maior que um favor...

O deus logo abriu um sorriso que o deixou ainda mais jovem. Sinal de alerta. Sileno teria de tomar cuidado.

– Ah. Achei que já tinha tudo, Sileno. Não está satisfeito? O fato dos mortais não acreditarem mais em nós não quer dizer deixamos de vigiá-los e vi que tem aproveitado bastante entre eles...

O rapaz já entendia a pretensão de Apolo, queria o expor ao ridículo. O deus já sabia o que o fauno queria, mas não perderia a oportunidade de se divertir.

– Sim, tenho aproveitado muito, os mortais são seres curiosos, se acostumam facilmente com a desordem, condenam o luxo que poucos têm ao mesmo tempo querendo tê-lo. Também se organizam em grupos que acreditam em um só deus! E matam por isso...

– Sabe, Sileno, os mortais também tem um lado que me fascina – interrompeu Apolo, sem dar valor a opinião do outro. – São oscilantes, sentem amor e num instante apenas ódio. Vivem em extremos distantes e aproveitam tudo até esgotarem a última gota da razão que lhes é dada, tudo em nome da liberdade que dizem com orgulho carregar. Aposto, Sileno, que o que você encontrou entre eles foi esse abismo, o fundo de um buraco negro que não conhecia e que descobriu dentro do próprio coração.

Sileno sentiu como se Apolo tivesse esbofeteado sua cara. Demonstrou sua vergonha e humilhação no olhar acovardado.

– Você sucumbiu por uma mortal – golpeou o deus, com misto de pena, asco e superioridade.

– Eu a amo. – Sileno o encarou, sem pestanejar.

Essa verdade calou um riso de Apolo, que se viu chocado.

– E ela não o quis! – rebateu o deus, irônico.

– Ela me quer! Ela me ama! – afirmou Sileno.

– Mas para esse amor se concretizar há uma condição, não é? Vamos, Sileno, chega de rodeios, apenas peça – disse Apolo, com falsa benevolência.

O rapaz, o fauno, filho de Pã, deixou-se vencer:

– Quero ser perfeito para Clair. Quero que me torne um mortal.

Apolo esboçou um sorriso terno, como se fosse para um filho seu. Xequê mate.

– Eu o faria, Sileno. Mas com uma condição.

Ele assentiu.

– Quero a Flauta de Pã.

Sileno aguardava alguma barganha, mas não envolvendo algo tão precioso.

– Apolo, você enlouqueceu? A Flauta do meu pai? Isso é impossível!

– É perfeitamente possível, Sileno – redarguiu o deus, calmamente. – Proponha um desafio, eu emprestarei a você minha lira. Pã não se recusaria mostrar seus dotes musicais, sei como ele tem orgulho disso. Se ele perder, perde a Flauta.

– E se ele se recusar a entregá-la?

– Mate-o.

Sileno pensou naquela condição imposta por Apolo, seria a única maneira de obter a mortalidade. Havia pensando em consultar outros deuses, mas cada um pediria seu preço. O caminho sempre seria o mesmo.

– Eu aceito.

Apolo abriu seu belo sorriso. Do manto, tirou uma lira, o arco adornado em ouro.

– Vi o que sabe fazer com a música. Ela tem poder em suas mãos.

O deus entregou o instrumento a Sileno, que o acolheu com delicadeza. Das cordas, permitiu-se apenas arrancar uma nota, ela saiu miúda, mas seu eco tomou todo espaço como uma gota que cai num lago.

– Perfeito – extasiou-se, Apolo.

Sileno agradeceu com um aceno. Tinha consciência do talento para a música. Seus dedos moldavam a melodia como os deuses moldavam o universo. Cada nota curvava-se ao seu capricho, os acordes vibravam em êxtase. A música era sua amante perfeita, antes de conhecer Clair.

– Traga-me a Flauta de Pã. Ele é um excelente músico, mas sei que você é melhor. – disse Apolo, antes de Sileno partir.

E ele seria.

V

Voltar para casa foi estranho. Não, não era aquele cômodo escuro no sobrado antigo da cidade no mundo mortal. Sileno sentiu o pulmão encher-se do ar denso dos bosques de seu pai, nada mudara ali, mesmo depois de mais de dois mil anos. E tudo estava tão quieto. Parece que tinham pressentido sua presença. Até as árvores se reservavam ao silêncio, mesmo sob aquele quente final de tarde. Sileno abandonou as roupas, sua natureza mais selvagem pedia por isso. Chegou a conter o impulso de correr atrás de qualquer contorno feminino que avistasse, o instinto gritava. Ele tinha de ser manter desperto e conscientemente distante do seu lado animal, se sucumbisse, perderia Clair para sempre.

Manteve em mente seu objetivo. A lira acomodada debaixo do braço era um lembrete constante. Sentiu-se mais próximo à razão, apegou-se a ela como se fosse a última gota de vida que corria em suas veias. Mais consciente de seus atos, pôs-se a procurar pelo pai. Pã preferia as clareiras, onde passava maior parte do seu tempo, comendo, bebendo na companhia da música e, quando possível, saía para caçar ninfas. Sileno conhecia muito bem os hábitos do pai, se algo tivesse mudado, o

tomaria como morto. Não foi diferente do que esperava, encontrou o pai encostado num velho tronco de carvalho feito de trono, aparentemente bêbado. Notou que alguém se aproximava e levantou os olhos pesados, um choque passou por eles como se tivesse recobrado total consciência.

– Si-Sileno? – engasgou-se Pã, tropeçando nas próprias pernas de bode ao tentar se levantar. Sua flauta rústica pendia por uma corda no pescoço.

Sileno ficou calado. Viu como os anos afetaram mais o pai do que ele, mesmo tendo vivido entre os mortais.

– É você mesmo, meu filho? Ou é alguma farsa pregada pelos deuses?

– Sou eu mesmo pai. – disse o jovem fauno.

Pã atirou-se aos seus braços em prantos.

– Por que foi embora, Sileno? Por que retornou a sua casa depois de dois milênios? – bradou o velho fauno, cansado.

O rapaz se esquivou do pai, derrubando uma ânfora de barro cheia de vinho. A figura degradante de Pã não injetou qualquer tipo de ternura filial em Sileno. Seu desprezo aumentou e se conteve para não virar as costas e ir embora mais uma vez. Ele percebeu que o pai não tinha mínima condição de manter-se em pé. O jogou de volta ao trono, pegou a ânfora vazia e foi até uma nascente, a água virgem curaria aquela bebedeira. Ao retornar derramou todo conteúdo da vasilha sobre o pai, que reclamou e xingou, arisco feito um gato, bufando a água que tinha engolido. Desperto, Pã encarou Sileno como se o tivesse visto pela primeira vez. Seu rosto ficou pétreo, os olhos vermelhos pulsaram de ira. Rápidas, suas mãos encontram o pescoço do filho, que se ajoelhou perdendo o fôlego, então Pã recuou, surpreso com a própria atitude. Mantendo distância de Sileno, disse:

– O que faz aqui, traidor? – Seu tom continha certo orgulho mal tratado.

– Sou seu filho – rebateu Sileno.

– Não. Não é mais. Meu filho não fugiria acovardado pela própria sina. Ele se orgulharia de perpetuar a vontade do seu próprio pai. Meu verdadeiro filho herdaria cada folha desse bosque, caçaria todas as ninfas que quisesse e cultivaria as noites possuindo-as.

– É um destino pequeno para um homem – disse o jovem fauno.

– Você não é um homem – retrucou o pai. – E nem um animal. Até os deuses o fizeram incompleto, carrega apenas uma parte deles, assim como eu carrego.

– Continua sendo um destino pequeno para qualquer ser.

– Se para você, Sileno, a voz do destino soa tão fraca no reino do seu pai, por que está aqui? – Pã não escondeu que se sentia ofendido com a declaração do filho.

Sileno jogou sua isca:

– Vim lhe propor um desafio. Um duelo musical.

– E qual seria o prêmio? – Pã sentiu-se tentado.

– Se você for o melhor, lhe entregarei a Lira de Apolo.

Os olhos de Pã se arregalaram. Brilharam de cobiça quando Sileno lhe mostrou o instrumento que escondia nas costas.

– Essa é a lira de Apolo? Como conseguiu?

– Numa rápida distração. – Sileno manteve a lira longe das mãos do pai.

– E você, qual é seu preço? – Pã temia a resposta do filho.

– Sua flauta.

Pã deu um longo suspiro. Os ombros penderam, mas poderia se ver nos olhos o ardor da tentação pelo instrumento do seu inimigo. Nunca digeriu sua derrota para Apolo numa disputa, Tmolos, o deus das montanhas foi um dos juizes do duelo musical. E sentia ainda culpado pelo vexame que fez Midas passar ao questionar a justiça daquela vitória. Essa seria uma grande oportunidade de derrotar Apolo, vingar o amigo, além de mostrar sua superioridade como músico.

– Feito. Mas dessa vez não terá um juiz. Vence quem conseguir inflar o mundo com a música.

– Ou seja, vence o melhor, o que fará o mundo chorar – Sileno riu. Sabia que iria encontrar aquela dificuldade. Procurar o deus Tmolos estava fora dos seus planos. A desavença entre ele e seu pai tinha crescido depois de ter dado a vitória à Apolo no último duelo. Tmolos se impressionava muito fácil, seria um péssimo juiz.

Pã foi quem começou. Orgulhoso, exibiu sua flauta feita de bambu e dela tirou a primeira nota, entoou uma melodia crua e compassada, fez dela o som das folhas ao vento, da chuva golpeando a terra, da luz do Sol aquecendo as pedras, das flores desabrochando, dos animais despertando. Pã tocou a música da natureza, das árvores dos seus bosques. Arrancou da sua flauta rústica os versos de sua essência. Quando terminou, Sileno deparou com um Pã mais jovem, sereno, então viu o quanto se parecia com ele. Aquilo o incomodou. Sempre rejeitou qualquer afeto que pudesse sentir pelo pai. Mas algo naquela música o fez se aproximar dele. O lembrou que era o príncipe dos Bosques de Pã.

Sileno esperou a confusão de seus sentimentos estacionarem. A música de Pã o envolvera com tamanha intensidade que tinha se esquecido por instantes do seu propósito principal – voltar pra Clair De Lune como um homem. Recompôs-se numa ligeireza que não era aguardada por Pã. Sileno entendeu que quase se deixara vencer, o mundo que Pã queria atingir com a música não era o mundo de fora, mas o do lado de dentro, e ele quase conseguiu.

O jovem fauno se preparou para sua vez. Dedilhou as cordas da lira, explorando cada contorno das notas, lembrou das suas amantes, das noites quentes, dos murmúrios apaixonados. A melodia vibrou intensa como dois corpos colados em frenesi, a harmonia ardia avassaladora, tinha aroma de sexo. Quando Sileno procurou pelas notas mais altas, Pã gritou:

– Pare! Pare! Está me enlouquecendo! – Aflito, tampara os ouvidos com as mãos.
– Isso é golpe baixo! Trapaça!

– Isso é música – corrigiu Sileno, satisfeito com o feito, se tivesse insistido um pouco mais, faria Pã sair correndo atrás de ninfas ao som da lira. Ele riu imaginando a cena.

Sem perder tempo, Pã retomara o duelo, emendou uma música saltitante, cheia de graça, pura e infantil. Era como o nascer da aurora ou o beijo de uma mãe saudosa. Aquela música mexeu com Sileno, era o ninar que as ninfas cantaram para ele ainda bebê. Segurou uma lágrima e permaneceu impassível, até Pã terminar percebendo seu insucesso.

Sileno não esperou o pai dizer nada, a lira já ressoava uma melodia delicada e fria. Seus dedos deslizavam pelas cordas do instrumento extraindo dele um som miúdo, quase como um sussurro. Aquela música era para Clair De Lune. Os acordes cantavam seu mistério, sua aura branca, sua sombra, sua pequenez infantil. A melodia tinha o tom suave, frágil como o vento em noites de luar. O ritmo era constante, infinito, laçado pelo tempo. Seus dedos não titubeavam, ansiosos, procuravam pela nota perfeita, como se procurassem os contornos dos lábios de sua amada. As notas transbordavam o desejo por aquele amor, o tom baixou para tristeza e lastima daquele sentimento não concretizava. Sileno chorava em versos, a música ecoando do seu coração.

A melodia espalhou-se pelos bosques e condensou-se com a penumbra do crepúsculo, despertando com seu toque as dríades, hamadríades, náíades, alseídes e nereidas do mar-além-bosque. Todas foram atraídas pelo dom de Sileno e todas ficaram tristes pelo amor impossível que atravessara a sina do semideus. Para abençoá-lo cada uma colheu uma flor-da-lua e juntas teceram uma coroa, que deram de presente ao jovem fauno. Sileno agradeceu, dedicando as ninfas a última nota de sua música e elas partiram de volta aos seus lares escondidos.

Pã encarou o filho perplexo. Seu rosto estava manchado de lágrimas, os lábios tremiam tentando formar alguma palavra, mas ele não disse nada, somente estendeu as mãos e lhe entregou a flauta, depois se embrenhou no escuro dos bosques. Sileno nunca mais o viu.

VI

No alto da montanha, onde sempre era noite e os deuses eram eternos, Sileno encontrou-se com Apolo, não foi preciso chamá-lo, o deus já o aguardava, era visível sua expectativa.

– Então? Trouxe?

Sileno o mirou incrédulo. A flauta e a lira escondidas nas costas.

– Você ainda duvida? Não viu tudo?

– Não sou Zeus, Sileno. Para mim há limites até onde posso enxergar.
– Perdeu um belo espetáculo. Pã é muito bom na música.
– Então você entregou minha lira para aquele bode velho? – acusou Apolo, furioso.

Aquela reação deixou Sileno alarmado.

– Eu disse que Pã era bom, mas não foi o melhor – E lhe mostrou a lira, depois a flauta.

Apolo ficou mudo. Seus gestos congelaram. Sileno lembrou-se das estátuas que os mortais reproduziam do deus, não fazia nenhuma diferença. De súbito ele voltou a se mover e um grande sorriso se abriu no belo rosto, mostrando dentes alvos.

– A Flauta de Pã – Seus olhos brilharam de uma cobiça doentia ao tocar os tubos de bambu ainda nas mãos de Sileno.

– Quero que me torne um mortal. Um homem completo – cobrou o jovem fauno, devolvendo-lhe a lira, um objeto que não lhe pertencia. Tinham um acordo.

– Um mortal. Um homem perfeito à imagem e semelhança do grande criador. – Apolo dizia enquanto tirava de seu manto um arco e uma flecha. – Nosso acordo está selado.

Rápido, apontou a flecha para Sileno, que não teve tempo de se defender, o risco incandescente atingiu-lhe no meio de testa e ele caiu. O vento ficou mudo. E tempo parou.

VII

A dor rangeu por todo seu corpo como se quisesse parti-lo em mil fragmentos. Ela vinha de um lugar desconhecido, furiosa, um magma incandescente procurando por alguma fresta dentro da escuridão. Mas retida dentro do seu corpo ela o queimava, sentia a língua arder como metal em chamas, o coração explodir em cada batida bombeando o líquido escaldante que era seu sangue. Tudo queimava, até seus pensamentos parecia evaporar-se. E quando viu-se tornar apenas uma luz flamejante, seu corpo inteiro congelou. Sileno tomou posse de seus pensamentos, seu peito apertou, mas não era de dor, e sim de alívio. Inspirou o ar da noite. A penumbra fresca o acolheu com seus braços invisíveis. A Lua o espiava entre as copas das árvores, e sob sua luz, pela primeira vez tomou real consciência de si e do seu corpo. Perfeito. Um homem mortal.

Sileno recobrou seus últimos momentos com Apolo, ele teria o matado se quisesse, mas cumpriu sua promessa. Agora suas pernas não tinha mais aquela bizarra forma de bode, era um homem completo. Um homem perfeito para Clair, quando o nome dela lhe veio à memória, percebeu que estava no largo onde se conheceram. Nada havia mudado durante sua jornada, nem o tempo, o mundo ainda era o mesmo. Sobressaltou-se quando algo se moveu numa sombra além, seu

coração mal se conteve de alegria quando viu Clair De Lune surgir em sua magnífica e delicada brancura e escuridão. Sileno se perguntava como ela conseguia ser as duas coisas ao mesmo instante, era única e ela seria sua.

Clair o estudou durante um minuto inteiro. Seu rosto estava impassível, os olhos eram o reflexo do Nada. Sua máscara era um segredo que encantava Sileno cada vez que seu tempo com ela aumentava. Ele ficou parado, temendo que qualquer gesto seu pudesse afugentar a moça dali. Sem que desse o mínimo sinal, ela se aproximou, chegou tão perto dele que poderia sentir o perfume de sua pele, o mesmo aroma delicado das flores que adornavam a coroa feita pelas ninfas.

– Pensei que tinha partido para sempre. – Havia temor na voz de Clair.

– Nunca. – Outra palavra não soaria com tanta verdade.

Clair sorriu e perguntou:

– É um presente para mim?

Sileno ficou um instante sem entender, deu-se conta ao ver os olhos de Clair admirarem a coroa de flor-da-lua, presente das ninfas.

– Foram feitas para você – desculpou-se Sileno, desajeitado.

Como se temesse assustar uma borboleta, tocou vagarosamente os cabelos da moça. Os fios negros e finos se misturavam com a penumbra, desfaziam-se em suas mãos, uma nuvem negra, frágil. Sileno adornou Clair com a aura das flores encantadas das ninfas. Seus olhos encheram de lágrimas ao vislumbrar com exatidão aquela rara beleza, parecia que estivera cego durante todo tempo, a nenhum momento tinha percebido aquela real perfeição encarnada no corpo de uma mulher. Uma lágrima percorreu o caminho até seus lábios superiores, Clair De Lune acompanhou aquela dança hipnotizada, uma de suas pequenas mãos tocou o bálsamo da mortalidade, seus dedos apararam a queda de um semideus. Sileno tocou sua pele com um delicado beijo, tinha a mesma textura da noite – fria, sutil, macia.

Mal Sileno despertara daquele toque, Clair estava a metros distante dele, iluminada por um fecho de luar. Ele engoliu em seco quando percebeu que ela desfazia o cadarço do vestido. Desfez-se da própria sombra relevando um corpo pequeno e delgado. Quadris levemente fartos, cintura saliente e seios que caberiam na palma de sua mão. Ela sorriu para Sileno e caminhou para dentro do bosque sumindo nas sombras, ele a procurou, tateando a escuridão até encontrar uma clareira inundada pela luz da Lua. Clair De Lune estava ali, somente a grinalda de flores completando sua beleza. Seus olhos saboreavam cada contorno do corpo de Sileno, ele não hesitou daquela vez, uma força poderosa o atraiu até Clair. Seus lábios se uniram descobrindo apressados o gosto e profundezas de cada um. Sileno enveredou pelos contornos do corpo de Clair de Lune, que suspirava a cada toque seu. Foi como cair num abismo de escuridão, muito mais gélido, muito mais palpável, onde só se escutava os estampidos frenéticos do coração, os murmúrios de

amor, os gemidos das promessas. Tudo estava completo. Perfeito.

Sileno sonhou passar a eternidade fazendo amor com Clair De Lune. Desejou que aquele momento parasse no tempo só para os dois.

– Será eterno, meu amor – sussurrou Clair, como se lesse os pensamentos de seu amado.

Ele a cobriu de beijos e versos de poetas antigos, deliciado com cada suspiro que conseguia arrancar dela. Então, de subido, estacou e encarou Clair, ao perguntar:

– Qual é o seu verdadeiro nome, minha donzela?

Clair sorriu provocante e brincalhona. Mordiscou carinhosa as orelhas de Sileno, ele fechou os olhos, deixando-se envolver, enquanto ela recitava: – *Tout en chantant sur le mode mineur*. – Tocou seu pescoço: – *L’amour vainqueur et la vie opportune* – Alcançou sua boca: – *Ils n’ont pas l’air de croire à leur bonheur*. – Degustou o beijo até o limite do fôlego: – *Et leur chanson se mêle au clair de lune*.^[1]

E quando Sileno abriu olhos ela não estava mais lá. Somente a Lua se fazia presente, majestosa num céu que tomou aquela noite só para si e o mortal a esperaria, todas as noites, sob versos ou luar, enquanto vivesse.

FIM

^[1] N.d.A: Terceira estrofe do poema Clair de Lune do autor francês Paul Marie Verlaine (1844-1896), retirado da coleção de poemas Fêtes Galantes (1869). Entre 1890 e 1905, Claude Debussy (1862-1918), músico e compositor francês, transformou o poema numa suíte para piano, a Suite bergamasque. Clair de Lune compõe a terceira parte do movimento. Tradução: “No calmo luar cheio de encanto e mágoa,/ Que faz sonhar os pássaros nas árvores/ E soluçar de êxtase os jorros d’água,/ Os grandes jorros d’água esbeltos entre os mármore.”

^[2] N.d.A: Segunda estrofe do poema Clair de Lune do autor francês Paul Marie Verlaine (1844-1896), retirado da coleção de poemas Fêtes Galantes (1869). Tradução: “E cantando em surdina pela vida/ E o triunfo do amor, eles temo ar/ De quem de tudo e até de si duvida/ E o que eles cantam vai-se no luar,”

Parafilia sobrenatural **Fernando Salvaterra**

Sempre que atendo um leitor de auras ou outro ser que veja espíritos – merda ocultista genérica – preciso logo acalmar: sim, sou hospedeira dum fantasma. Não, ele não é contagioso, tomadas as devidas precauções. Posso conviver tranquilamente com ele e ter quantos clientes desejar, exatamente como dizem esses folhetos que circulam no submundo, tentando combater o preconceito contra portadores de mortos.

Não gosto quando vêm me perguntar sobre os mistérios do além. Carlos Apuleio não sabe nada sobre isso. Já o questionei muitas vezes. Fantasmas são tão ignorantes quanto nós. Sim, estamos todos – vivos e mortos – fodidos. Embora ele tenha sido um bruxo arrogante em vida, a morte tirou-lhe todas as certezas sobre a realidade. Eu o contraí ainda na infância, durante uma de minhas incursões ao ferro-velho, onde brincava nas carcaças dos automóveis. Entrei num Maverick GT sem saber que seus ossos dormiam desconfortáveis no porta-malas, entre trepadeiras e ferrugens há 8 anos. Sei lá que tipo de conjunções necrológicas possibilitaram a contaminação (Apuleio jura que foi involuntária). Não há cura. Só o que posso fazer é mantê-lo dormindo. É o que fantasmas comuns fazem a maior parte do tempo, feito gatos imortais, sonhando tramas impronunciáveis. A morte dorme em minhas veias e há muito aprendi a separar os sonhos dela dos meus. Consigo bloquear os sonhos e alucinações do fantasma, embora quisesse aprender a bloquear os meus próprios. Meu sonho mais recorrente é um banquete silencioso. Nele, mesas fartas e intocadas suportam convidados estáticos. Pessoas que não me cumprimentam mais nas ruas, outras que não conheço, mas das quais adivinho o desprezo. A comida esfria e pega poeira. Fui eu quem preparou o banquete. Eles me olham. Seus olhos desalinhados, na verdade, apenas repousam. É quase uma pintura. O ambiente é uma garganta magoada suspensa em medo. Dura apenas três segundos.

Sonhei-o mais cedo nesta noite, num cochilo de um minuto ao lado do meu último cliente, exausto. Um sátiro que atendo quase toda semana. Tomei banho enquanto ele dormia. Recolhi minhas algemas, troquei o salto agulha por uma sandália e guardei o corselete e a palmatória de couro trançado: um verdadeiro pedaço de arte, uma iluminura num evangelho de Lindsfarne.

Deixei o motel Quentão no Jardim da Rosa, um bairro de prostíbulos encaixado na face da cidade feito marca de batom: o beijo do diabo. Travestis e putas compartilhavam as calçadas com ocasionais botos e bacantes. O vento me espetou através dos filetes da meia calça. Tivesse escutado o silvo do fantasma, talvez não entrasse no carro que me abordava. Não, eu não pego clientes assim. Comigo é hora marcada, entrevista preliminar, caralho a quatro. “Não vá, Tereza”, soprou o encosto

que repousava na parte detrás do meu crânio. Falou baixo demais, do jeito que fazia quando falava dormindo, o parasita. Do banco traseiro do Audi eu fui convidada por Marta, uma das figurantes dos meus sonhos de banquetes.

– Quer carona, Terê, querida?

– Não, Marta. Vou trabalhar.

Ela deu uma risadinha antes de falar novamente:

– Você tem algum cliente agora?

– Não.

– Então entre, minha flor, isso é um serviço – disse ela de dentro do carro aconchegante, seus dentes corrigidos, os cabelos alinhados, a corrente de ouro com alguma santa genérica entre os seios sardentos. Seu perfume soprou pela janela. Obedeci.

Marta nasceu no mesmo mês que eu, 27 anos atrás. Fomos amigas até o dia em que me passou a perna num concurso de crônicas da prefeitura, organizado pelo pai dela, secretário da cultura. Depois se casou com um pastor 20 anos mais velho chamado Paulo Deus. Juro, nome de batismo.

– Queremos a cena completa, mocinha – disse Paulo se virando para me cumprimentar. Mãos suadas e quentes. Seu perfume desprendendo-se da gravata e me atingindo o rosto. Idêntico ao de Marta. O cheiro era bom. Lembrava pescoço quente, seios doces cheios de leite, bolo fumegando com manteiga e sono. Cheiro de sono.

– Meu cardápio pode ser mais variado do que você imagina – respondi debilmente. Tentava me apegar ao que estava acontecendo, mas já não conseguia me lembrar como tinha ido parar dentro do carro. – Eu suponho que vocês saibam como funciona. Eu não transo. Sou top, ou seja, eu domino. – Não conseguia mais alinhar o raciocínio e tentava me concentrar na entrevista, estabelecendo as regras da cena. – Daí a gente combina uma senha de segurança.

– Queremos um serviço exótico. – Ele tentou desafiar.

– “Exótico” é minha especialidade.

O resto da conversa soou distante, eco além da cidade. Foi como presenciar um papo alheio entre amigos, sem responsabilidade de dar respostas. Lembro de ter dito “sim” antes de o carro arrancar.

Quando comecei a carreira tinha medo de tudo. Após a morte de papai, mamãe começou a frequentar o templo de Paulo Deus. Sua doutrina era um comércio espiritual burocrático demais para se descrever. Seus maiores e mais comprovados milagres consistiam na expulsão de monstros devoradores de sucesso profissional e curas de males desconhecidos e novos (dos quais os fiéis sentiam-se livres sem nunca tê-los). Minha mãe trabalhava para doar à “Obra” e eu passei fome várias

vezes enquanto tentava arrumar um emprego.

Um dia ela me arrastou até o culto onde Paulo pregava. Ali, ele me espancou na frente da congregação, dizendo estar me livrando de um duende da imundície. Quando instintivamente joguei Apuleio contra sua glândula pituitária, disparando uma epilepsia supostamente curada por orações, fazendo-o torcer-se no chão em convulsões, ele soube que pela primeira vez estava de fato lidando com o sobrenatural. Não consegui prestar queixa ou validar meu exame de corpo de delito (perdi um molar), pois muitos policiais da cidade eram membros do Culto.

Fui posta para fora de casa e passei a morar de favor aqui e ali, até ser obrigada a me virar sozinha. Os fiéis esqueceram a incompetência de seu líder religioso em uma semana, mas nunca esqueceram o duende imundo que me ocupava. A cidade me cercou: um pedaço de carne para alimentar e odiar. Fui expulsa da faculdade (cursava Letras) depois de assediada por alunos do curso de filosofia. Recebi cartas de amor que asseguravam a morte do resto da família se saísse da cidade. Além de recados diários com promessas de conforto e segurança se me submetesse à Fé e a certeza de morte caso fosse embora. Sem qualquer esperança, me arrastei até o Jardim da Rosa e me prostituí.

Quase não tinha clientes, pois a maioria dos frequentadores da Rosa eram os fiéis do culto de Paulo Deus. Eles me evitavam como se Legião morasse em meu semblante de desespero e humilhação e vaticinavam minha impureza a todos. Pensei que voltaria a passar fome, quando alguém, – não consigo lembrar – entre portas ocultas e corredores incertos, me indicou um cliente que vivia no porão do motel Barbearia. Sem escolha eu o atendi. Era um vampiro monstruoso, vários séculos de idade, carente de algumas gotas de sangue, uma surra e um pouco de violência psicológica. No instante em que o subjuguéi pelos chifres, a vida entrou feito eletricidade em meu corpo através dos furos nos pulsos. Dom Carracci, o vampiro, era “padroeiro” de todo o Jardim da Rosa. Imediatamente me tomou sob sua proteção. Deixei de atender como garota de programa e me descobri dominatrix.

Sim, eu posso me gabar de ter expandido a prática. Com a saúde recuperada, passei a atender um seleto grupo de criaturas inumanas espalhadas pelo submundo da cidade. Os séculos acumulados em suas almas ansiavam por vida, que eu prontamente provia com requintes de crueldade. Vida em seu estado menos refinado: sofrimento. Verti óleos aromáticos de dentro de Harpias excitadas, penduradas pelos pés, vazadas por floretes de lado a lado. Cravei as unhas em cérebros de homens-polvo, cujos crânios delicados se abriam com facilidade, sedentos de lesões que os fizessem esquecer os séculos colecionados nas profundezas dos oceanos. Gravei profanidades em peitos de anjos, usando ferros aquecidos. Derramei salmoura nas feridas dos santos, arrependidos da virtude. Chicoteei até a exaustão os corpos de oráculos e sibilas, enquanto esses, novamente inspirados, descartavam profecias

inauditas entre gemidos de orgasmos. Esporeei minotauros sem piedade. Crucifiquei fadas com alfinetes.

Nunca havia sido tão respeitosamente tratada em toda minha vida.

– Um serviço exótico – dissera Deus.

– É minha especialidade – sorri.

Encostei a cabeça no vidro, fitando os semáforos brilhando devagar. Foi como chegar cansada de muito longe e ter alguém para cuidar de tudo por mim. Durante um giro completo dos pneus, sonhei com o banquete. Acordei antes que um tilintar de talheres ressoasse.

Havia algo fodidamente errado. Vestia os adereços de couro. Estava amarrada num suporte de ferro em forma de X. O teto ardia meus olhos com um turbilhão de esculturas de cupidos e aves predatórias. Pessoas conversavam. Quando baixei a cabeça para a congregação, o mundo girou e derramei dois fios de lágrimas. Lembrei-me imediatamente do perfume do casal no carro. Era algum tipo de droga, um “Boa Noite Cinderela” aspirável, não sabia dizer. Lá estavam os membros do banquete à minha frente, fitando-me. Todos os postos de poder da cidade. O reitor da faculdade ergueu uma taça em minha direção. Antigos professores fingiam não me ver. Vereadores, delegados, deputados, um senador, o prefeito atual. No fundo do grande salão, Paulo e Marta estavam sentados em poltronas luxuosas, grandes como tronos. Atrás deles havia uma placa esculpida. À sua frente, uma fila. As pessoas fluíam na direção do casal conforme os primeiros se retiravam. Notei que flutuavam. Pisquei várias vezes antes de confirmar o que via. Pareciam deslizar, como que pendurados em cabides, as pontas dos pés arrastando no chão, meditativos, após terem se ajoelhado e bebido algo que escorria de cortes abertos nos peitos de Paulo e Marta. Um cheiro adocicado veio dali. O perfume que senti no carro. Que me influenciou. Só então percebi aos meus pés o corpo de uma prostituta, minha vizinha. Uma poça de sangue contornava sua silhueta mutilada. Pequenos furos a molestavam dos pés ao couro cabeludo. Carne crua peneirada.

Recorri a Apuleio. “Ei, bruxo escroto, acorda”, pensei, mentalizando uma onda de calor partindo do estômago e o alcançando na minha omoplata esquerda, onde estava. Energia suficiente para inflá-lo e fazê-lo pensar, imaginei. O fantasma olhou o ambiente através dos meus olhos. Sua voz ondulante, nasal, feito um vinil retorcido ecoou dentro da minha cabeça. “Eu avisei. Olha a lama em que você se meteu.”. “Percebi. Me ajuda a sair dessa”, ordenei.

Pela primeira vez em quinze anos o espírito escorreu para o chão, me abandonado quase completamente. Suas manifestações eram desagradáveis, mas aquela venceu todas as expectativas. Escutei um impacto dentro de mim, como se uma laje de pedra caísse no meu túmulo. Cheiro de mofo e ferrugem flanou em meu rosto num

revoar de asas invisíveis. O coração acalmou-se e receei que fosse parar de bater. Minha temperatura caiu. Um fio nos conectava pelos umbigos. O fantasma fluiu pelo chão como uma sonda, um novo sentido do meu corpo. Eu não podia vê-lo, mas o sentia como parte de mim.

Ele deslizou até as poltronas. Submergiu do chão e passei a sentir o que ele enxergava. Não via as imagens na mente, mas intuía as formas e as cores como se me lembrasse delas. Apuleio viu pequenas teias efêmeras conectando Paulo e Marta à placa esculpida atrás deles. A teia se multiplicava, como se saísse de dentro de si mesma, rodopiando em pequenas espirais que surgiam e cresciam, diminuía e desapareciam conforme a distância entre o casal e a placa. Apuleio foi até ela. As esculturas em relevo pareciam representar homens e mulheres saindo de dentro de outros homens e mulheres, ascendendo uma hierarquia até a deusa Prosérpina, no topo da peça. No peito de Prosérpina, um entalhe derramava um fio de mel escuro.

“Parece que aqueles dois andaram bebendo isso aqui”, ressoou Apuleio. “Daí eles emanam outro mel e com isso fazem um ritual de comunhão. Uma pirâmide sacerdotal”.

Alguns homens se aproximaram e levaram o cadáver da garota. Sequer limpavam o chão, que provavelmente esperava também pelo meu sangue. Paulo e Marta levitaram a um metro de altura. Ouvi umas merdas de suspiros e exclamações baixas vindas do público.

Apuleio continuou examinando a placa. “Não sei que tipo de feitiçaria há nessa tábuia, mas sei que os entalhes se referem às crenças da antiguidade romana de que as portas eram divindades”.

Lembrei-me dos comentários que ouvi há um ano, sobre a porta de mármore que Paulo Deus tinha comprado por quatro milhões de reais para adornar seu megatemplo. Uma relíquia de dois mil anos. Finalmente ele pusera as mãos num milagre de verdade e com ele guardaria o país inteiro no bolso. Por maior que fosse a fé em outras crenças que os novos fiéis tinham, ela não podia concorrer com o espetáculo sobrenatural de levitação e êxtase que Paulo lhes apresentava a olho nu, sem subjetividade alguma.

– Vejam essa ovelha perdida – trovejou Paulo apontando pra mim. – Há sete anos fomos incapazes de curá-la e vejam no que ela se tornou: um arremedo de ser humano. Mas foi nossa culpa? – Ele fez uma pausa. As pessoas sorriam, lacrimejantes, as mãos estendidas como se fossem elas a sustentar o casal de sumo sacerdotes no ar.

– Olhem bem para essa criatura. – Paulo continuou. – Ela não tem vida, não tem felicidade, é incompleta. Ela é vil, cega e violenta. Isso é o que acontece com aqueles que se distanciam da Porta. – Apontou com uma mão para a porta entalhada.

Apuleio rodeou a peça misteriosa, como se decorasse cada detalhe.

– A culpa não foi nossa, meus caros filhos, pois não podíamos salvar aqueles que não quisessem. Esse era o grande erro de nossa antiga crença, agora corrigido. Pois agora sabemos que a salvação está ao alcance de um gesto tão simples quanto estender a mão – ele estendeu sua mão direita à frente, segurando uma maçaneta imaginária. Vários fiéis o imitaram – e abrir uma porta. E podemos abrir uma porta para outra pessoa, e fazer com que ela entre. Amém!

Aplaudido, Paulo girou no ar lentamente, os dedos abrindo uma fenda úmida no tórax.

– No fim, todos nós devemos ter a Porta em nós – ele molhou dois dedos no corrimento e o provou, fechando os olhos. O degrau hierárquico imediatamente abaixo do casal, composto dos mais ricos e poderosos da cidade, também exibia suas bocas verticais no tórax, de tamanho menor, orgulhosos de suas mutilações.

Apuleio tocou a superfície da porta, cauteloso. Tive vontade de xingá-lo e perguntar que caralhos estava fazendo. Sua voz vibrou através da linha que nos conectava: “Vou tentar atravessá-la”. Quis impedi-lo, mas era tarde. Ele atravessou e foi como se caísse num fosso. Senti que me puxava pelo umbigo. Como se também caísse sem me mover. Imaginei, apavorada, qual seria o tamanho daquele cordão umbilical e o que aconteceria quando chegasse ao fim. Gemi, mas ninguém deu atenção.

– Mas não pensem que a Porta de que falo é esta – censurou Paulo, apontando para sua fenda. – Isto é apenas um símbolo feito carne, uma parábola de sangue. A que me refiro já está em cada um de vocês. É uma Porta espiritual e vocês podem e devem abri-la. Mas essa... – ele se virou para mim – essa está fechada por vontade de sua portadora. Ela preferiu abrir as portas erradas para o mundo – ele apontou meu sexo – mas nós, em nossa infinita bondade, vamos ajudá-la a corrigir o problema. Vamos levar a salvação a todos. A todos. – Ele olhou dramático para toda a congregação. – Não vamos deixar nenhuma ovelha pelo caminho. Irmãos e irmãs, peguem suas chaves e deem prosseguimento à abertura. Transformem essa vadia num grande portão, para que o amor tenha por onde entrar e ela possa ser salva.

– Não façam isso! – Supliquei, a voz saindo de um lugar profundo, com dificuldade. – Sou como qualquer um de vocês. Eu sinto dor, tenho medo, quero ir pra casa.

Apuleio continuava caindo sem se comunicar. Imaginei que a qualquer momento minha alma sairia pelo umbigo e cairia também através da passagem.

– Não ouçam. No fundo, a alma perdida não quer ser salva. Tem medo da luz. Sua pele é uma parede e quer fechar cada entrada do Templo. Precisamos unir o exterior com o interior, essa é a função da Porta. Abram-na para que seja salva, aleluia!

Senti Apuleio inconsciente, distante, roubando meu calor. O cordão umbilical

parou de correr, como se ele tivesse atingido o fundo.

Os primeiros fiéis sacaram seus punhais e começaram a se aproximar. Alguns deles me fitaram com uma profunda alegria, trazendo nos braços o melhor presente do mundo.

Então aconteceu. Ao me dar conta de que o fantasma não responderia, saltei de mim mesma, não sei como, e puxei o cordão. Minha visão duplicou. Enxerguei a sala sob dois ângulos diferentes, enquanto usava minha própria alma para puxar Apuleio de dentro da escuridão. Gritei forte com a voz inaudita dos mortos e o trouxe para mim com um esforço dolorido. Quando ele passou pelo limiar, escutei um baque surdo ecoando por paredes inexistentes. A porta rachou de cima a baixo com um estalo ensurdecedor. Todos os presentes saltaram apavorados, e após verificarem que o mármore se partira, buscaram seus líderes com os olhares apreensivos. Paulo e Marta se entreolhavam apavorados, ainda suspensos no ar. Senti um tremor intenso. Algo girou dentro de minhas costelas; e o fantasma estava de volta, subindo pela coluna vertebral em direção à cabeça. Trouxera algo insuportável com ele. Um objeto intruso, incômodo, pesado, morto.

Só então tive consciência de que sentia os corações descompassados da maioria dos membros da congregação diante de mim, como se estivesse ligada a eles por uma teia viva. Tateei através de seus corpos com uma mão de muitos dedos que os trespassava. Notei seus músculos tensos, a sujeira em seus poros, a fraqueza em suas almas. Era como se a coisa que Apuleio tinha trazido consigo fosse uma nova extensão minha e eu tivesse acesso a tudo o que aquilo era: uma massa espectral tentaculada, conectada a cada membro daquele culto numa rede de controle e adoração, dona de todas as portas daquele lugar

“O que aconteceu?”, perguntei. “Tem um deus morto aqui. Ele esteve dormindo durante milênios dentro daquela porta e vai me esconjurar se não o consumirmos todo antes que acorde”, respondeu. Lentamente a congregação começou a se virar em minha direção. Adivinhei que Paulo bolava algum discurso que pusesse tudo no lugar. Tentaria levar vantagem sobre a porta quebrada com alguma explicação teológica tirada da manga encardida. Marta cobria o rosto com as mãos.

“Como assim, consumir?”, perguntei. Ele respondeu como se fosse a coisa mais óbvia do mundo: “Como uma bateria”.

Apuleio se esticou por meus braços e entendi o que deveria fazer. O corpo efêmero do encosto enrijeceu meus músculos e parti as cintas que me prendiam. Os punhais tilintaram pelo chão ao passo que os queixos pendiam dos rostos incrédulos. Pilares de energia espectral mantinham Paulo e Marta no ar. Desliguei-os para que caíssem. Não sabia ao certo como estava fazendo aquilo, mas o costumeiro hábito de controle foi esquentando o peito. Andei até o monte de bosta prostrado que até segundos atrás era Deus levitante e pisei em sua mão esquerda com meu salto

pontiagudo. Ele gemeu.

Quando vi que dois membros do culto se dirigiam às saídas, percebi que todas as portas do edifício estavam ao meu alcance. Eram minhas, singelas pálpebras de ferro, excitadas com minha presença. Queimei mais um pouco do deus-defunto na garganta e fechei todas as saídas. Então me estendi através dos sulcos espirituais que nos atavam e fechei aqueles dedos bifurcados num punho de ódio, irradiando uma dor debilitante em todos que já tinham provado aquela hóstia. Os corpos se curvaram e foram ao chão entre choros de arrependimento e medo. Quase imediatamente, os membros da seita que nunca experimentaram a secreção enteógena também se curvaram sentindo dores sinceras, imitando a primeira parte da congregação num arroubo de histeria coletiva tão patético, que só aumentou meu prazer. Eles haviam fodido com a “puta” errada, que tivessem certeza disso. Pisei mais forte, fincando o salto na mão de Paulo.

– Safeword – ele grunhiu.

Alcancei minha palmatória de couro trançado logo ali do chão e o acertei no rosto. O golpe, intensificado pela força dos fantasmas preenchendo meus braços, rasgou sua orelha direita ao meio. Não haveria senha de segurança que os salvasse. Desatei a garganta e ri deliciosamente, destruindo o banquete silencioso. Sonharia com coisas melhores dali em diante. Isso não era uma cena, eles não eram meus clientes protegidos por contratos respeitosos, consensuais. Hoje eu iria atrás de outro tipo de prazer, menos nobre. Dei uma joelhada no queixo de Paulo. Ele mordeu a língua. Achei apropriado.

Os fiéis gereram observando o que os esperava, um a um. “Desce o pau”, transmitiu Apuleio em ondas distorcidas, chiadas, estação além. “Tem muita lenha aqui pra queimar”.

O domador de tempestades **Roberta Spindler**

Os gritos dela ecoavam pelo quarto abafado, enquanto quatro médicos se amontoavam ao seu redor – alguns diziam palavras de incentivo enquanto outros se mantinham concentrados apenas na tarefa que foram designados a concluir. Uma forte dor um pouco abaixo do umbigo fez com que vários pontos negros tomassem seu campo de visão e, por um instante, ela pensou que iria perder a consciência. O suor escorria por seu rosto fino e encharcava seus cabelos ruivos, deixando-a com uma incômoda sensação de estar enregelada. Encontrava-se naquele estado havia algumas horas e já não aguentava mais esperar. Sentiu sua mão ser segura e fitou um homem com a metade do rosto oculta por uma máscara cirúrgica.

– Ele está vindo, não vai demorar muito agora. Vamos iniciar o procedimento.

Ela precisou de algum tempo para registrar aquelas palavras, a dor anuviava seus pensamentos. Por fim, concordou e se fez de forte, dizendo que podia esperar a noite toda se fosse preciso. O médico parecia saber que aquelas palavras eram falsas, pois logo voltou sua atenção para os companheiros e pediu para que se apressassem.

Então, aconteceu. Em um instante, ela sentiu o bisturi em sua carne – alargando a passagem em seu ventre – e, depois, o choro tomou conta do lugar. Era um trinado forte e agudo, uma mistura de balido com sibilar. O som que ela mais desejava ouvir depois daqueles intermináveis cinco meses.

– Qual é a cor dele? – perguntou quase num sussurro, fraca demais para se apoiar na cama. – As asas são fortes?

A falta de resposta dos médicos a deixou preocupada quase que de imediato. Com certo esforço, conseguiu levantar um pouco a cabeça e vislumbrou os homens mascarados ao redor do recém-nascido, observando-o com olhos arregalados e conversando em murmúrios.

– O que aconteceu? – ela perguntou temerosa. – Há algo de errado com ele?

O mesmo médico que a confortou se aproximou da mesa de operações e voltou a segurar em sua mão. Com a testa franzida, ele retirou a máscara e a encarou com uma expressão indecifrável.

– Ele está bem, Katarina. Só é um pouco... diferente.

– Deuses, eu quero vê-lo! – ela disse com uma ponta de desespero e tentou se levantar sem sucesso, atrapalhando o trabalho do médico que costurava a abertura em seu ventre. – Por favor, tragam-no aqui!

Preocupado, o homem pediu para que ela se acalmasse. Com um aceno, chamou seu companheiro. Ao ouvir os passos, Katarina prendeu a respiração e, imediatamente, fixou o olhar no pequeno ser aninhado nos braços do outro médico. A criatura era comprida, parecendo-se bastante com uma serpente, e tinha quatro

patas curtas. Como todos os outros primogênitos, escamas cobriam seu corpo, mas estas eram tão negras quanto o carvão que alimentava as máquinas – fato bastante raro. Além disso, também possuía uma estranha e incomum penugem vermelha na região da cabeça e das articulações das patas. O crânio era comprido e triangular. Do focinho, dois longos bigodes, que mais se pareciam com minhocas, não paravam de se mover.

Diante daquela visão, lágrimas desceram pelo rosto suado de Katarina. Emocionada, ela esticou a mão trêmula e pediu para carregar o ser nascido de seu ventre. Tê-lo colado ao seu corpo, sentindo o calor da pele escamosa, fez com que o choro se tornasse quase incontrollável.

– Eu sei que ele não é o que você esperava. Entendo o seu desapontamento – o médico começou a falar em um tom apaziguador. – Nunca vi um dragão assim, talvez seja uma anomalia... Podemos falar com o Conselho...

Neste instante, Katarina ergueu o rosto e interrompeu aquele discurso. O sorriso estampado em seus lábios deixou os presentes na sala de operações ainda mais confusos.

– Não, você está enganado – ela voltou a fitar o dragão, o *seu dragão*, e seu sorriso ficou ainda mais largo. – Ele é muito mais do que eu poderia desejar. É perfeito. Vou chamá-lo de Kuroi.

O amplo salão do Conselho estava em um silêncio sepulcral. Katarina aguardava bem em frente ao púlpito, fitando com certa impaciência as cinco mulheres que definiriam o destino de seu amado dragão. Também agitado, Kuroi aguardava aquela decisão ao seu lado – as escamas negras brilhavam por seus mais de três metros de comprimento e dois de altura. Oito meses depois do nascimento, ele estava no auge da sua juventude, belo e gracioso. Contudo, não chegava a ser assustador como os famosos dragões vermelhos e a falta de asas sempre era motivo de chacotas entre as outras mulheres. Katarina sabia muito bem que aquela pretensa fragilidade seria um fator crucial no julgamento que se desenrolava.

– Katarina, filha de Alumia, aproxime-se. O conselho chegou a uma decisão – Irene, a conselheira que presidia a audiência, levantou-se de sua bancada e encarou a jovem. Era uma mulher vivida, com o corpo magro e músculos bem definidos. Tinha os cabelos loiros presos em uma longa trança e seu olhos cinzentos estavam repletos de censura.

Ao ouvir seu nome, a jovem respirou fundo e deu dois passos à frente, temendo tanto a ira de uma das figuras mais importantes de Azzan quanto a resolução daquele encontro. Irene continuou:

– A entrada do familiar denominado Kuroi no Esquadrão Draconiano foi mais uma vez negada por maioria absoluta dos votos. Levando em consideração o histórico de

grandes feitos de sua família, nós entendemos os motivos de sua insistência. No entanto, pedimos encarecidamente que pare de pedir revisões do processo. É visível que seu familiar não está apto para voar e nossa opinião não poderá ser contestada novamente.

Aquelas palavras causaram uma dor quase física em Katarina e ela precisou de toda sua força de vontade para não questionar a decisão do Conselho em voz alta. Ao seu lado, Kuroi também compartilhava de seu mal-estar, mas não conseguiu esconder a frustração. Abriu a boca negra e revelou os dentes afiados para as mulheres que mais uma vez tolheram os sonhos de sua mestra. O urro que ecoou pelas paredes de mármore deixou todos os presentes receosos e indignados.

– Controle o seu animal! – a voz de Irene foi cortante.

Katarina baixou o rosto e pediu desculpas, recuperando o domínio da ligação psíquica que tinha com o familiar. No entanto, o estrago já havia sido feito. As conselheiras estavam furiosas, principalmente Irene.

– Lembre-se de que as ações de seu familiar são de sua inteira responsabilidade, Katarina. Muito me surpreende que a filha da grande Alumia não seja capaz de bloquear suas emoções. Fique sabendo que não iremos tolerar tamanho desrespeito novamente!

Depois de mais aquela repreensão, Katarina engoliu sua raiva e se deixou conduzir para fora do prédio. Kuroi a acompanhou sem causar maior estardalhaço, parecendo entender muito bem o significado daquele ultimato de Irene.

Assim que deixaram o Conselho, mestra e familiar foram recebidos por um pequeno grupo constituído de duas mulheres que montavam belíssimos dragões de escamas vermelhas e um senhor de idade avançada. Eles encararam Katarina com uma expectativa muda, o que aumentou ainda mais a decepção da jovem.

– Onde está o Yan? – ela perguntou, ignorando o motivo principal da presença de seus estimados amigos ali.

Percebendo o mal-estar da amiga, as duas mulheres se entreolharam e, como espelhos, os seus dragões repetiram aquele gesto. No entanto, foi o homem idoso quem tomou a palavra por primeiro.

– Ele preferiu ficar em casa – disse num tom reprovador. – Não fique chateada. Pela primeira vez, aquele imprestável parece ter tomado uma decisão acertada. Ninguém aqui iria aguentar ouvi-lo reclamar...

Katarina suspirou e se esforçou para relevar aquela implicância. Sentindo-se extenuada, acariciou o longo focinho de Kuroi.

– Nem mesmo meu próprio marido acreditou em minha causa – sua voz tremeu. A ausência de Yan doía mais do que gostaria de admitir, mas ela se recusou a chorar. Como se quisesse confortá-la, o dragão negro deu lambidas suaves em suas mãos. – Desculpe, *Roi*. Falhamos mais uma vez...

– Não fique assim, Kat – a amazona mais jovem desceu de sua montaria e se aproximou da amiga. Tinha a pele cor de canela e os cabelos presos em um belo coque. Vestia o uniforme cinza do Esquadrão Draconiano, repleto de medalhas de honra. Era uma das melhores guerreiras de Azzan, mas não deixava seu status tirá-lo a simplicidade.

Deu um abraço apertado em Katarina, enquanto Kuroi se aproximava de seu dragão vermelho – chamado Lance – e o farejava de maneira amigável.

– Kuroi ainda não completou um ano, pode ser testado mais uma vez.

Observando os dois familiares interagirem, Katarina pôde compreender muito bem os motivos que levaram o Conselho a barrar sua entrada no Esquadrão Draconiano. A diferença entre as duas criaturas era evidente! Lance era corpulento e imponente. Tinha quase quatro metros de altura, patas grossas e garras afiadíssimas. Suas asas, quando abertas, chegavam fácil a dez metros de envergadura. Era o familiar que toda amazona desejava ter, um perfeito guerreiro que soprava fogo. Já Kuroi era desengonçado, com pernas curtas demais para um corpo tão comprido. Na maioria das vezes, andava arrastando a barriga – fato que acabou contribuindo para que as bocas mais maldosas o apelidassem de “verme da terra” – e, além de fazer chover quando estava bravo, não tinha nenhuma característica que fosse considerada especial, nenhum sopro elemental.

Se ele não voar, nunca será reconhecido como um verdadeiro familiar draconiano. Viverá como um pária, ridicularizado por ser diferente. A jovem pensou entristecida. *Deuses, o que posso fazer para vencer esse maldito preconceito?* Fitou a amiga que continuava falando, enumerando outros motivos que justificassem um novo teste, e foi tomada pelo desânimo.

– Não haverá outra vez, Tereza – lamentou-se. – Irene proibiu novas revisões. Essa foi minha última tentativa de entrar para o Esquadrão.

Diante de notícia tão desalentadora, Tereza arregalou seus olhos escuros e fitou os companheiros as suas costas, fazendo um pedido silencioso por ajuda. Quando nenhum dos dois disse nada, resolveu externar suas súplicas.

– Você não pode fazer nada, Joanna? – fitou a companheira de Esquadrão e perguntou com um fio de esperança na voz.

Ainda montada em seu dragão, a mulher de cabelos dourados e encaracolados mordeu o lábio inferior sem saber o que dizer.

– Minha mãe não vai me ouvir – desviou o olhar, envergonhada. Era mais baixa e menos musculosa que Irene, os olhos cinzentos também tinham uma tonalidade diferente, mas a semelhança entre as duas era notória. Visivelmente desconfortável, seu dragão Jericoh bufou e soltou uma fumaça escura pelas narinas dilatadas. – Desculpe, Kat. Você sabe o quanto ela pode ser intransigente. Principalmente comigo.

– Não se preocupe com isso, Joanna. A última coisa que quero agora é que minha situação lhe cause problemas com sua mãe.

Kat deu um sorriso fraco e se voltou para o homem idoso, como se perguntasse “E agora, o que você tem a dizer?”. Téó, seu tio-avô e grande conhecedor da história dos velhos homens, coçou o espesso bigode branco antes de começar a falar.

– Ande comigo, sobrinha – disse de maneira misteriosa e virou-se para ir embora. – Acho que esqueci o caminho de casa.

Percebendo a indireta, Tereza e Joanna se despediram da amiga sem mais delongas. Seus dragões vermelhos abriram as asas com satisfação e ganharam altura rapidamente. Vê-los voando de maneira tão graciosa fez Kuroi rosnar. Logo depois, um raio iluminou o céu, perigosamente próximo das amazonas aladas.

– *Roi...* – Katarina advertiu enquanto caminhava ao lado de Téó. – Nada de tempestades agora.

Aborrecido, o dragão bufou e seguiu sua mestra em um passo lento e arrastado.

Depois de alguns minutos caminhando em silêncio, o velho estudioso fitou a sobrinha pelo canto dos olhos.

– Eu sabia que seria inútil recorrer ao Conselho mais uma vez – ele comentou com certa condenação na voz. – Os escritos sagrados não passam de velharias para aquelas mulheres irritantes. Elas só querem saber de guerrear e conquistar mais minas de carvão.

Katarina entendia a amargura do tio, renegado a mero coadjuvante mesmo com todo o conhecimento que possuía, mas também acreditava que as raízes guerreiras das comandantes de Azzan eram as principais responsáveis pela segurança e evolução da cidade voadora. Olhou para cima e se pôs a observar as imensas torres – que em suas pontas traziam hélices ainda maiores – cuspirem fumaça cinza. Eram aquelas máquinas incríveis que mantinham a cidade flutuando a mais de mil metros do chão. Uma valiosa herança dos velhos homens, que previram corretamente o dia em que o mar cobriria quase todo pedaço verde daquele mundo.

Agora os novos homens eram senhores do céu e, dessa forma, o costume de se criar um familiar dragão se tornou quase imprescindível, tanto para a locomoção quanto para a proteção contra outras cidades aladas. As minas carvoeiras – que alimentavam os motores famintos das máquinas de Azzan – eram cada vez mais raras e cobiçadas. Por isso, precisavam de toda a atenção das amazonas e de seus familiares.

Desde criança, Katarina desejou ser igual a sua falecida mãe, a renomada comandante Alumia, uma inspiração para qualquer amazona do Esquadrão Draconiano. No entanto, o destino achou melhor lhe pregar uma peça, dando-lhe um dragão diferente de todos os outros. Lendário, Téó insistia em afirmar, mas sem asas. E para um povo que precisava navegar por entre as nuvens, um dragão que não

voava não passava de um animal de estimação extremamente grande e caro de se manter.

– Não sei mais o que fazer, tio Téó – ela finalmente deixou que sua angústia fosse extravasada. – Sei que *Roi* é especial... Deuses, percebi isso no primeiro momento em que pus meus olhos nele! As pessoas podem dizer que isso é amor de mãe falando mais alto, mas eu *sinto* o quanto ele é forte. Eu sei que o poder dele está dormente, só esperando o momento certo para ser despertado. É tão frustrante que ninguém acredite em minhas palavras, nem mesmo Yan...

De maneira desajeitada, Téó colocou a mão no ombro da sobrinha. Não era um homem muito acostumado a lidar com as emoções, por isso seu consolo e simpatia se pareciam mais com uma bronca mal-humorada.

– Não pense em Yan agora, eu sempre disse que ele era idiota demais para ser o seu marido – aquele comentário fez Kat e Kuroi pararem de caminhar, em uma sintonia perfeita.

Téó sorriu diante daquele reflexo de emoções. Katarina nunca conseguia esconder o que estava sentindo de seu familiar. Muitos poderiam pensar que aquilo era uma falha de controle, mas, para o velho, a cena não passava de mais um sinal de que a ligação entre os dois era muito poderosa. Sempre que os via compartilhar ações e sentimentos, tinha mais certeza de que suas teorias estavam corretas. Aumentou o pressão no ombro da garota e se sentiu confiante para continuar:

– Bom, não adianta manuscritos sagrados ou desenhos antigos agora. Dificilmente algo que falemos irá convencer o Conselho de que a nossa causa é justa, garota. Temos que tentar algo mais ousado! É hora de partir para as medidas desesperadas!

Os pelos da nuca de Kuroi se eriçaram e ele começou a rosnar baixinho. Os familiares draconianos eram muito sensíveis para antever os acontecimentos ruins que esperavam por seus mestres...

Depois de uma longa conversa com Téó, Katarina ainda precisou de mais algumas horas para retornar a sua casa. Ficou bastante abalada com a proposta de seu tio-avô e não conseguiu parar de se perguntar se estava mesmo desesperada a ponto de aceitar tamanho disparate. Sentou em frente à porta de sua humilde residência – uma casa pequena com paredes cinzentas e um tanto rachadas – sem nenhuma intenção de enfrentar o marido naquele momento.

Depois que casou com Yan, teve que abdicar da herança que sua mãe lhe deixara. Por isso, não tinha regalias e morava em uma das regiões mais pobres de Azzan. Esse era um dos principais motivos da antipatia que Téó nutria por Yan. O velho costumava dizer que a única coisa boa que “aquele filho de carvoeiro” lhe dera foi Kuroi. Era no mínimo interessante notar que, para Yan, o nascimento do dragão negro fora o seu maior fracasso.

– Os homens da minha vida são todos uns idiotas, *Roi*. Por que será que não consigo viver sem eles? – ela deu um sorriso triste e acariciou o focinho de seu belo dragão.

Kuroi se aninhou ao seu lado e encostou a enorme cabeça em sua perna. Katarina continuou a afagá-lo, fazendo-o praticamente ronronar. Os longos bigodes negros se enrolaram em suas mãos algumas vezes e depois voltaram a se aquietar. Apesar de não ser tão imponente como os familiares guerreiros do Esquadrão, a beleza do dragão negro era inegável. Ele brilhava sob o sol e seus pelos vermelhos eram macios e vistosos.

Enquanto brincava com seu fiel companheiro, Kat nem sentiu o tempo passar. Estava quase adormecendo quando a porta da casa se abriu. Uma mão masculina tocou em seu ombro e a fez retornar à dura realidade. De maneira preguiçosa, ela virou o rosto para encarar as feições preocupadas do marido.

– Eles negaram seu pedido mais uma vez, não foi? – ele conseguiu um espaço ao lado dela e também se sentou à soleira da porta. – Por que insiste nisso, Kat? Já está mais do que claro que o exército não é lugar para o Kuroi.

A jovem suspirou de maneira cansada e negou aquela frase com um movimento de cabeça. Já tinha perdido a conta de quantas vezes tivera aquela discussão com o marido.

– Você não entende, Yan. Ele é o dragão negro. É claro que pertence ao exército!

– A profecia do dragão negro é uma bobagem. Pare de ouvir as asneiras que o seu tio fica bradando aos quatro ventos. Téo é caduco, quantas vezes tenho que lhe dizer isso? – ele passou as mãos pelos cabelos claros e desalinhados, conversar sobre Téo sempre o deixava com um humor péssimo. – Às vezes, penso que deveríamos ter esperado um pouco mais... Talvez nossa pressa tenha contribuído para Kuroi ser assim... uma falha.

Aquele último comentário fez Katarina se levantar em um pulo. Encarou o marido com uma expressão furiosa, acompanhada pelo rosnado irritado do familiar.

– Eu tenho vinte e seis anos, Yan! Já passei quatro anos da idade mínima para participar do ritual – ela manteve o dedo em riste, apontado para o marido de maneira acusatória. – Meu dragão não é uma falha, nunca será. Deixe de ser hipócrita! Você queria isso tanto quanto eu! Mas agora, só porque Kuroi é diferente, vem com essa conversa sem sentido.

Ela não conseguiu continuar, pois Yan se levantou e agarrou seu braço com força. Estava igualmente enfurecido, seus olhos escuros faiscavam.

– Ele não tem asas! Nunca vai voar! Não vai ajudar na guerra nem em lugar algum! É uma falha sim, você que é muito teimosa para admitir. Não passa de um estorvo, não somente para nós dois, mas para toda a Azzan! – gritou sem medir as palavras. – Fico me perguntando se veio mesmo da minha semente...

O tapa veio forte e certo, deixando uma marca vermelha no rosto claro. Yan se calou, mas a raiva ainda era palpável. Deu um passo à frente pronto para revidar, mas Kuroi se precipitou e mostrou os dentes enormes, convencendo-o a mudar de ideia.

– É melhor se acostumar a tê-lo como sua única companhia, Kat – ele disse de maneira cáustica. – Pois eu não vou aguentar essa loucura por muito mais tempo.

Foi embora sem olhar para trás, deixando a esposa e o dragão sozinhos em frente à casa.

A noite estava chuvosa e com ventos fortes, causando uma certa instabilidade no voo da cidade. Os leves tremores e estalos das hélices, fizeram a maioria das pessoas se retirar mais cedo para suas casas. Katarina sabia que devia sair daquela apatia e ir procurar por seu marido, mas não conseguiu se mover. Estava no limiar – a beirada de Azzan – onde uma fina grade a separava do abismo da queda. Os raios que iluminavam as nuvens a deixavam quase que mesmerizada e os pingos grossos da tempestade já tinham-na encharcado. Ao seu lado, Kuroi dava rosnados preocupados, já pressentindo o porquê de estarem ali.

– Téio tem razão, *Roi*. Acho que chegou a hora das medidas desesperadas – a voz soava calma, mesmo que suas mãos tremessem enquanto começava a escalar a grade. – Não aguento mais ouvir que você é uma vergonha, um erro. Se não posso mudar o pensamento das pessoas, de Yan, prefiro buscar um novo caminho longe delas.

Ela se equilibrou como pôde no ferro enferrujado, seu coração batia acelerado. Olhou para baixo e só viu escuridão. Acreditou que aquilo fosse um sinal. Fitou seu familiar, que a encarava com olhos extremamente preocupados e fazia a tempestade cair cada vez mais forte.

– Eu li os livros e acredito nas lendas. Confio em você, *Roi*. Você é o dragão negro e, mesmo sem asas, pode voar – foram suas últimas palavras antes de se jogar.

O vento frio açoitou seu rosto, mas ela fez questão de manter os olhos abertos. Passados mais alguns metros de queda, começou a sentir o cheiro salgado do mar. Estava chegando perto. De maneira quase inconsciente, lembrou-se do dia fatídico da morte de sua mãe, caindo do dorso de Roghar depois de levar um tiro no peito. O valente dragão vermelho bem que tentou alcançar a grande guerreira, mas não foi rápido o suficiente. Mestra e familiar encontraram seu fim nas águas gélidas e mortais.

Foi com certa surpresa que Katarina se deu conta de que não ficaria triste se encontrasse o mesmo fim de sua mãe. Pelo menos poderiam se reencontrar no fundo do oceano. Resignada, a jovem abriu os braços e as pernas, imaginando que também era um dragão e que podia domar a gravidade. Ao longe ouviu um urro e

imediatamente soube que era Kuroi. Vários relâmpagos clarearam o céu, formando em milissegundos linhas e desenhos indecifráveis.

De repente, ela percebeu uma variação das correntes de vento e avistou um vulto negro passar bem ao seu lado. Sorriu quando sentiu seu corpo bater contra algo duro e escamoso. Entretanto, a queda não foi interrompida. Mesmo agarrada ao dorso de seu familiar, ela continuou caindo para a morte.

Parece que Téó estava errado no final das contas. Ela não sentia raiva ou medo, estava pronta para encontrar o seu destino. *Pelos menos iremos juntos, Roi. Não há melhor companheiro para se ter uma morte honrada.*

Afastou os cabelos do rosto e encarou as ondas sombrias que se agitavam com a força da tempestade.

Quando Yan percebeu que Katarina ia se atirar para a morte, foi tarde demais. Cansado de brigar e também arrependido por suas palavras duras, ele resolveu procurar a esposa. Acabou por encontrá-la no limiar, preparada para cometer o maior erro de toda sua vida. Desesperado, tentou gritar, mas sua voz foi abafada pelo urro de Kuroi.

Sentindo-se impotente, viu o dragão abrir um buraco na grade – ignorando as feridas que se abriam nos lábios e focinho – e saltar atrás de sua mestra. Naquele instante, desejou estar errado sobre o familiar. Queria que ele fosse capaz de voar, desejou com todas as forças que a criatura trouxesse sua mulher de volta.

Ficou esperando, parado na beira do abismo, por quase uma hora. Téó foi encontrá-lo em um estado quase catatônico e, aflito, logo perguntou o que havia acontecido. Depois de ouvir uma explicação soluçada, o velho arregalou os olhos esverdeados com descrença.

– Então, eu me enganei – passou a mão pelo rosto molhado. – Como isso é possível?

Diante daquele comentário, Yan pareceu voltar à vida e o encarou com uma expressão colérica.

– Foi você quem a convenceu a saltar! – gritou em um tom acusatório. – Seu velho maluco! Desgraçado!

Partiu para cima de Téó, descarregando nos socos e chutes toda a frustração que estava sentindo. Atordoados, o velho não tentou resistir ao espancamento. Na verdade, nem pareceu ligar para os ferimentos que lhe eram infligidos.

– Eu não posso estar errado... Eu não posso estar errado... – ficou repetindo em voz baixa, como se desejasse que aquele mantra pudesse mudar a triste realidade.

Somente com a chegada das amazonas Tereza e Joanna, Yan parou de atacar o velho – o rosnado ensurdecedor de Jericoh foi o grande responsável por encerrar a luta. As duas mulheres se mostraram chocadas com a notícia de que sua melhor

amiga havia saltado para a escuridão do mar e, sem pensar duas vezes, levaram suas montarias para o céu, decididas a encontrar Katarina.

Enquanto esperava o retorno das amazonas com os restos mortais de sua esposa, Yan fitava a escuridão com olhos atentos. Ignorava a chuva que já tinha empapado suas roupas. As lágrimas começaram a cair sem que pudesse evitar e a realização de que Katarina estava mesmo morta o fez desabar.

Tomado pela culpa e ajoelhado no chão lamacento, ele escondeu o rosto nas mãos. Arrependia-se de suas palavras rudes, arrependia-se de suas atitudes intransigentes. Sentiu a mão ensanguentada de Téó em seu ombro e teve que se controlar para não voltar a espancá-lo. Nunca se deu bem com o velho, que sempre o menosprezou por sua origem humilde, mas agora o que sentia chegava a beirar o ódio.

– Eu sinto muito, Yan – Téó disse com desconforto. Era genial em quase todas as ciências, mas quando se tratava de emoções não poderia ser mais estúpido. – Achei que Kuroi só precisava de um incentivo maior, que o risco de perder sua mestra fosse despertá-lo completamente. Eu... eu tinha tanta certeza de que iria dar certo... Você precisa entender que eu amava Katarina como se fosse minha filha. Nunca desejei isto a ela... nunca...

O velho não conseguiu continuar, também estava atormentado pelo remorso. Soluçou algumas vezes e deixou que a água da chuva lavasse seus machucados e escondesse suas, sempre tão raras, lágrimas. Vê-lo tropeçando nas palavras, fez com que a fúria de Yan fosse substituída por pena. O jovem não gostou muito daquele novo sentimento, mas achou que Katarina iria ficar mais feliz se abandonasse o repúdio que nutria por Téó.

Naqueles tristes e quase intermináveis instantes de espera, os dois homens deixaram suas diferenças de lado e compartilharam o luto da perda. Em silêncio – limitando-se a ouvir os furiosos estrondos dos trovões – eles conseguiram vencer as piores previsões e encontraram conforto na companhia um do outro.

Foi o forte clarão de um raio que os fez voltar a atenção para o céu. Avistaram as duas amazonas no ar, com expressões tão pálidas e assustadas que as deixavam com uma aparência quase fantasmagórica. Seus dragões também estavam agitados, urravam de maneira nervosa e moviam as cabeças de um lado para o outro, brigando com as rédeas.

– O que aconteceu? – Yan teve que gritar para que sua voz vencesse a força da tempestade. – Encontraram algum sinal de Katarina?

Tereza ainda abriu a boca para responder, mas, nesse mesmo instante, uma figura escura passou bem ao seu lado e foi o suficiente para calá-la por todo o restante da noite.

Yan sentiu as unhas de Téó cravarem-se em seu ombro, mas ignorou a dor.

Arregalou os olhos e se perguntou se estava sonhando ou diante de uma aparição. Bem a sua frente, dançando no ar, encontrava-se um majestoso dragão negro. Aquele que dali em diante seria conhecido como o Domador de Tempestades, o símbolo maior do Esquadrão Draconiano e de toda Azzan. Uma mulher de esvoaçantes cabelos cor de fogo estava agarrada ao seu dorso, tinha o sorriso mais radiante que o filho de carvoeiro já havia visto.

– Desculpe a demora, rapazes – ela não tentou esconder o divertimento em sua voz. – Eu e o *Roi* estávamos dando uma voltinha. Não pensei que as minas de carvão ficassem tão distantes de nossa amada cidade.

Yan piscou algumas vezes, extasiado diante da ressurreição da mulher amada. Lentamente, seus olhos passearam pelo familiar – que mal lembrava a criatura irritante e desengonçada que rachara as paredes de sua casa – e foram parar na bela amazona que o controlava. Seu coração se apertou, repleto de sentimentos conflitantes. Amor, remorso, raiva, alívio... Se aquilo fosse realmente possível, diria que se apaixonara por Katarina uma segunda vez naquele exato momento.

– Eu estava errado! – gritou tanto para a criatura alada quanto para a esposa.

– E eu estava certo! – sempre importuno, Téó abriu um sorriso orgulhoso. A confusão e incerteza estampadas em seu rosto momentos atrás, tinham desaparecido por completo.

– Ele é perfeito! – os dois homens, de personalidades tão diferentes, disseram em uníssono. Pela primeira vez, encontraram um tópico no qual não tinham como discordar.

Um raio cortou o céu e o dragão negro soltou um urro de gelar a espinha, acompanhado logo em seguida por Jericoh e Lance. Segundos depois, outros gritos – distantes e próximos – somaram-se ao brado de Kuroi. Todos os familiares de Azzan pareciam estar cantando em conjunto, comemorando o despertar do lendário dragão negro e acordando a cidade inteira para testemunhar fato tão histórico.

Aos poucos, mesmo debaixo de uma chuva torrencial, Amazonas surgiram no céu e várias pessoas deixaram suas casas. Todos se reuniram no limiar, querendo descobrir que animal teria sido o responsável por reação tão poderosa.

A surpresa foi geral ao avistarem o sempre menosprezado “verme da terra” em pleno voo, bailando graciosamente nas correntes de vento como um verdadeiro rei do ar. Dentre todos as testemunhas abismadas e incrédulas, a conselheira Irene parecia a mais perplexa. Seu rosto molhado, tinha uma expressão de puro assombro.

Katarina podia se orgulhar daquela cena, com quase todos os habitantes de Azzan tendo que engolir seu preconceito e ignorância. Ela podia gritar que todos estavam errados e esfregar-lhes na cara o quão eram mesquinhos. No entanto, toda a raiva que possuía contra aqueles que a menosprezaram tinha se esvaído. Sentia-se plena, livre de todas as angústias que um dia a prenderam no chão. Sua vida até ali não

tinha passado de um ensaio, uma preparação para o que estava reservado a acontecer.

– Estou orgulhosa, *Roi!* – ela sussurrou em uma das orelhas pontudas da criatura.
– Agora vamos mostrar a eles do que você é realmente capaz. Quem sabem alguns não desmaiem com o espanto...

Seu sorriso se alargou ainda mais quando a ventania se fortaleceu e o dragão negro urrou de maneira alegre. Um jorro de ar a atingiu no rosto e levantou seus cabelos. Logo em seguida, ela sentiu um empuxo na boca do estômago e subiu. Tinha certeza de que Kuroi havia nascido para domar as tempestades e navegar através dos ventos, levando-a para cada vez mais alto.

Os Cavalos da Capadócia **André S. Silva**

O persistente ruído do ferro arranhando a cerâmica trouxe a jovem de volta de seus devaneios. Sob a luz avermelhada da pequena fogueira, a bela moça, de pele queimada de sol, avistou a irmãzinha tentando raspar com uma colher os últimos resquícios de comida do fundo da tigela de barro. Sensibilizada e sem qualquer fome, estendeu o vasilhame que tinha no colo para a menina. Os olhos escuros da pequena faiscaram de alegria, iluminando o rosto sujo de terra.

– Não tem fome? – perguntou uma voz carinhosa, vinda de onde a luz da fogueira não alcançava.

– Não – respondeu ela, secamente.

– Precisa comer, minha filha. Sua irmã é pequena e deve se satisfazer com o que damos para ela. Você sempre foi generosa, mas como espera continuar cuidando dela se não cuida direito nem de si mesma?

– Já disse que não tenho fome – repetiu a moça, encolhendo-se junto da fria parede de pedra. Abraçou as próprias pernas e jogou o manto de pele por sobre o corpo. Tentava, em vão, aliviar a sensação gelada que trazia no peito.

Afinal, não era algo que a agredia através da pele, mas que irradiava de seu coração.

A menina lançou o olhar de um lado para o outro, incapaz de compreender o que estava acontecendo. Aquela inocente ignorância, tão própria de sua idade, era algo a ser invejado em dias como aquele.

– Preciso que me desculpe – disse a mulher. Levantou-se da escuridão e caminhou até a filha mais velha, curvando-se para evitar as depressões no teto da morada. – Não tivemos tempo. Eu não podia deixar que você...

– Devia ter deixado! – interrompeu a moça.

– Silêncio! – a voz masculina ressoou como um sussurro áspero da entrada do cômodo.

A luz da fogueira reluzia no suor da face bronzeada e no olhar de censura que ele dirigia às duas. Parcialmente ocultos pelo negrume que inundava a entrada, os longos cabelos negros do homem se misturavam aos fios de sua barba grisalha.

– Um dia você vai entender. Um dia também será mãe – disse a mulher, em voz baixa. Os olhos, que na tristeza tanto se assemelhavam aos da filha, deixavam transparecer o estado mortificado de seu espírito.

Da mesma forma, o semblante da moça, seu rosto de traços fortes e angulares por entre as mechas de cabelo ressecado, revelava para a senhora todo o ressentimento pelo que acontecera.

– Perdoe-me, mas eu não poderia correr o risco. Quando o sinal tocou, só pensei

em você e em sua irmã.

– Não, mãe – replicou a moça, conservando o mesmo tom baixo da outra. – Acho que só pensou em si mesma.

– Mais respeito com sua mãe, menina – interveio o pai, sem tirar os olhos das trevas além do portal. Apoiava uma das mãos no batente rochoso acima de sua cabeça, enquanto forçava sua visão a perscrutar o que ocorria na passagem.

Por um momento ouviu-se apenas o barulho do fogo crepitando. Uma fraca corrente de ar atravessava a moradia, tremulando as chamas da fogueira e fazendo com que a caverna parecesse soprar seu hálito aquecido para a fria escuridão adiante.

Ainda indiferente ao que se passava com sua família, a criança enfim terminou de comer o que lhe fora ofertado pela irmã. Colocou a colher de ferro dentro da tigela e, tomando-a por suas alças, levantou-se do jeito que pôde, sem perceber que o vasilhame era mais pesado do que seus bracinhos eram capazes de levantar.

– Deixe que eu pego isso – ordenou a mãe, tomando-lhe o objeto das mãos e depositando-o em um dos cantos da câmara, próximo a uma bacia cheia de água.

– Que diferença faz agora? – perguntou a outra filha, inconformada. – Eu poderia... Eu queria...

– A diferença é que está aqui conosco. Com sua família. Vamos cuidar uns dos outros.

– Nem a senhora acredita nisso. Posso ver em seus olhos, mãe.

– Sim, eu acredito.

Com estas palavras ainda pairando naquele ar tão ocre e abafado, a mulher ajoelhou-se ao lado da filha, afastando-lhe as mechas de cabelo da face que tanto lembrava a sua própria. Lado a lado como estavam, a semelhança entre as duas era inegável. Mãe e filha eram uma mesma nuvem, uma sob a luz do meio-dia, outra sob as cores tingidas de barro do fim de tarde.

– Vai passar – insistiu a mulher. – Como das outras vezes.

– Não vai passar, mãe. – retrucou a moça. – Não é como das outras vezes!

Sem perceber, ela elevara o tom de voz outra vez. Exaltado, o pai avançou e agarrou-lhe pelos ombros.

– Fique quieta! – bradou o homem. – Está assustando sua irmã!

– Ela é abençoada por não ter idade suficiente para entender.

– Mas tem idade o bastante para perceber sua tristeza. – respondeu a mulher. – Somos uma família. A dor de um de nós é a dor de todos nós.

– A senhora também está triste, e o pai também.

– Sim, mas não como você. – sussurrou o homem, sentando-se junto à entrada da pequenina câmara. – Você está triste por estar aqui.

Foi só quando o silêncio tornou a pairar sobre a família que a mãe percebeu o que

fazia sua filha caçula. Distraída, a criança brincava de revirar com uma vareta o cascalho incandescente no interior da fogueira.

– Pare com isso, vai acabar se queimando – alertou, arrastando-se pelo chão coberto de terra até onde estava a pequena. Pegou a vareta, quebrou a ponta aquecida e entregou de volta. – Por que não brinca de desenhar na terra? – sugeriu, guiando as mãozinhas para longe do fogo.

– Tem razão, pai – admitia a moça, absorta em seu próprio problema. – Eu não queria estar aqui. Por favor, ajude-me a aplacar esta tristeza.

Pai e mãe sabiam o que viria a seguir. Aquele peso, aquela amargura que a filha julgava ser só dela era compartilhada por eles. Eles sentiam seu medo, mas era de alguma forma pior, pois não apenas temiam com ela. Temiam por ela.

– Deixe-me ir.

– Não! – exclamou o pai, resoluto. – Não vai a lugar algum. Vai ficar aqui, conosco.

– Mas tudo o que mais quero está lá fora – ela apontou o dedo para a passagem escura.

– Não pode, minha filha – disse a mulher, dirigindo-lhe um olhar apiedado. – Ninguém pode sair, até que esteja acabado.

– Quando será tarde demais – retrucou a moça.

– Esse é o código. Devemos respeitá-lo, por nossa própria segurança e pela de nossos amigos. Lembre-se de *asha*.

– *Asha* não vai nos proteger, não agora – afirmou a garota, como se tentasse fazer a mãe enxergar algo que para ela era óbvio como o calor do fogo que ardia no centro de sua casa. – Por favor, mãe, eu imploro. Deixe-me vê-lo só mais uma vez antes do...

– Não diga isso – interrompeu-lhe a mãe, colocando um dedo contra seus lábios.

A moça então tomou sua mão delicadamente entre as suas e murmurou:

– Mãe...

A mulher lançou seu olhar para o marido, que observava impassível a cena. A face do homem tinha linhas duras como a rocha que os cercava.

– Minha filha, meu amor, ainda que deixássemos que você saísse...

– Mulher! – revoltou-se o homem.

– Deixe-me falar! Ainda que pudesse sair, a passagem está selada. Poderia bater o quanto quisesse, ninguém lá deixaria você entrar.

– Ele deixaria, eu sei disso – a moça exibia esperança em seus olhos marejados. – Está esperando por mim do outro lado.

O pai ergueu-se de súbito, sobressaltado.

– E por *Aramazd*, onde está ele agora? Por que tem que ser você a penetrar no coração das sombras? Se o que este tecelão sente por você é tão justo então por

que...

Um estrondo grave interrompeu o discurso do pai, sacudindo paredes, teto e também o chão sob seus pés. Todos olharam para cima, enquanto uma forte rajada invadia o interior da câmara, fazendo labaredas rodopiarem pelo ar. Seguiu um instante do mais impenetrável silêncio, rompido apenas pelo resfolegar apreensivo dos três que ali conseguiam compreender o que de fato acontecia.

A criança percebia apenas o peso no ar, a angústia no rosto de sua mãe sendo absorvida por seu coração diminuto, acumulando-se até explodir em um choro repentino. A mãe correu e tomou a menina no colo enquanto um novo tremor, menos intenso que o anterior, tornava a sacudir o interior da caverna.

O pai precipitou-se à frente, recolhendo das sombras uma clava, tão velha que nos espigões que brotavam de sua ponta férrea eram visíveis os buracos causados pela oxidação. O homem posicionou-se na entrada da câmara.

– Desta vez é diferente – repetiu a filha.

– Fique quieta! – ordenou ele, alarmado.

Embora à frente só se vislumbraresse silhuetas sombrias, de longe chegavam ecos de vozes abafadas e o barulho de pedra sendo golpeada, repetidamente. A cada novo baque as vozes ganhavam volume e gravidade, e alcançavam os ouvidos atentos do homem como sussurros agourentos.

Subitamente, tudo se aquietou.

A garota aproximou-se do pai e se colocou ao lado dele na entrada da câmara.

– Para trás – advertiu ele, mas foi ignorado. Ao contrário do resto de sua família, ela agora parecia mais calma. Quase resignada. A mãe continuava agarrada à sua pequena irmã, os olhos cerrados, os lábios a sussurrarem uma oração.

Por um instante, o homem baixou a guarda, até que o som de passadas rápidas na escuridão o fizeram empurrar a filha para trás e se colocar entre o que quer que estivesse vindo e sua família. Segurava a velha arma com a força e a habilidade que a idade e a pouca prática lhe permitiam. Os passos se aproximavam velozmente. Em instantes, o fogo revelaria a identidade de quem traziam.

Quando o rosto exasperado e familiar surgiu à luz alaranjada, o pai soltou um suspiro de alívio. Ao contrário do que imaginava, não era um de seus inimigos.

– Rapaz incauto, quase que o mato! – exclamou o homem.

– Perdoe-me, senhor.

A visão do rapaz incendiou de tal forma o coração da moça que suas lágrimas evaporaram, levando junto sua angústia. Um sorriso escancarou-se nos lábios ressecados ao que ela corria ao encontro dele e lhe dava um abraço longo e apertado.

– Eu sabia que você viria! Eu sabia!

– Jamais teria abandonado você se não tivessem me arrastado pra longe –

respondeu o jovem tecelão.

Fitando os dois, o rosto do pai fechava-se em desaprovação. – Não passa de um tolo – afirmou, puxando a filha pelo braço.

– Pai, não!

– Pare de gritar! Não vê que coloca a todos nós em perigo?

– Senhor, perdoe minha audácia, mas já estamos em perigo – interveio o rapaz. – Vim aqui avisá-los. Precisamos sair daqui, imediatamente.

– O quê está dizendo? – indagou a mulher.

Neste exato momento, um novo tremor abalou toda a caverna, ainda mais forte que o anterior. Terra e cascalho desprenderam-se do teto, fazendo-a usar o próprio corpo como abrigo para que os detritos não atingissem a filha em seu colo.

Pela passagem escura de onde viera o rapaz agora chegava o rumor de muitas vozes inquietas. Alarmado, ele disse:

– Eles nos encontraram. Já estão aqui dentro, não podemos esperar mais. Temos que fugir.

– Não, de forma alguma! Ainda que nossos inimigos consigam entrar na montanha, jamais conseguirão passar pelos portões de pedra. Eu não sei como você conseguiu.

– Porque me foi permitida a passagem, senhor. E acontecerá o mesmo com eles. Nossos inimigos vão entrar porque os portões serão abertos.

– O que está dizendo? – a mãe perguntou, incrédula.

– Há traidores entre nós, rapaz? É isso que está afirmando?

– Não, nosso povo permanece unido – o tom do rapaz agravou-se. – Mas os *daevas* descobriram os túneis verticais e estão começando a selá-los. Logo não vai haver mais ar nas câmaras e não teremos escolha a não ser abrir as passagens.

A família emudeceu. A mulher olhou para seu esposo, temerosa, ansiosa para que ele rebatesse aquela afirmação com quaisquer palavras austeras e tranquilizantes, mas não aconteceu. Afinal, o homem sabia que, se havia verdade no que o jovem tecelão dizia, então sua filha estava, de fato, certa.

Asha, a bondade que protege aqueles que a praticam, pilar fundamental de suas crenças, parecia não mais abençoá-los.

Daquela vez, era mesmo diferente.

– Demônios de *Ahriman* – balbuciou o homem. Seus olhos não pareciam refletir mais qualquer brilho, nem mesmo o da fogueira que ele agora encarava, aturdido.

– Senhor, eu imploro. Os inimigos já estão nos níveis superiores e estão se espalhando. Se quisermos sobreviver temos que deixar *Derinkuyu*, agora.

O outro continuou em silêncio. A velha maçã apenas pendia de uma das mãos, sem qualquer propósito. Levou a outra à testa, enxugando o suor que escorria da fronte até a longa barba cinzenta.

– Pai...

– Vamos – o homem enfim respondeu. – E que o grande *Mazda* nos guarde em nosso caminho.

O rapaz tomou a mão da moça entre as suas e liderou o quinteto para fora da câmara. Atrás dos dois a mãe vinha com a menina no colo, e por último, o pai, ainda carregando a clava enferrujada. Avançavam em passos firmes pela escuridão, tão acostumados eram a perambular diariamente pelos sinuosos túneis subterrâneos. À sua volta, os ecos ganhavam não só intensidade, mas também nuances de dor, ira e desespero, ressoando em meio ao clangor de metal e rocha.

Alcançaram um ponto em que uma depressão diminuía o espaço vertical da passagem, e precisaram se agachar para prosseguir. Na vez da mãe, um novo abalo os atingiu, e ela acabou batendo com a cabeça na rocha acima. O homem tratou logo de ampará-la, manchando o próprio rosto com o filete de sangue que escorria por entre os cabelos encaracolados. A moça precisou soltar a mão de seu amado e tomou a irmãzinha no colo.

– Querida... Você está bem? – perguntou o homem, tateando gentilmente o ferimento.

– Sim – respondeu ela, desorientada. – Foi só um arranhão. Vamos, não podemos parar...

A passagem os conduziu a um espaço amplo, onde o caminho era marcado pela presença de colunas escavadas na rocha que iam do chão ao teto. Tochas acesas pendiam de suportes de ferro ao longo de toda a caverna, suas chamas tremeluzentes fazendo mover as sombras que permeavam o lugar.

Já não estavam mais sozinhos. Havia dezenas de pessoas ali, iguais na pele bronzeada e nas roupas impregnadas de terra. Os ecos das vozes e das passadas na pedra criava a ilusão de que a multidão era ainda maior. Ainda assim, todos puderam ouvir claramente quando um grito diferente dos demais percorreu os tortuosos caminhos de pedra até aquela seção do complexo. Por um breve instante, todos pararam. Não se tratava de um grito de alarme ou um grito de guerra, mas sim de um grito de dor.

A atividade recomeçou, ainda mais intensa. Os que antes andavam agora corriam, os que antes falavam agora berravam. Enquanto sua família deixava a câmara, o homem lançou seu olhar rapidamente para um grupo de pessoas que, ao contrário das demais, continuava imóvel.

Um homem, uma mulher, um menino e uma menina. Uma família como a sua, que como eles agora também estavam assustados, olhando para o teto abalado da caverna e imaginando por que, embora tivessem tido tanta devoção, o Sábio permitira que seus inimigos os ameaçassem em seu próprio lar.

O pai alcançou sua família no ponto em que o caminho se curvava em uma meia-volta ascendente, conduzindo-os a uma câmara estreita e ainda mais alta. Em um dos

lados havia uma rampa que se erguia íngreme para a escuridão acima. No outro, um corredor que fulgurava nas cores do fogo era palco de uma batalha, mas dela só se viam silhuetas atacando umas às outras ao som de rugidos brutais e do choque de metal contra metal.

– E a sua família? – a moça perguntou a seu amado tecelão.

– Já os mandei na frente – respondeu ele, acelerando o passo. – Vamos, falta muito pouco agora!

O homem, porém, sentiu os pés pesarem. O ar abafado estava tomado pelo caos, o som das batalhas avolumava-se, e a imagem daquela família imóvel em meio a tudo dominava seus pensamentos. Por toda a vida aprendera a confiar nas palavras do Profeta, a acreditar no poder providente do grande *Aramazd* e no respeito que todos deviam à *asha*.

No entanto, agora que os inimigos os haviam encontrado e ameaçavam devastar sua casa, agora que *asha* se mostrava uma mentira e que *druj*, as forças do mal, traziam dor tanto para o justo quanto para o injusto, o homem se perguntava qual era o sentido de se continuar correndo.

O que poderia esperá-los lá fora?

Começaram a longa subida em passos largos, mas difíceis. O ar escasseava. Não restava dúvida, a cidade estava sendo asfixiada pouco a pouco. Por uma grade de ferro ao lado esquerdo da elevação eles viram quando um trio de contrerrâneos armados passou correndo pela passagem arqueada abaixo da rampa, vestidos de bronze, armados com ferro, rumo à batalha que transcorria do outro lado.

Enfim, os cinco alcançaram um segmento da caverna que servia de ponto de intersecção entre três diferentes passagens. O caminho que procuravam, no entanto, estava escondido. A tocha ali colocada para iluminar a encruzilhada mantinha a real natureza de uma das paredes da câmara parcialmente oculta na penumbra. O que aparentava ser apenas uma formação rochosa, estranhamente abobadada e marcada por uma depressão no centro, era na verdade um portão.

Normalmente, haveria um ou mais guardas a postos ali, mas na certa estavam todos engajados em uma das batalhas que assolavam a cidade. Além disso, o mecanismo do portão tornava impossível para qualquer um abri-lo de fora para dentro.

O pai e o jovem tecelão se posicionaram diante do portão e, segurando firme em sua depressão central, deslizaram-no alguns centímetros para dentro da rocha. O homem pegou a tocha mais próxima que avistou e atirou-a pela fresta, iluminando a abertura seguinte.

– Não há ninguém, podemos...

O ataque pegou a todos de surpresa.

Saída das sombras, uma ponta afiada cortou o ar e atingiu o homem no peito,

arremessando-o violentamente contra o chão. Mãe e filhas gritaram. A primeira reação do jovem tecelão foi colocá-las atrás de si, protegendo-as com seu próprio corpo. Uma mão trajando aço agarrou a rocha circular e terminou de empurrá-la, escancarando a passagem.

Ali estava ele. Um dos inimigos, um dos *daevas* de *Ahriman*. Alto, musculoso, com seu corpo coberto por uma armadura prateada e a cabeça coroada por um elmo que lhe obscurecia completamente o rosto, permitindo apenas que soassem ameaçadoras as palavras de sua língua estrangeira. Para os habitantes de *Derinkuyu*, não passavam de grunhidos brutais, sedentos de morte. Nas mãos o intruso trazia sua arma, uma azagaia de aparência exótica.

No segundo em que piscou os olhos, milhares de pensamentos simultâneos ocuparam a cabeça daquele pai. Em seu âmago, ele gritava. Uma dor lancinante dominava a carne ferida a poucos centímetros de seu coração. Era como se a lâmina inimiga estivesse em brasa, ou imbuída de um poderoso veneno. Mas aquele não era o motivo pelo qual gritava.

A revolta do homem era contra seu deus, e contra sua própria ingenuidade. Recusava-se a acreditar, mas ao mesmo tempo desejava desesperadamente fazê-lo. Afinal, qual era o propósito de tudo, se no fim seu destino havia lhe reservado nada além de sofrimento e morte para aqueles que mais amava?

No fim de tudo, por que ter esperança?

Lembrou-se da outra família que há pouco avistara. Estariam eles de fato incapazes de dar mais um passo por saber que acreditaram tanto tempo em uma mentira? Que na verdade, *asha* e *druj* eram ilusões, e que não havia ninguém olhando por eles das alturas?

Ou seria exatamente o oposto?

No instante em que abriu os olhos, a resposta lhe veio tão clara quanto a certeza do que precisava fazer. Na certa julgando-o já abatido, o enorme invasor dera as costas para ele e agora avançava contra sua família. O bravo rapaz que promovera sua fuga se mantinha diante das três, seu corpo servindo como último escudo entre as mulheres e o monstruoso intruso.

Essa era a resposta que buscava. E por um instante, enquanto o homem se reerguia, seus pensamentos foram tomados por louvores e humildes agradecimentos ao grande *Ahura Mazda*.

Que tudo acabasse ali, suas maiores realizações eram também as maiores dádivas do Sábio. Suas filhas, e o desejo de permitir que elas vivessem para desfrutar de todas as coisas que seu deus, em toda sua graça, colocara no mundo. Especialmente o amor. Talvez a maior e mais silenciosa evidência do propósito de todas as coisas.

Minutos atrás, sua menina, seu lindo presente, estava disposta a arriscar tudo, até sua própria vida, se isto significasse um segundo a mais que fosse ao lado do rapaz

que tanto amava.

Que tipo de homem seria se lhe oferecesse menos do que isso?

O coração do pai encheu-se de determinação e cólera, dando-lhe o vigor necessária para se lançar contra o inimigo. Usando toda a força que ainda lhe restava ele meneou a velha maça contra a cabeça do oponente, pegando-o de surpresa. Um urro feroz ressoou de dentro do elmo fechado, o invasor contorceu-se para trás, voltando-se para seu atacante a tempo de ver a maça manchada com seu sangue avançar pelo ar outra vez, atingindo-lhe em cheio a lateral do crânio. O violento golpe rasgou tanto metal quanto carne.

O *daeva* caiu morto.

Na mesma hora, percebendo que as pernas do pai fraquejavam, a moça correu para junto dele. Passou a irmã menor para a mãe, que observava, com lágrimas nos olhos, o brutal ferimento infligido no peito de seu companheiro pela azagaia inimiga.

– Pai...

– Está tudo bem, minha filha – respondeu ele, com dificuldade. O sangue lhe subia pela garganta.

– Não, não está...

– Rapaz, venha aqui – ordenou, pelo que o jovem ajoelhou-se ao seu lado. – Vocês seguirão em frente, está me ouvindo? Não pare por nada. Quando alcançar a saída, corra para os estábulos e pegue um dos cavalos. Fuja para o leste, pelos desfiladeiros. Vá para além das montanhas.

– Eu... Nunca cavaleguei com alguém antes... – respondeu o rapaz, desviando o olhar para sua amada.

– Não se preocupe. Nossos cavalos são os melhores e mais rápidos que existem em todo o mundo. O Sábio foi bom conosco, mais uma vez. Seja qual for o que escolher, sei que cuidará bem de vocês.

– Como assim, de nós? – indagou a garota, tentando esconder de si mesma a óbvia verdade. – O senhor vai conosco... O senhor precisa ir conosco.

– Minha filha tão amada... Você e sua irmã são os maiores milagres que já testemunhei – mesmo com a sensibilidade de seus braços quase exaurida, ele ainda levou a mão ao rosto da filha, afagando-o delicadamente. – Agradeço a *Aramazd* por suas vidas, e agora as entrego à proteção d’Ele. E tenho certeza de que Ele não falhará.

A mãe assistia à cena através de lágrimas silenciosas, mas o contato do corpo de sua pequena menina contra o seu era como um bálsamo tranquilizante. Apertando a menina contra si, ela sussurrou palavras doces em seu ouvido, disse para ela o quanto a amava, o quanto ela era uma especial, e que ela deveria sempre ouvir e obedecer sua irmã, não importa o que acontecesse. Então, ela disse que logo, logo, as duas se reencontrariam, e brincariam de correr nos campos verdes lá em cima

outra vez.

Pai e filha trocaram um longo e caloroso abraço. Voltando-se para a mãe, a jovem encontrou em seu semblante a mesma resignação do pai, a cobrir como uma nuvem rala o sorriso que, embora entristecido, não deixava de irradiar o tênue calor da esperança. Antes que ela protestasse, porém, encontrou os olhos pequeninos da irmã a observá-la.

A mãe passou a filha menor para o colo da outra, abraçando as duas.

– Oh mãe... – a garota fez todo o esforço possível para conter as lágrimas, mas não conseguiu. Soluçava tanto que as palavras que tentava dizer se perdiam.

– Vai ficar tudo bem... Vai ficar tudo bem... – disse a mulher, como se tentasse embalar a filha em um sono tranquilo. – Eu vou cuidar do seu pai, e juntos nós vamos fechar essa porta, para que assim nenhum inimigo os siga. Haverá outros de nossos irmãos tentando deixar *Derinkuyu*, e nós estaremos aqui para ajudá-los.

– Vamos ver a senhora de novo, não vamos?

– É nisso em que acredito. E é por isso que viverei, pelo tempo que o Sábio permitir.

– Vamos vencer esta guerra, mãe, eu tenho certeza. Então voltaremos para...

Um novo abalo interrompeu no meio a frase da jovem. Todo o sistema de cavernas tremia ao redor deles.

– Sim, agora vão! – gritou a mulher, empurrando-os na direção do portão de pedra.

– Amo vocês – respondeu-lhe a filha, enquanto o rapaz a tomava pela mão.

– Boa sorte.

Assim que os três desapareceram pela passagem, ela voltou-se para o esposo, que levantava-se com dificuldade. Passou o braço dele por sobre o ombro, ajudando-o a chegar até a porta de pedra. Então, os dois cerraram outra vez a passagem, mas não antes de deixar gravado no olhar da pequena menina um último sorriso compartilhado sob uma faixa ligeira de luz.

A fuga dos três à superfície foi marcada por bramidos e lampejos de fogo, por vultos saltando das sombras e tremores que ficavam mais e mais frequentes a cada passo que davam. Logo toparam com outro grupo de fugitivos que se afunilavam em um aclave às margens de um rio subterrâneo. A passagem acima revelava a cegante luz da manhã, e permitia que o fragor da batalha na superfície chegasse aos ouvidos de todos que se engajavam naquela desesperada escalada final.

Ao emergirem a primeira visão que tiveram foi da terra vermelha abrindo-se para todas as direções, por onde homens e mulheres corriam por suas vidas, espalhando-se pelo planalto como formigas perturbadas em sua colônia. O vento soprava com violência, arrastando pelo ar a poeira cortante. Por toda parte, homens da Capadócia enfrentavam os terríveis invasores, resistindo a sua arte fatal o quanto podiam. Os *daevas*, no entanto, eram muitos, e muito fortes. Então, houve um estrondo

ensurdecedor como o de mil trovões, bem acima de suas cabeças.

Lá no alto uma gigantesca embarcação de aço, na forma de dois pratos justapostos, pairava sobre suas cabeças. Bolas de fogo refulgiam de seu interior. O céu parecia estilhaçar ao seu redor. Os inimigos estavam ali dentro também, disparando dardos incandescentes contra seu povo. Não tinham tempo a perder. A agitação dos cavalos chamou a atenção do rapaz e da moça para o estábulo, e eles correram em sua direção.

A nau voadora girou ao redor de si mesma, estremecendo toda a terra com sua massiva presença. Bem ao lado do trio, um homem caiu morto, fulminado por um de seus raios. Já estavam a poucos passos do estábulo quando um outro dardo de luz explodiu bem diante deles. A ventania que atingia o planalto ganhou tanta força que os derrubou.

Tudo parecia perdido. Em um gesto final de entrega, rapaz e moça se abraçaram, envolvendo a menina, enquanto a embarcação inclinava-se levemente para revelar em seu centro um olho ameaçador, a fitá-los brilhante como o sol.

Foi aí que, das alturas, uma outra nave surgiu como uma carruagem feita de fogo dourado, catapultando esferas de luz azul contra aquela que os atacava.

– Pai.... O senhor estava certo – a moça sentiu-se tomada por um deslumbramento tal como jamais havia conhecido.

Lá estava, nos céus, como cantado pelo profeta Zoroastro, seu deus.

Protegendo-os.

A embarcação inimiga pareceu gritar enquanto sua pele metálica explodia em dezenas de chagas flamejantes. O sol em seu interior apagou-se quando ela girou no ar, vomitando fumaça negra, para então passar zunindo acima deles e espatifar-se em uma faixa desértica além das colinas no horizonte sul. A carruagem dourada deu uma volta no céu e regressou, atirando mais de suas esferas de luz, dizimando os *daevas* que se amontoavam nas colinas na tentativa de concluir o trabalho nefasto de selar as passagens de ar para a cidade abaixo.

O trio pôs-se a correr novamente. Alcançando o estábulo, o jovem tecelão escolheu o cavalo mais forte que avistou, ajudando moça e menina a montarem. Em seguida subiu, agarrou as rédeas do animal e começou a galopar o mais depressa que pôde. Acima de suas cabeças, uma dúzia de montanhas feitas de ferro cuspiam fogo umas contra as outras, estremecendo o firmamento como a mais violenta tempestade. Ainda assim, quando a moça olhou por sobre o ombro uma última vez, ela sentiu esperança.

Esperança na sobrevivência de seu povo, esperança em um dia reunir sua família outra vez, esperança na vitória de seu deus. Pois de todas as nuvens metálicas que guerreavam no céu, uma brilhava mais do que todas.

A carruagem dourada de *Ahura Mazda*.

Gota a gota **Karen Alvares**

O sangue explodiu para todos os lados e escorreu como molho de tomate quente.

Molho de tomate. Aí estava algo que de fato abria o apetite. O estômago do menino e da menina roncava alto, mas não alto o suficiente para abafar os gritos e os lamentos que aquelas coisas faziam.

– ‘Bora, cambada! ‘Bora, se não quiserem ser engolidos vivos, seus merdinhas!

A voz de Navalha fez igual seu apelido: cortou gelado como uma faca e não demorou nadinha para que o menino e a menina corressem atrás dele. Navalha carregava, como sempre, sua navalha brilhante – que era, afinal, o motivo do apelido. Naquele momento ela se encontrava na sua mão esquerda, enquanto o revólver estava na direita.

O menino corria bem atrás, segurando a mão suada da menina, bem menor que a dele. Seu nome era Zeca. Já tinha visto muita coisa nas ruas de São Paulo. Quem vive na rua está acostumado a ver todo tipo de coisa, a passar por qualquer perrengue, a viver no limite. Mas nem ele, nem Navalha, poderiam sequer imaginar *aquilo*. De fato, talvez *ninguém*, nem mesmo em seus sonhos mais malucos, pensaria que o mundo chegaria a tal situação. E certamente eles não estavam preparados.

Zeca se sentia quase pelado naquela situação sem uma arma junto a si. Ele sabia como usá-la, *precisava saber*, apesar de não ter muitas oportunidades. Navalha pouco permitia que Zeca ao menos a tocasse e quando os dois encontravam uma arma nova – ou roubavam, o que era mais provável – Navalha as guardava consigo ou no Buraco, que era como chamavam o barraco onde dormiam. Naquele momento tinham apenas aquela, uma pistola calibre 38, a queridinha de Navalha. O resto ficou no Buraco. Zeca achava que até mesmo Navalha agora tinha certeza de que teria sido uma boa ideia ter dispensado uma arma para o menino naquela horrível terça-feira. Quando o garoto expôs esse pensamento, sem parar de correr, Navalha apenas cuspiu:

– Cale a boca e vá à merda. – ele nem ao menos olhou para ele, como era de costume. Com uma cusparada no chão de desprezo, ele completou: – E deixe essa menina para lá, só está nos atrasando.

Zeca olhou para a garotinha. Parecia muito pequena e estava completamente suja de sangue. Ele não sabia seu nome. Tinham-na encontrado quase sendo *comida viva* – sim, isso mesmo, não era só um jeito de falar – por uma mulher que parecia ser sua mãe. A menina estava tão assustada que nem conseguia chorar. Zeca a puxou pela mão e continuava puxando enquanto corriam pela avenida vazia de pessoas, exceto por aquelas criaturas que se arrastavam e comiam os vivos. Havia vários carros estacionados na pista ou acidentados e, quando paravam por alguns segundos

para verificar seus ocupantes, o que encontravam eram aqueles bichos. Criaturas mortas, com partes dos corpos faltando, mas ainda assim, bastante *vivos* e, pior, famintos. Era loucura e Zeca ainda não estava totalmente convencido de que aquilo não era realmente um pesadelo dos brabos que tinha de vez em quando.

Porém, o menino não entendia por que não conseguia abandonar a menininha. Sabia que ela os atrasava. Sabia que as perninhas dela eram curtas demais para acompanhá-los no ritmo de corrida que desejam. Sabia também que seria quase impossível mantê-la viva no meio daquele caos. Mas Zeca simplesmente não conseguia deixá-la para trás. Ele tinha certeza de que ela morreria se a abandonasse.

Viraram em uma rua estreita, onde outros vários carros estavam parados no meio do asfalto, alguns virados do avesso. Havia mais daqueles caras ali. Navalha atirou. Um daqueles bichos – que um dia foram pessoas – foi atingido bem no peito. Ele tinha boa pontaria, o Navalha. Mas não foi o suficiente. O bicho continuava andando.

– Filho da puta, como pode isso? – Navalha xingou, recarregando a pistola com um tranco surdo.

A menina murmurou alguma coisa que ninguém prestou atenção, de tão miúda que era sua voz. Zeca recuou alguns passos, levando a menina junto. Havia mais de onde vieram, mais daqueles monstros.

Navalha atirou de novo, dessa vez na perna. Não adiantou de novo. Mesmo ferido, o monstro – que era careca, usava óculos, tinha uma barriga redonda e babava sangue – continuou a andar. Seus olhos eram vazios e fixos, sua pele dilacerada e podre. Pelo caminho perdera um braço e os ossos estavam expostos, a carne caindo vermelha e negra em pedaços pelo asfalto. Não tinha como estar vivo, tampouco estava morto.

– ‘Bora, ‘bora, diabos!

Só que agora o lado pelo qual chegaram também estava ocupado pelas criaturas. Pelo menos umas cinco daquele lado e outras quatro do outro. Estavam cercados.

Foi só o tempo de Zeca se distrair por um segundo, o suficiente para ouvir Navalha gritar. O tal barrigudo já estava em cima dele. A pistola estava caída no chão, completamente inútil. A careca do homem agora estava pintada de vermelho sangue e ele se deliciava com o gosto amargo de Navalha, que gritava e se debatia em meio aos gorgolejos do monstro.

– Me ajude! Moleque, me ajude! – Navalha gritou, porém logo em seguida o careca arrancou um pedaço do seu pescoço e engoliu de vez a voz do chefe do menino. A garotinha, por sua vez, agarrava-se com força no braço de Zeca como se disso dependesse sua vida. Chegava a doer. Zeca observou a paisagem ao redor. Havia mais daqueles caras se aproximando. Muitos deles.

Zeca apanhou a pistola no chão. Gostaria de pegar a navalha também, mas era

quase impossível fazê-lo com aquela coisa ali em cima de seu antigo chefe, saboreando um lanchinho vivo que ainda lutava com suas últimas forças para não se transformar em almoço. Zeca ainda conseguiu ver os olhos suplicantes de Navalha antes que outro daqueles caras os arrancasse com os próprios dentes. Era de revirar o estômago. O garoto desejou que aquela pobre menina não estivesse olhando, mas ela estava.

Havia muitos daqueles monstros no caminho. Zeca sabia que precisariam derrubar alguns para ao menos tentar fugir. Ele segurou a arma com as duas mãos e dessa vez ouviu claramente a voz da garotinha.

– Na cabeça. – ela disse decidida, com a voz firme e parecendo mais velha do que realmente era. – Um moço da polícia acertou um monstro na rua assim, eu vi, e aí o monstro nunca mais levantou.

Era muito estranho ouvir aquelas palavras saindo dos lábios de uma menina tão pequena e frágil, mas ela parecia falar muito sério. Zeca decidiu confiar nela, afinal, ele também não tinha muita escolha naquele momento.

O menino mirou. Ele tinha um estilingue e gostava de mirar com ele em um monte de lugares diferentes. Acertava passarinhos, lâmpadas, vidraças, até mesmo pessoas. Era muito difícil que Zeca errasse. Agora, mirar com a arma? Não foram muitas as vezes que teve essa oportunidade de ouro de segurar a pistola, apesar de adorar sentir o cano gelado sob sua pele. É claro que já atirara: algumas vezes fora necessário, em outras Zeca apenas furtava alguma das armas enquanto Navalha não estava olhando e treinava por aí. Mas agora era diferente. Ele *precisava* acertar. Disso dependia sua vida e também a daquela menininha.

Puxou o gatilho.

Os gritos ecoaram nos seus ouvidos. Havia novamente aquele gorgolejo horrível, como se o bicho estivesse engasgado. Os olhos dele, brancos, leitosos e enormes, pareciam saltar das órbitas. O sangue parecia muito vivo nas veias de Zeca. Ele sentiu o tranco da arma. Um barulho que furava os tímpanos. A menina tapou os ouvidos com força e fechou os olhos. A bala atingiu a boca aberta do bicho. Ele caiu e não mais se levantou.

A menina estava certa.

Zeca repetiu o processo: uma, duas vezes, não era difícil se pensasse que a arma era um estilingue muito mais gelado e perigoso, e então mais dois daqueles seres caíram mortos – *finalmente mortos* – ao chão. A menina agora estava de olhos abertos, na verdade arregalados, e observava a cena paralisada.

– Corre! – gritou Zeca a plenos pulmões, agarrando novamente a mão da garotinha.

Conseguiram deixar para trás os dois monstros que destroçavam Navalha, além dos bichos que Zeca atingiu. Havia outros, mas os dois meninos nem olharam direito

e tampouco queriam saber de mais nada. Correram como se corre da morte. E aquilo era a morte. Ou pior.

Porém, atrás deles havia mais. Sempre havia mais.

As mãos dos dois meninos estavam suadas. A menina sem nome ofegava, suas pernas pequenas tentando correr tão rápido quanto Zeca. Não havia tempo para perguntas, por mais que ambos tivessem muitas a fazer. Por onde passavam só havia destruição.

Navalha morrera literalmente comido por aqueles caras. Talvez agora mesmo estivesse se levantando e comendo outras pessoas, pois era isso que eles faziam – Zeca mesmo tinha visto com seus próprios olhos quando resgatara a menininha dos braços da mãe morta-viva que tinha esquecido quem era a própria filha.

Será que sua mãe também estaria assim, agora, em algum lugar?

Não tinha como saber. Zeca nem ao menos se lembrava direito da mãe. Ela tanto podia estar morta quanto viva. Talvez já estivesse morta bem antes de toda essa loucura começar. Ele não se lembrava dela e nem queria. O que lembrava já era bastante doloroso: ela o entregara a Navalha para pagar dívidas de drogas. Zeca não entendia porque Navalha cuidara dele – apesar do jeito torto. Mas ele cuidara. Nas poucas vezes em que Zeca se atreveu a perguntar, Navalha apenas respondera que o menino não era de todo inútil, afinal ele fazia alguns serviços sujos para ele. Tanto faz, foi o que pensou o menino. Aquilo não tinha importância e, na verdade, era só perda de tempo pensar na mãe. Ela com certeza não pensava mais nele há muito tempo. E, talvez, logo mais todos estariam mortos de qualquer maneira.

Mas não eu, Zeca prometeu a si mesmo.

Então continuaram a correr. Zeca e a menina.

Conseguiram se distanciar da área onde havia aquele amontoado de monstros e, finalmente, puderam diminuir o passo e caminhar. Estavam exaustos, porém ainda vivos. A menininha parecia completamente sem fôlego, estava muito vermelha e suada, porém, por incrível que pareça, não emitiu nenhuma reclamação. Talvez ela não chorasse quando Zeca a encontrou apenas porque estava em choque. Talvez, pensou Zeca, aquela menina fosse mais durona do que ele imaginava. Navalha queria que se livrassem dela, porém, quem sobreviveu no final das contas fora ela e não ele. E Zeca precisava admitir que se não fosse pela garotinha ele poderia estar morto a uma hora dessas. A dica que ela deu de atirar na cabeça fora certa e preciosa.

Sentaram-se à sombra de um viaduto aparentemente vazio para descansar. Zeca ouviu seu estômago roncar, bem como o da menina. Ela encarava os próprios pés, muda novamente.

Zeca tinha vontade de perguntar muitas coisas a ela, porém, ao mesmo tempo, sentia aquela vontade estranha de nunca mais abrir a boca. A menina parecia sentir o

mesmo. O horror pelo qual tinham passado emudecera-os. Porém, a sobrevivência em conjunto também parecia ter construído um elo difícil de ser quebrado. Algo além das palavras.

O céu já se tornava alaranjado no horizonte. Logo anoiteceria. Os instintos de Zeca tornaram-se mais alertas: precisavam encontrar um lugar seguro para passar a noite, bem como água e comida. Ele verificou a pistola. Havia apenas três balas e, no meio da confusão, ele fizera a idiotice de se esquecer de apanhar os cartuchos extras no bolso de Navalha. Agora era tarde demais para voltar. Precisariam se virar com aquilo mesmo. O negócio era correr se avistassem mais monstros.

Zeca se levantou, observando a garotinha. Ela ergueu a cabeça para olhá-lo e seus olhos miúdos eram firmes. A menina também se levantou, encarando-o decidida. Lá estava novamente: as palavras não eram necessárias. Na verdade, era como se ela dissesse que o acompanharia onde fosse.

E naquele momento Zeca decidiu que jamais a deixaria para trás.

Eles voltaram a caminhar. Mantiveram-se próximos à marginal, porém fora dela, já que as grandes vias pareciam estar infestadas pelos monstros e Zeca sabia que precisavam evitar a qualquer custo um novo confronto direto. Apesar disso, ele mantinha a pistola bem firme na mão direita no caso de qualquer eventualidade.

Já era quase noite quando a menina apontou para algo no alto e não era para as estrelas, alheias a todo o horror que acontecia debaixo delas. A garotinha apontava para uma roda gigante.

– Um parque de diversões...? – Zeca murmurou, muito mais para si mesmo do que para a menina. Ele a encarou e a garotinha assentiu, como se o encorajasse a seguir em frente.

Os dois continuaram caminhando, Zeca sempre atento a novas criaturas, mas elas pareciam ter evaporado ou eles tinham conseguido um pouco de paz e sorte ao menos pelo resto do dia – só para compensar a falta dela no início dele. Chegaram a um enorme portão enferrujado. Do outro lado havia realmente um pequeno parque de diversões, daqueles que são montados no verão em terrenos vazios. Porém, o lugar agora parecia abandonado e sombrio sem as luzes a iluminar seus brinquedos. Ainda assim, era um abrigo.

– Nós vamos ter que escalar o portão. – Zeca disse.

A menina, porém, balançou a cabeça de um lado para o outro e começou a se esgueirar pelas barras de ferro. Era tão pequena e magricela que, após alguns minutos, conseguiu ultrapassá-las, deixando um Zeca sozinho e impressionado do outro lado.

Finalmente, pela primeira vez desde que a conhecera, a menina sorriu, quase divertida. Zeca percebeu o que ela queria dizer. *Ela não precisaria pular o muro, mas Zeca sim.*

Sendo assim, o menino começou a escalar o portão de ferro. Não era muito difícil, afinal, ele já invadira outros lugares da mesma maneira. O único porém era que o portão era bastante alto e, quando Zeca pulou das barras para o chão a aterrissagem não fora das melhores. Ele se desequilibrou e caiu de bunda no chão, estatelado. A menina começou a rir com vontade, segurando a barriga. Fora a primeira vez que Zeca ouvira sua voz após o alerta dela de como matar os monstros. Era tão bom ouvi-la rindo que o menino começou a rir também.

Juntos, eles atravessaram a entrada comprida do parque. Ele estava escuro e sombrio, porém ainda era colorido e cheio de atrações. Zeca não conhecia nada daquilo, afinal, nunca visitara um parque. Na rua não havia tempo para ser criança, muito menos para se divertir em brinquedos caros. A menina, porém, sorria maravilhada e, quando percebeu que Zeca não a acompanhava, ela começou a apontar para os lugares e explicar o que faziam ou como se brincava.

– Ali. – ela apontou para uma barraquinha com vários bichinhos de pelúcia em estantes. Havia também uma torre de garrafas coloridas empilhadas. A menina correu e apanhou uma bola surrada de pano que estava sobre o balcão. – Aqui, você tem que atirar nelas! – ela apontou para as garrafas. – Se conseguir derrubar todas, nós ganhamos um ursinho!

Zeca riu, uma risada um pouco vazia.

– Nós não precisamos jogar. Não há ninguém aqui. A cidade está morta. Basta pegar um dos ursinhos e pronto.

– Não! – a menina exclamou com os olhos arregalados; parecia quase insultada. – Isso é *roubar*. Minha mãe... – ela parou de falar por um instante, engasgada, porém em seguida se forçou a continuar e parecia tão decidida quanto antes. – Minha mãe disse que não pode! Além disso, jogar é a parte mais divertida!

Ela estendia a bola de pano para Zeca como se fosse um tesouro inestimável.

– Certo. Você me convenceu. – ele disse, meio bravo, meio sorrindo, e apanhou a bola. Estava puída e meio podre, quase desmanchava na mão.

Zeca se aproximou do balcão, sentindo os olhos arregalados e ansiosos da menininha em si. Ele ergueu o braço, observou as garrafas, pensou em todas elas caindo de uma vez, mirou e jogou a bola.

A menininha riu alto.

– Você é muito ruim! Passou longe!

Zeca fez uma careta, emburrado. Não dava para aceitar que ele acertasse um homem morto na cabeça e não conseguisse acertar meia dúzia de garrafas empilhadas. Era aquela bola velha e maldita, com certeza. Ele apanhou outra bola do balcão: parecia menos podre do que a anterior, mas só um pouco.

– Não desista. – a menina disse. – Eu quero um bichinho.

– Tá bem, tá bem.

Zeca tentou mais três vezes antes de conseguir derrubar todas as garrafas. A menina riu todas as vezes e, na última, bateu palmas, muito animada. Ela apontou para um gatinho de pelúcia e Zeca o apanhou, entregando a ela em seguida. A menina se abraçou ao gatinho, feliz de verdade. Aquilo aqueceu o coração do menino.

– Vamos, a gente precisa encontrar comida.

Os dois continuaram caminhando. Zeca estava atento, porém o parque parecia deserto. Talvez tivesse sido abandonado antes de toda aquela confusão. Por um lado isso era bom, pois não havia ameaça; por outro, era ruim, pois provavelmente não havia comida.

Por sorte, encontraram uma torneira alguns metros adiante. Zeca a abriu e uma água suja saiu por ela. Ele não deixou a água correr: bebeu-a mesmo suja, pois a sede era grande demais e tinha medo que se esperasse muito ela parasse de funcionar. Quando terminou, olhou para a menina, acreditando que ela reclamaria, porém ela apenas segurou o gatinho longe da água para que ele não se molhasse, inclinou a cabeça e bebeu com avidez, sem se importar com o tom escuro e barroso do líquido.

Zeca procurou ao redor e encontrou uma garrafa de plástico velha no lixo. Foi uma bênção; ele a encheu até o topo com a água barrenta. Precisavam se prevenir para as horas seguintes.

Porque era assim que se vivia agora: pensando apenas no momento seguinte, pois o futuro não existia no horizonte. Zeca não achava que isso era um problema muito grande, afinal, toda a sua vida fora regida por esse sistema perverso.

Eles procuraram muito até encontrarem as barraquinhas de comida. Como era de se esperar, não havia quase nada que pudessem aproveitar. Porém, a menininha encontrou no fundo de uma prateleira um pacote inteiro de salgadinhos – daqueles que pareciam isopor e eram extremamente salgados –, bem como um pacote de pipocas doces. Zeca decidiu que naquela noite não seriam prudentes: a fome era cruel. Abriram os dois pacotes e comeram tudo em poucos minutos. Parecia a melhor comida da vida de Zeca e da menina também.

As crianças se enroscaram juntas no chão, no canto de uma barraquinha de tiro ao alvo, no lugar mais escuro e seguro que puderam encontrar. Ali dormiram juntos, as respirações tranquilas e ritmadas, o medo afastado por algumas horas.

Porém, o medo não ficou distante por muito tempo.

Zeca acordou com o barulho de gorgolejos horripilantes. Ele despertou de uma vez só, assustado, e percebeu que fora um erro dormir tão calmamente, sonhando que estavam seguros. Os monstros haviam invadido o parque.

Ele acordou a menininha que, percebendo depressa o problema, agarrou-se ao gato e sentou-se alerta e completamente desperta. Não precisavam de palavras. Zeca

observou por alguns minutos a cena. Havia duas daquelas criaturas rondando a barraquinha, porém eles ainda não pareciam ter percebido a presença das crianças. O menino esperou que os monstros se afastassem apenas o suficiente para que pudessem se esgueirar para fora da barraquinha em segurança.

Só que não havia mais segurança. O mundo estava perdido e os dois estavam mortos.

Havia muito mais daqueles monstros ao redor e as duas crianças certamente não passaram despercebidas. Escapar parecia impossível, porém, após uma troca silenciosa de olhares, os dois decidiram que precisavam tentar.

E então eles correram.

Correram o máximo que suas pernas permitiam. Seguiram desviando de brinquedos velhos, pulando objetos, evitando aquelas coisas. Em algum momento a menina gritou; Zeca se virou por apenas um segundo para trás, só a tempo de perceber que ela acabara de perder o gatinho de pelúcia. Mas a menina, apesar dos olhos cheios de lágrimas, continuou a correr, como se percebesse que salvar sua vida era mais importante. Como eles puderam invadir o parque tão rápido sendo que no dia anterior o lugar estava vazio?! Zeca não conseguia encontrar nenhuma explicação, porém, se sobrevivessem, não poderiam mais ser tão imprudentes. O mundo não permitia descanso ou distrações. De alguma maneira, a vida tinha se tornado ainda mais cruel do que era antes.

E a vida não parava de rir deles, daquele jeito maligno que sempre riu de Zeca.

Isso porque chegaram a um muro de tijolos muito alto, um beco sem saída. Zeca procurou por onde subir. Apalpou os tijolos e encontrou ranhuras. Não havia nada. Apenas... *elas*. Chegando cada vez mais perto.

A menina apontou para uma árvore. Aquilo sim Zeca poderia escalar.

Mas e a menina?

Ela soltou sua mão pela primeira vez desde que começaram a correr. Zeca se virou para olhá-la. A menina sem nome encarava o alto da árvore com seus olhos apertados e tristes. Os dois estavam conscientes do barulho das criaturas cada vez mais perto, mortas de fome, mas ainda muito vivas.

– Não posso.

– Suba nas minhas costas!

– Não posso... – a menina repetiu, afastando-se sem tirar os olhos de Zeca. – Aquele homem estava certo. Eu só vou atrasar você.

– Ele estava errado. Eu consigo. Você consegue! Suba nas minhas costas.

A menina mexeu a cabeça de um lado para o outro, dando mais um passo para trás.

– Não dá. – ela indicou a árvore. Zeca a olhou também. Ele mal acreditava que pudesse sustentar seu peso, ainda mais o dele junto com o da menina. Tinha pedido

para que ela subisse nas suas costas, mas não conseguia imaginar como escalaria a árvore com aquele peso. Talvez fosse apenas o suficiente para que subisse e se agarrasse ao muro, para depois pulá-lo. Mas duvidava que a menina conseguisse pular também.

Mas não queria deixá-la. Como poderia?

Ela não tinha mais ninguém. E ele também não tinha mais ninguém.

– Vá viver. – a menina disse firme e corajosa e, antes que Zeca pudesse responder, a menina sem nome correu com suas pequenas perninhas na direção das criaturas. Ainda passou pelas pernas de algumas até ser finalmente apanhada.

As criaturas estavam muito interessadas naquela carne fresca para prestarem atenção em Zeca, que conseguiu pular o muro, mas não conseguia apagar da memória os olhos da menina.

Ela tinha salvado sua vida duas vezes. E ele nem sequer agradeceu. Nem ao menos sabia seu nome.

Estava sozinho agora.

Jamais poderia perguntar qual era nome da menina.

Do alto, observou a menina morrendo. Parte por parte.

Gota a gota.

Lúcio Manfredi

nasceu em São Paulo, em 1970, e vive no Rio de Janeiro desde 2001. É escritor e roteirista da TV Globo, com contos publicados nas antologias *Intempol* (2001), *Histórias do Olhar* (2002), *Como Era Gostosa a Minha Alienígena* (2002), *Vinte Voltas ao Redor do Sol* (2005), *Dez Contos de Terror* (2009), *Galeria do Sobrenatural* (2009) e *Paradigmas 3* (2009). Publicou os romances *Dom Casmurro e os Discos Voadores* e, em 2015, *Encruzilhada*.

Nikelen Witter

é escritora e historiadora. Autora de livros e artigos na área de História, além de colaboradora em diversas publicações on line, nos últimos anos tem publicado contos em diversas antologias de ficção fantástica. Desde 2012, pertence ao time dos organizadores da Odisseia de Literatura Fantástica de Porto Alegre e seu romance de estreia, a aventura juvenil *Territórios Invisíveis*, foi indicado como um dos finalistas ao Prêmio Argos 2013, concedido pelo Clube de Leitores de Ficção Científica.

Yvis Rissi Tomazini

Um aspirante a escritor que não gosta de escritórios, curte *rock'n roll* e é chegado em cachorros! Publicou nas antologias *Jogos Criminais*, *Cursed City* e ficou em 2º lugar no Prêmio Literário Profº Mario Carajabal de Poesias – Concurso Nacional da ALB/SC. Atualmente trabalha na fase final de seu primeiro romance.

Clara Madrigano

é escritora e jornalista, finalista premiada pelo concurso de roteiros do produtor da BBC John Yorke, além de ser alérgica a gatos (ela quer que todos saibam). Publicou em e-book os contos *A toca das fadas* e *Especial Natalino*.

Daniel Folador Rossi

Capixaba nascido na capital e criado no interior, um terço engenheiro e dois terços escritor. Participou de algumas coletâneas de contos e atualmente mantém um blog, onde dá vida às ideias que teimam em persegui-lo. Blog eisoptron.blogspot.com.br [Facebook.com/eisoptron](https://www.facebook.com/eisoptron)

Laísa Couto

é uma poesia quebrada. De dia sopra histórias ao vento. De noite explora nebulosas e colhe lágrimas de deuses esquecidos. Quando dorme, apenas sonha. É a autora da série de fantasia que começou com o romance *Lagoena - O Portal dos Desejos* (2014).

Blog lagoenaoficial.blogspot.com.br [facebook.com/lagoenaoficial](https://www.facebook.com/lagoenaoficial)

Fernando Salvaterra

nasceu em Arapongas, PR. Entrou numa biblioteca empenhada em lembrar o que não aconteceu e nunca mais saiu. Alguns contos publicados. Os resultados variam. Blog riscadoecontornado.blogspot.com Twitter @tintureiro

Roberta Spindler

nasceu em Belém do Pará, em 1985. Graduada em publicidade, também trabalha como editora de vídeos. Nerd confessa, adora quadrinhos, games e RPG. Escreve desde a adolescência e é apaixonada por literatura fantástica. Tem contos publicados em diversas antologias e é coautora de *Contos de Meigan – A Fúria dos Cártagos*. *A Torre Acima do Véu* é seu segundo romance. Twitter: @robertaspindler Facebook.com/robertaspindlerautora Blog: www.ruidocriativo.wordpress.com

André S. Silva

é carioca, funcionário público e estudante de Letras na UFRJ. Começou na literatura escrevendo *fanfictions* inspiradas no seriado Arquivo X, ainda nos anos 90. Foi colaborador da OTP Filmes na roteirização de curtas-metragens, teve contos premiados no Desafio Literário 2011 e no prêmio Henry Evaristo de Literatura Fantástica 2012, ambos pelo site A irmandade, e publicou em *Dragões* (2012) e *Solarpunk* (2013). Twitter @andressilva

Karen Alvares

Conta histórias para o papel há tanto tempo que nem lembra quando começou. Autora do romance *Alameda dos Pesadelos* (2014) e organizadora de *Piratas* (2015) foi também publicada em revistas e antologias de contos, como *Dragões* (2012) e *Meu Amor é um Sobrevivente* (2013), e premiada em concursos literários nacionais. Apaixonada por mundos fantásticos, histórias de terror, chocolate e gatinhos, vive em Santos/SP com o marido e cria histórias enquanto pedala sua bicicleta pela cidade.